UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JESSICA KWAN WAH MAK

FORMAÇÕES DE VERBOS MANUAIS NA LIBRAS

Guarulhos
2021

JESSICA KWAN WAH MAK

FORMAÇÃO DE VERBOS MANUAIS NA LIBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Dias Minussi

Guarulhos

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Mak, Jessica Kwan Wah

Formações de verbos manuais na libras / São Paulo / Jessica Kwan Wah Mak. - 2021

Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Dias Minussi

Sign Formation in Brazilian Sign Language

1. Libras. 2. Morfologia. 3. Verbos manuais. I. Minussi, Rafael Dias. II. Título

JESSICA KWAN WAH MAK

FORMAÇÕES DE VERBOS MANUAIS NA LIBRAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Dias Minussi

Aprovado em: __/__/__

Prof. Dr. Rafael Dias Minussi

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

(Orientador)

Profª. Dra. Aline Garcia Rodero-Takahira

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Profª. Dra. Fernanda Miranda Cruz

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof. Dr. André Nogueira Xavier

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

(Suplente)

Dedico este mestrado à Rebeca Yp Wah Mak, Arya Mak e à Tam Shuet Man.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao Prof. Dr. Rafael Dias Minussi por ter aceitado embarcar nesta jornada comigo. Agradeço por me orientar, por ser tão compreensivo com as minhas dificuldades e, principalmente, pela paciência.

Agradeço ao Rafael Dias Minussi e à Maria Lúcia Dias Mendes por me ensinarem a ser a pesquisadora que sou hoje, muito obrigada por todo o aprendizado e por serem mestres exemplares.

Ao prof. Dr. Marcio Hollosi por me apresentar a libras e pelas reflexões acerca da comunidade surda.

À Profª Dra. Fernanda Cruz por me acolher no Programa de Aperfeiçoamento Didático e por trazer tantas discussões importantes para o meu trabalho, agradeço pelo carinho e pela atenção.

Às Profªs Aline Garcia Rodero-Takahira e Fernanda Miranda Cruz por aceitarem fazer parte da banca, pela leitura minuciosa e pelas valiosas contribuições a este trabalho.

Agradeço aos meus colegas de Pós-Graduação, em especial Carol, Dani e Mari pelas discussões e, principalmente, pelo companheirismo.

Obrigada, Caroline Oliveira pela amizade, pela ajuda e pelo apoio nos momentos difíceis.

À Tam Shuet Man por ter me ensinado os valores da nossa cultura que levarei com muito orgulho para o resto da minha vida. Obrigada por me amar, é graças a você que eu me tornei a mulher que eu sou hoje.

Obrigada, Rebeca Yp Wah Mak, minha querida irmã, que por tantas vezes se abdicou para que eu pudesse realizar essa pesquisa, serei eternamente grata por tudo. Eu te amo.

À Marina Izar Verninano, minha grande amiga, muito obrigada mesmo por todo o suporte desde a graduação. Agradeço imensamente pelo apoio moral e acadêmico, pois sem você eu não teria chegado ao fim.

Agradeço às melhores pessoas do mundo, Marília Paiva, Larissa Paiva, Rebeca Mak e Marina Verniano. Obrigada por todas as vezes que vocês me ouviram, pelo apoio incondicional e por acreditarem em mim mesmo quando eu não acreditava, muito obrigada, minhas irmãs.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo geral realizar a descrição da formação dos verbos manuais da língua Brasileira de Sinais (libras). Para Padden (1988), os verbos nas línguas de sinais são divididos em três categorias: verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais ou manuais. Sobre os verbos manuais, Ferreira (2013) afirma que eles são formados pelo processo de derivação, pois, segundo a autora, o verbo não possui sinal próprio e um instrumento assume o papel do verbo numa sentença. Já Lourenço e Silva (2015) afirmam que os verbos manuais são formados a partir da incorporação. O nosso objetivo específico é analisar a formação dos verbos manuais na libras. Para a realização desta pesquisa, utilizamos um modelo teórico dentro da Linguística Gerativa: a Morfologia Distribuída que foi postulada por Halle e Marantz (1993). O modelo da MD pode ser tomado para análise de qualquer língua, seja ela oral ou viso-gestual, como a libras. Minussi e Rodero-Takahira (2013) afirmam que os cinco parâmetros da libras podem constituir parte de uma raiz abstrata e os parâmetros abstratos podem ter informações específicas e determinar a semântica de um sinal, logo, os parâmetros podem ser considerados traços. Com isso, investigamos se a formação dos verbos manuais é através do processo de derivação, incorporação, composição ou fusão, conforme apresentado por Xavier e Neves (2016). Para isso, descrevemos os sinais e os inserimos, a princípio, em três categorias: verbos locativos, verbos classificadores de entidade e verbos classificadores de instrumentos. Após a análise, propomos uma nova categoria de verbos chamada de verbos com a configuração de mão classificadora, no qual, não há o uso de um instrumento na realização desses verbos. Além disso, notamos que nem todos os verbos manuais apresentam incorporação, conforme sugerido por alguns autores. Observamos, também, que a maioria deles são formados a partir do processo de composição e a quarta classe, proposta neste trabalho, é formada por *blend*.

Palavras-chave: Libras; Morfologia Distribuída; Verbos manuais.

Abstract

The aim of this research is to describe the formation of signs in the Brazilian Sign Language (libras). According to Padden (1988), verbs in sign languages are divided into three categories: simple verbs, agreement verbs and spatial or manual verbs. Ferreira (2013), when referring to manual verbs, states that they are formed by the derivation process, because, according to the author, the verb does not have its own sign and an instrument assumes the role of the verb in a sentence. Lourenço and Silva (2015), on the other hand, state that manual verbs are formed from incorporation. Our main objective is to analyze the formation of manual verbs in libras. To carry out this research, we used a theoretical model within Generative Linguistics: the Distributed Morphology that was postulated by Halle and Marantz (1993). The MD model can be used to analyze any language, whether auditory-oral or visual-gestural, such as libras. Minussi and Rodero-Takahira (2013) state that the five parameters of libras can form part of an abstract root and the abstract parameters can have specific information and determine the semantics of a sign, so the parameters can be considered features. Hence, we investigate whether the formation of manual verbs is through the derivation process, incorporation, composition or fusion, as presented by Xavier and Neves (2016). For this, we describe the signs and insert them, in principle, into three categories: locative verbs, entity classifier verbs and instrument classifier verbs. After the analysis, we propose a new category of verbs called verbs with the classifier handshape, in which there is no use of an instrument in the realization of these verbs. Furthermore, we note that not all manual verbs have incorporation, as suggested by some authors. We also observe that most of them are formed from the composition process and the fourth class, proposed in this work, is formed by blend.

Keywords: Brazilian Sign Language, Morphology, Verbs of Motion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1……...17
Figura 2……...18
Figura 3……...19
Figura 4……...21
Figura 5……...23
Figura 6……...24
Figura 7……...24
Figura 8……...26
Figura 9……...26
Figura 10…… 27
Figura 11……28
Figura 12……29
Figura 13……29
Figura 14……30
Figura 15……30
Figura 16……31
Figura 17……31
Figura 18……32
Figura 19……33
Figura 20……33
Figura 21……34
Figura 22……34
Figura 23……35
Figura 24……35
Figura 25……36
Figura 26……36
Figura 27……36
Figura 28……37
Figura 29……37
Figura 30……38

Figura 31……39
Figura 32……39
Figura 33……40
Figura 34……41
Figura 35……41
Figura 36……41
Figura 37……42
Figura 38……46
Figura 39……47
Figura 40……48
Figura 41……48
Figura 42……52
Figura 43……53
Figura 44……53
Figura 45……53
Figura 46……55
Figura 47……59
Figura 48……60
Figura 49……61
Figura 50……62
Figura 51……62
Figura 52……63
Figura 53……64
Figura 54……66
Figura 55……66
Figura 56……66
Figura 57……67
Figura 58……68
Figura 59……68
Figura 60……69
Figura 61……69
Figura 62……70

Figura 63……77
Figura 64....……78
Figura 65……78
Figura 66……80
Figura 67……80
Figura 68……80
Figura 69……81
Figura 70……81
Figura 71……81
Figura 72……82
Figura 73……83
Figura 74……83
Figura 75……83
Figura 76……83
Figura 77……84
Figura 78……86
Figura 79……86
Figura 80……86
Figura 81……87
Figura 82……87
Figura 83……88
Figura 84……88
Figura 85……89
Figura 86……90
Figura 87……90
Figura 88……91
Figura 89……91
Figura 90……92
Figura 91……92
Figura 92……93
Figura 93……93
Figura 94……99

Figura 95……106
Figura 96……107
Figura 97……108
Figura 98……109
Figura 99……110
Figura 100……110
Figura 101……110
Figura 102……112
Figura 103……112
Figura 104……113
Figura 105……114
Figura 106……114
Figura 107……115
Figura 108……115
Figura 109……116
Figura 110……116
Figura 111……117
Figura 112……117
Figura 113……118
Figura 114……118
Figura 115……119
Figura 116……119
Figura 117……120
Figura 118……120
Figura 119……121
Figura 120……122
Figura 121……123
Figura 122……123
Figura 123……123
Figura 124……124
Figura 125……125
Figura 126……126

Figura 127……126
Figura 128……126
Figura 129……127
Figura 130……128
Figura 131……128
Figura 132……129
Figura 133……129

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana (*American Sign Language*)
AUX	Auxiliar
CL	Classificador
CM	Configuração de Mão
DIR	Direcionalidade (ou O, Orientação da mão)
ENM	Expressão Não Manual
ISL	Língua de Sinais Israelense
LO	Língua Oral
LS	Língua de Sinal
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSF	Língua de Sinais Francesa
M	Movimento
MD	Morfologia Distribuída
NGT	Língua de Sinais Holandesa
Or	Orientação da palma da mão (ou D, Direcionalidade)
PA	Ponto de Articulação
PB	Português Brasileiro
SN	Sintagma Nominal

Sumário

1.Introdução……..……17
2. Aspectos linguísticos da libras…….…....23
2.1 Os parâmetros na libras…….….25
2.1.1 Configuração de mão……..……....25
2.1.2 Ponto de articulação……..…..28
2.1.3 Movimento…….….32
2.1.4 Orientação de mão……..38
2.1.5 Expressões não-manuais…….40
2.2 Considerações do capítulo……..43
3 Pressupostos teóricos……..…...44
3.1 Morfologia Distribuída……..…..…...44
3.1.1 Morfologia Distribuída nas línguas de sinais……..46
3.2 Classificadores nas línguas de sinais……...…...56
3.2.1 Supalla (1986) e o Sistema de Classificadores na ASL……...……...56
3.2.2 Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira: Veloso (2008).....61
3.3 Incorporação: das línguas orais às línguas viso-gestuais……..……71
4 Os verbos manuais: tipos de complemento e aspectos morfológicos……...……77
4.1 Um estudo sobre os verbos manuais da língua de sinais brasileira: Ferreira (2013).....78
4.2 Descrição de aspectos morfológicos da libras: Xavier e Neves (2016).....85
4.3 Verbos manuais em libras: uma análise sob a perspectiva da incorporação (LOURENÇO e SILVA, 2015).....93
5. Descrição e análise dos dados……..98
5.1 Seleção e coleta de corpus……..98
5.2 Apresentação dos dados…….99
5.3 Verbos manuais locativos……..…108
5.4 Verbos manuais classificadores de entidade…….111
5.5 Verbos manuais classificadores de instrumento……...113

5.6 Verbos com configuração de mão classificadora……121
5.7 Expressões idiomáticas……...127
5.8 À guisa de conclusão……...130
Conclusão……...132
Referências ……..…….134

1 Introdução

O estudo sobre os processos de formação e/ou modificação de palavras é algo muito presente na agenda dos estudos das línguas naturais. Contudo, se analisarmos e compararmos esse tipo de estudo nas línguas orais e nas línguas de sinais, notaremos que as pesquisas são mais recentes e menos numerosas nas línguas de sinais. Tendo isso em vista, o objetivo geral desta dissertação é analisar e descrever a formação de verbos manuais na Língua Brasileira de Sinais (libras, daqui para frente).

Seguindo a perspectiva de Padden (1988), as línguas de sinais apresentam três tipos de verbos: simples, com concordância e espaciais (verbos de movimento ou manuais). Os verbos simples são aqueles que não apresentam nenhum tipo de marca morfológica de concordância. Temos como exemplo desse tipo de verbo GOSTAR, DORMIR e SENTIR que são ancorados no corpo. Por sua vez, os verbos com concordância são conhecidos também como verbos direcionais e eles são flexionados em número, pessoa, aspecto e associados a marcações não manuais e ao movimento direcional. Já os verbos manuais, segundo Quadros e Karnopp (2004: 204), são aqueles que apresentam uma configuração de mão (CM) que representa o objeto. Esse tipo verbal mostra a relação entre objeto e a ação que é expressa claramente no espaço do sinalizador. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), os verbos manuais apresentam uma característica comum na estrutura: uma mão é deixada no espaço para incorporar o objeto, ou complemento selecionado pelo verbo e serve de base para ele. Tomamos como exemplo o verbo PINTAR. De acordo com Capovilla et al (2017, p. 2189), o verbo PINTAR (na sentença PINTAR PAREDE) apresenta a configuração de mão esquerda vertical aberta, com a palma da mão voltada para direita; a mão direita deve ser vertical e aberta, voltada para o lado esquerdo tocando a palma esquerda. Deve-se mover a mão direita para baixo, virar a palma para a direita e passar o dorso dos dedos para cima, sobre a palma esquerda, imitando o movimento de um pincel.

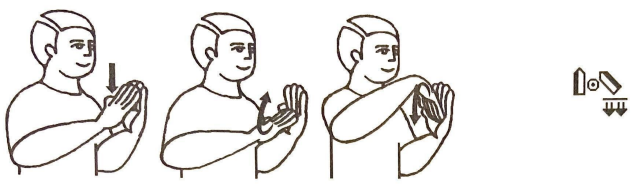


Figura 1: sinal de PINTAR (CAPOVILLA *ET AL,* 2017, p. 2189)

Nesta dissertação, selecionamos oito verbos manuais da libras: ABRIR, ACENDER, BALANÇAR, BATER, CAIR, ESCOVAR, FECHAR e PINTAR, que foram retirados do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A libras em suas mãos (Capovilla *et al*, 2017). Optamos por utilizar o dicionário, pois ele é referência para os estudos linguísticos da libras e para a comunidade surda brasileira.

No que tange aos aspectos linguísticos da libras, e das línguas de sinais de modo geral, deve-se, em primeiro lugar, estar atento para o fato de que as línguas de sinais não são uma versão sinalizada das línguas orais. A libras possui uma estrutura própria e é independente do português, uma vez que não se trata do português brasileiro (doravante PB) sinalizado. Ou seja, a libras é uma língua viva e natural que evoluiu e continua se transformando e se adaptando dia após dia, assim como toda língua oral. Nas línguas de sinais, o principal articulador é a mão, mas ele não é o único. As mãos são articuladas no espaço em frente ao corpo, na região da cabeça, na região dos braços e podem ou não o tocar. Na libras, os sinais podem ser feitos com as duas mãos ou com apenas uma delas. Se o sinal é realizado com uma mão, a mão sinalizante é chamada de dominante (direita para destros e esquerda para canhotos). Além disso, o corpo e a face também desempenham funções. Por exemplo, o sinal de BRAVO e SÉRIO são diferenciados pela expressão facial. Segundo Capovilla *et al.* (2017), o sinal de SÉRIO apresenta a mão em posição vertical aberta com a palma da mão voltada para trás, dedos separados e ligeiramente curvados na frente da testa, movimentando a mão com força para baixo. O sinal de BRAVO apresenta a mesma configuração de mão e movimento, mas com a testa franzida, fazendo uma expressão brava.

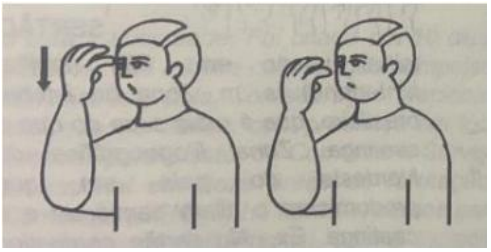


Figura 2: sinal de SÉRIO (CAPOVILLA ET AL, 2017, p. 2569)

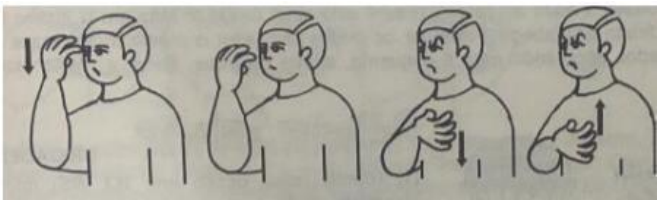


Figura 3: sinal de BRAVO (CAPOVILLA ET AL, 2017, p. 461)

De acordo com Quadros & Karnopp (2004, p.87), os sinais, assim como as palavras nas línguas orais, são divididos em diferentes categorias lexicais ou pertencem às classes de palavras como nome, verbo, advérbio ou adjetivo e tanto no português quanto na libras, as palavras e os sinais surgem pela junção de unidades mínimas de significado (morfemas). Entretanto, o processo combinatório na libras é diferente do português, pois nesta última ocorre a adição de um sufixo ou prefixo a uma raiz; enquanto na libras a formação de palavras nem sempre ocorre por processos majoritariamente concatenativos. Há outros elementos que também fazem parte da formação de um sinal: os classificadores, os quais têm como finalidade detalhar um acontecimento que pode ser uma cena, uma pessoa, um animal ou até mesmo um objeto, descrevendo o seu movimento, localização e/ou características como tamanho e/ou forma.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a libras também possui fonologia e o estudo fonológico contempla os elementos básicos das línguas de sinais e tem como objetivo determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais, quais são os padrões possíveis de combinação entre as unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico. Apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal, assim como as línguas orais (português, inglês, espanhol, francês, chinês, alemão etc.), as línguas de sinais são línguas naturais que possuem princípios linguísticos subjacentes, como as línguas orais, por exemplo, Léxico e Gramática. Segundo alguns autores, a libras apresenta cinco parâmetros que auxiliam na organização da língua, e são eles: 1) Configuração de mão (CM), 2) Ponto de articulação (PA), 3) Movimento (M), 4) Orientação da mão (Or) 5) Expressões não manuais (ENM). Esses cinco parâmetros são grupos de fonemas que, ao serem combinados, formam sinais.

Nesta pesquisa buscaremos, a partir da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1986), descrever os sinais da libras em termos de traços utilizando como escopo teórico a Morfologia Distribuída (MD), modelo dentro da linguística gerativa, postulado por Halle e Marantz (1993) e Marantz (1997). Para a MD, é na sintaxe que as palavras são formadas, excluindo,

dessa forma, o Léxico como um componente gerativo. A teoria sintática da morfologia é baseada em peças (*morpheme-based theory*); expressões/objetos linguísticos complexos, que são construídos a partir de morfemas abstratos e essas combinações se dão através das estruturas sintáticas. Ao excluir o Léxico como um local gerativo, a MD se caracteriza como um modelo não-lexicalista e, como consequência, há uma reformulação na arquitetura da gramática. Daremos mais detalhes sobre o modelo teórico no Capítulo 3.

Ferreira (2013) traz uma análise dos verbos manuais na libras, utilizando como referencial teórico a Teoria Gerativa, e busca investigar se eles são formados pelo processo de incorporação ou por derivação. Ela propõe que os verbos manuais se dividem em três categorias: (i) locativos (COLOCAR, IR, CHEGAR), (ii) classificador de entidade (ANDAR, ANDAR-ANIMAL, ANDAR-PESSOA) e (iii) classificadores de instrumento com uma CM que representa o objeto (CORTAR-COM-TESOURA, PINTAR-COM-PINCEL, PASSAR-A-FERRO). Em sua análise, a autora afirma que não ocorre incorporação, pois CORTAR, PENTEAR, ABRIR, PASSAR e PINTAR não possuem sinais próprios (FERREIRA, 2013, p.76) e conclui que os verbos manuais são formados pela derivação, já que há itens lexicais na libras que são usados para mais de uma classe.

Com relação aos estudos sobre os aspectos morfológicos da libras, ressaltamos a importância do trabalho de Xavier e Neves (2016), que busca entender como se dá a formação de palavras na libras. Os autores explicam que há alguns processos que resultam na modificação de alguns sinais na libras e não geram a formação de uma nova palavra, mas, sim, diferentes formas de um mesmo sinal. Isso acontece quando um sinal passa por um processo chamado de incorporação. Diferentemente da flexão, a incorporação não ocorre de forma regular e é dividida entre: incorporação de numeral, de negação, de localização (que se aplica a verbos direcionais e sinais locativos), de objeto e de intensidade. Quanto ao processo de formação de sinais, Xavier e Neves (2016) afirmam que há três processos em que pode ocorrer a criação de um sinal: (i) derivação por alteração de parâmetros do sinal primitivo, em que um dos cinco parâmetros é modificado de alguma forma, (ii) por composição que, segundo Rodero-Takahira (2015), é quando um novo sinal é formado pela justaposição de outros dois sinais ou pela realização simultânea de outros dois sinais e (iii) pela fusão, que é a junção de pedaços de palavras primitivas resultando em uma nova palavra como ocorre nas palavras *chafé* (chá e café) e *sapatênis* (sapato e tênis) no português, e em LETRAS-LIBRAS na libras:

Figura 4: Exemplo de fusão na libras

Lourenço e Silva (2014) investigam as construções com os verbos manuais sob o escopo teórico da linguística gerativa, assim como Ferreira (2013), mas com uma perspectiva diferente da autora, uma vez que propõem uma explicação sintática e sob a perspectiva da incorporação. Os autores utilizam a ideia de *conflation* de Hale e Keyser (1993, 2002) e explicam que esse é um tipo específico de incorporação, em que há o movimento da matriz fonológica de um núcleo, para um núcleo vazio sem realização morfológica, o que resulta numa única palavra. Lourenço e Silva (2014) acreditam que esta é uma abordagem interessante, "pois permite pensarmos na fusão de um núcleo com outro não realizado foneticamente, diferente do processo de incorporação, além de possibilitar se pensar na ordem frasal" (LOURENÇO e SILVA, 2014, p.1720). Na análise, os autores mostram que o instrumento é incorporado ao núcleo P, que, depois, se incorpora ao núcleo do VP.

A fim de discutir melhor a incorporação, tomamos o texto de Saraiva (1996), que analisa o comportamento gramatical do SN (sintagma nominal) nu no português. O SN nu é constituído apenas por nome comum na sua forma básica (núcleo) e não tem marca de plural. A autora apresenta algumas possibilidades de colocação do SN nu em algumas estruturas superficiais, faz a descrição dos traços semânticos do elemento e levanta a hipótese de incorporação semântica do SN nu ao verbo. Contudo, antes de verificar a incorporação de SN nu, a autora apresenta os pressupostos teóricos de Baker (1988) aplicados em outras línguas, como a língua onondaga e algumas outras línguas indígenas. Apesar do nosso trabalho não ser sobre o PB, esse trabalho dialoga com a formação dos verbos manuais na libras, uma vez que a autora explica o fenômeno da incorporação e como ele se manifesta em muitas línguas. Desse modo, percebemos que algumas características da incorporação parecem se manifestar também na libras.

Como já dissemos no início, esta pesquisa tem como objetivo geral descrever a formação dos verbos manuais em libras e para isso tomamos como objetivo específico, por meio de um recorte, a descrição e análise da formação dos verbos manuais, por meio da MD (MARANTZ, 1997; MINUSSI e RODERO-TAKAHIRA, 2013).

Tendo em vista as afirmações de Ferreira (2013), Lourenço e Silva (2014), Xavier e Neves (2016) os objetivos mais específicos são os seguintes:

a) Descrever a formação dos sinais de um conjunto de verbos manuais, tomando como base os parâmetros fonológicos, considerados também morfemas conforme (MINUSSI e TAKAHIRA, 2013), os quais tomam como arcabouço teórico a MD. Desse modo, analisaremos a formação desses verbos, com base nesses pressupostos teóricos.
b) A partir da descrição contida em Xavier e Neves (2016), discutir e analisar os tipos de incorporação (numeral, negação, localização, do formato do objeto, intensidade) e processos de formação (derivação por alteração de parâmetros do sinal primitivo, composição e fusão) encontrados no conjunto de verbos selecionados. Ao analisar o processo de incorporação, vamos verificar se, de fato, os verbos manuais são formados pela incorporação e, caso ocorra esse processo, quais são os tipos de incorporação presentes nessa classe.
c) A partir de Ferreira (2013), discutir as categorias de verbos manuais, tendo em mente os tipos de classificadores e as configurações de mão. Para essa discussão, é crucial descrevermos os tipos de complementos que são incorporados nos verbos, caso haja incorporação nos verbos manuais.

A análise presente nessa dissertação é a de que a classe de verbos manuais não parece ser uma classe homogênea, podendo apresentar diferenças que dizem respeito aos processos morfológicos que envolvem a formação do sinal, além do tipo de complemento que é incorporado no verbo. Sendo assim, sugerimos que um mesmo verbo pode estar alocado em diferentes categorias de verbos manuais e ele se caracteriza, principalmente, pelo processo de composição simultânea ou pelo processo de *blending*, que pode criar, inclusive, um tipo de raiz verbal especial.

2 Aspectos linguísticos da libras

A libras é uma língua natural, assim como o português, e é utilizada pela comunidade surda brasileira. Ela possui uma estrutura própria, portanto, ela não é uma versão sinalizada de uma língua oral, como muitos ainda acreditam. Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a libras possui uma estrutura complexa com um núcleo, léxico nativo, léxico não-nativo e a soletração manual. No léxico não-nativo são encontradas palavras do português que não possuem um sinal equivalente e, para isso, utiliza-se a datilologia, como, por exemplo, o sinal DIAFRAGMA, conforme já foi apontado na introdução. No PB, é possível observar que foram incorporadas muitas palavras estrangeiras: abajur, delete, sutiã, xampu e fitness são alguns desses exemplos. Um tipo parecido de empréstimo também ocorre na libras. Alguns sinais são derivados da soletração manual de uma determinada palavra do português. Por exemplo, o sinal AZUL, que se inicia com a mão em configuração da letra A, fazendo-se movimento em Z e termina com a mão em configuração em L, ou seja, o sinal é AZL. Segundo Capovilla *et al.* (2017, p. 337,), o sinal apresenta a configuração de mão em A com a palma da mão voltada para frente descrevendo a letra Z, mudando a configuração de mão para L. Quadros & Karnopp (2004) ainda ressaltam que a soletração manual não é uma representação direta do português, mas sim uma representação manual da ortografia do português.

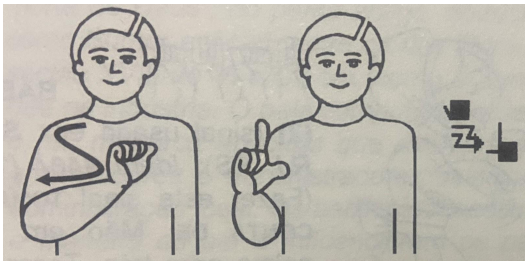


Figura 5: sinal de AZUL (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 337)

Segundo Cristófaro Silva (2004), nas línguas orais, o articulador é o aparelho fonador constituído pelos pulmões, brônquios, traqueia, laringe e as cavidades supralaríngeas. Para que os sons da fala se realizem, são necessárias três condições: corrente de ar, obstáculo encontrado por essa corrente de ar e uma caixa de ressonância. Nas línguas de sinais, as mãos funcionam como articuladores primários e elas se movimentam no espaço em frente ao corpo

e até mesmo no próprio corpo do sinalizador. Contudo, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 60), as mãos não são os únicos articuladores, pois a face e o corpo também desempenham um papel importante em alguns sinais, como vimos anteriormente (BRAVO e SÉRIO).

O fato de a libras não ser uma língua oral-auditiva, e sim viso-gestual, não significa que ela não possua fonologia. Os primeiros estudos sobre a fonologia de uma língua de sinais foram realizados por Stokoe (1960), que identificou a existência de parâmetros na ASL (*American Sign Language* "língua de sinais americana"): CM (configuração de mão), L (localização) ou PA (ponto de articulação) e M (movimento). Na libras e em outras línguas de sinais, há mais dois parâmetros: Or (orientação da mão) e ENM (expressão não manual), que foram propostos por Battison (1974, 1978). Esses cinco parâmetros da libras são distintivos e formam alguns pares mínimos, como PEDRA e QUEIJO em que ocorre a mudança na CM, e APRENDER e LARANJA, em que há mudança no PA:

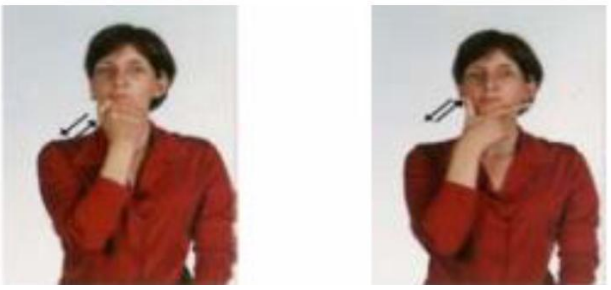


Figura 6: par mínimo PEDRA e QUEIJO (QUADROS e KARNOPP, 2004, 52)

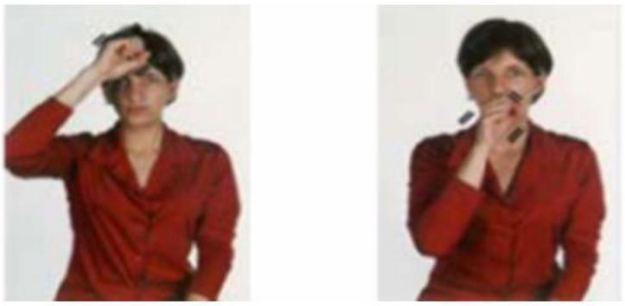


Figura 7: par mínimo APRENDER E LARANJA (QUADROS e KARNOPP, 2004, 52)

Um morfema é uma unidade mínima com significado parte de uma palavra e, para Felipe (2006), os cinco parâmetros também podem ser morfemas que, quando são combinados, formam um item lexical na libras. A autora ainda diz o seguinte:

> [...] os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências

> que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal. Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavras, a libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação. (FELIPE, 2006, p. 200)

Tendo em vista que os cinco parâmetros na libras são traços distintivos e auxiliam na organização da língua, além de funcionarem tanto como fonemas quanto como morfemas, apresentaremos os parâmetros de forma mais detalhada a seguir.

2.1 Os parâmetros na libras

Numa análise prévia do nosso *corpus*, observamos que algumas CMs da ASL, também estão presentes na libras e, portanto, adotaremos também a tabela de classificadores do tipo SASS, proposta por Supalla (1986). Além das CMs propostas por Supalla (1986), utilizaremos o quadro de categorias do Parâmetro Movimento (M) e o quadro de Ponto de Articulação (PA) da libras, propostos por Ferreira-Brito (1990) que auxiliarão na descrição do sinal. Além disso, apresentaremos a descrição das ENM e Or de acordo com Oliveira e Silva (2014).

2.1.1 Configuração de mão

Ao analisar as CMs presentes na libras, Ferreira-Brito (1990: 22) verifica a existência de 43 CMs e propõe um quadro para agrupá-las de acordo com as suas semelhanças. Como pode ser visto a seguir:

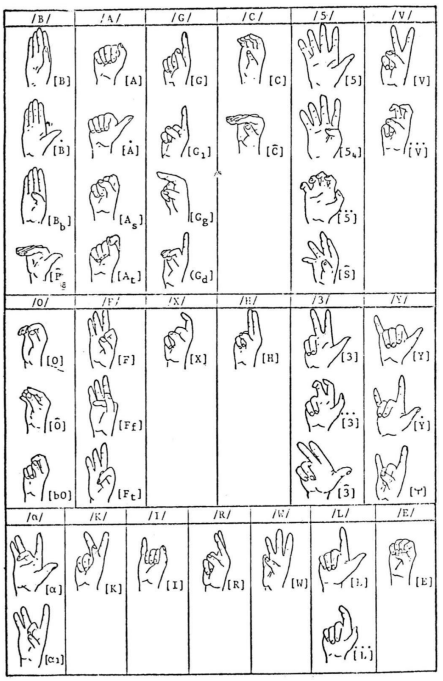


Figura 8: Quadro das 43 CMs da libras (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 24)

Apesar de Ferreira-Brito (1990) ser a pioneira nos estudos e na padronização dos parâmetros da libras, optamos por utilizar, em nossa pesquisa, o quadro de Felipe e Monteiro (2007) pelo fato de estar mais atualizado e de contar com mais CMs, como pode ser visto a seguir:

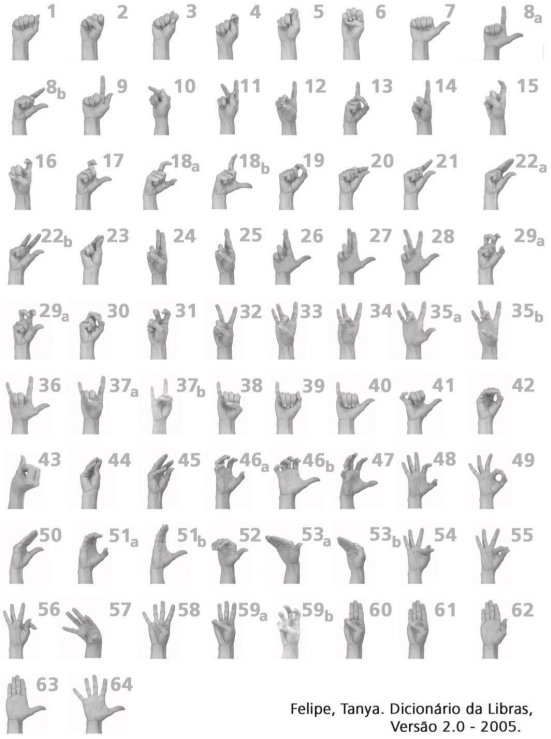


Figura 9: Quadro com as CMs da libras atualizado (FELIPE e MONTEIRO, 2007, p.28)

Ferreira-Brito (1990) afirma que algumas CMs na libras ocorrem com maior frequência e as apresenta no esquema a seguir:

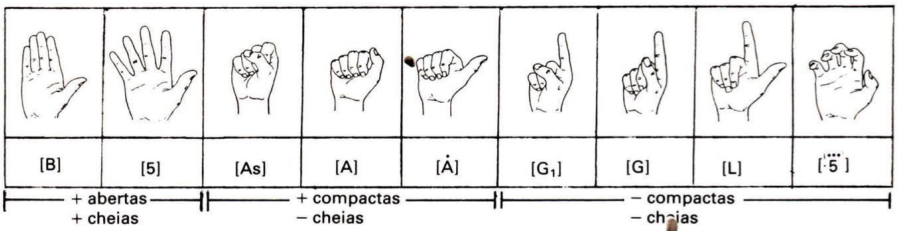


Figura 10: CM com maior ocorrência na libras (FERREIRA-BRITO, 1990, p.25)

Segundo a autora, as diferenças das CMs são analisadas pela extensão, contração, contato e divergência de dedos. Além disso, as CMs possuem três características básicas distintivas, que se baseiam no traço e na visibilidade da palma, essas três características são:

(1) [compacta]: Quando é [+compacto] a palma da mão não é visível e não há nenhum dedo distendido.

(2) [aberta]: quando é [+aberto] podemos visualizar a palma da mão e a maioria dos dedos estão estendidos.

(3) Quando é [-compacta] e [-aberta] há uma média visibilidade da palma, além da contração e extensão intermediária dos dedos.

Em seu trabalho, Ferreira-Brito (1990: 25) também mostra os outros traços distintivos de CM:

(4) [ulnar]: Quando é [+ulnar] o dedo mínimo, pelo menos, deve estar estendido.

(5) [cheia]: Quando é [+cheia] quatro ou cinco dedos estarão estendidos.

(6) [côncava]: Quando é [+côncavo] os dedos não estão nem estendidos, nem fechados, mas sim curvos.

(7) [dual]: Quando é [+dual] o indicador e o médio estão estendidos.

(8) [indicadora]: Quando é [+indicador] o indicador estará estendido.

(9) [radial]: Quando é [+radial] pelo menos o polegar estará estendido.

(10) [toque]: Quando é [+toque] a ponta de um dos dedos entra em contato com o polegar.

(11) [separada]: dois ou mais dedos estarão separados.

(12) [cruzada]: Quando é [+cruzada] haverá dois dedos superpostos.

(13) [dobrada]: Quando é [+dobrada] a palma da mão dobrará sem fechar ou de, pelo menos, um dedo.

(FERREIRA-BRITO, 1990, p.95)

2.1.2 Ponto de Articulação

O PA é um dos principais aspectos formacionais nas LSs. Ele é o local onde ocorrerá um sinal, que pode ser no corpo e/ou no espaço neutro. Klima e Bellugi (1979, p. 51 *apud* FERREIRA-BRITO, 1990, p. 32) afirmam que o espaço explorado pelo sinalizador vai do topo da cabeça até a cintura, na vertical e horizontal e até os pontos em que os braços conseguirem atingir. Ferreira-Brito (1990: 34) afirma que, na libras, há cinco principais PA: espaço neutro, cabeça, tronco, braço e mão.

O espaço neutro é o local em frente ao torso do sinalizador, onde não haverá contato com o corpo durante a realização de um determinado sinal, como nos exemplos abaixo:

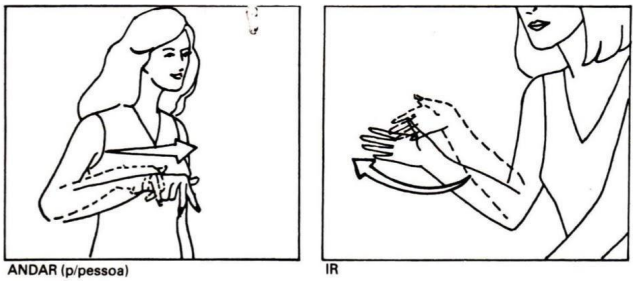


Figura 11: sinais realizados no espaço neutro. (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 34).

A cabeça é outro PA. Nela, ocorrem diversos sinais na libras e um dos lados da cabeça pode ser privilegiado pelo sinalizante devido a sua mão dominante. Por exemplo, se um sinalizador for destro, ele privilegia o lado direito da cabeça durante a sinalização. Quando for necessário utilizar as duas mãos, a mão dominante será ativa e a não dominante poderá ser passiva, dependendo do sinal. Um exemplo disso é o sinal CAIR que será apresentado um pouco mais adiante. Mas há também a possibilidade de as duas mãos serem ativas, como no sinal BURRO. Há diversas possibilidades de realizar um sinal na cabeça como, por exemplo, o sinal PENSAR que utiliza a lateral da testa, ou ESQUECER, que é realizado na parte central da testa. Contudo, existem sinais que não utilizam apenas um ponto e, sim a cabeça

como um todo, como são os casos dos exemplos CABEÇA-CHATA e FICAR-DE-CABEÇA-CHEIA.

Figura 12: Sinais com PA na cabeça. (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 35)

O nariz também é um local em que se realizam sinais como em NÃO-ME-IMPORTO (ponta do nariz), FLOR (embaixo do nariz), PERIGOSO (lado direito), PARECER e SER-PROVÁVEL (nas duas laterais).

Figura 13: Sinais articulados no nariz, na parte inferior do rosto, na face, pescoço e dorso, respectivamente. (FERREITA-BRITO, 1990, p. 36)

Além da testa e do nariz, o queixo, a face e o pescoço são locais muito explorados na libras, conforme os exemplos abaixo:

Figura 14: Sinais articulados no nariz, na parte inferior do rosto, na face, pescoço e dorso, respectivamente. (FERREITA-BRITO, 1990, p. 37)

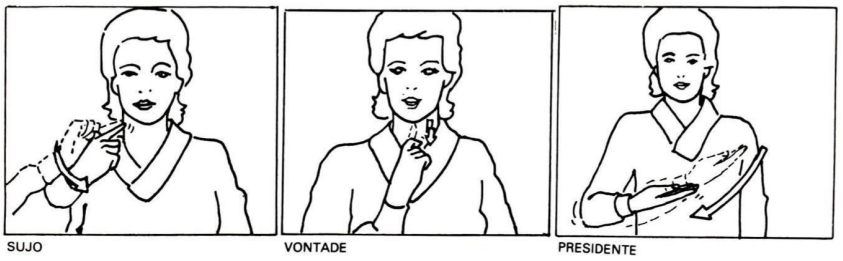


Figura 15: Sinais articulados no nariz, na parte inferior do rosto, na face, pescoço e dorso, respectivamente. (FERREITA-BRITO, 1990, p. 37)

Os sinais ACOSTUMAR, COSTUME, EDUCAR e EDUCAÇÃO utilizam o braço em sua totalidade como PA. Nesses casos, ocorre um deslizamento da mão dominante na parte interna do braço. Contudo, nem todos os sinais que são articulados no braço utilizam o mesmo em sua totalidade, como em PREFEITO, que utiliza apenas a parte superior do braço, CIÚME (que utiliza o cotovelo) e NERVOSO (que utiliza a parte interna).

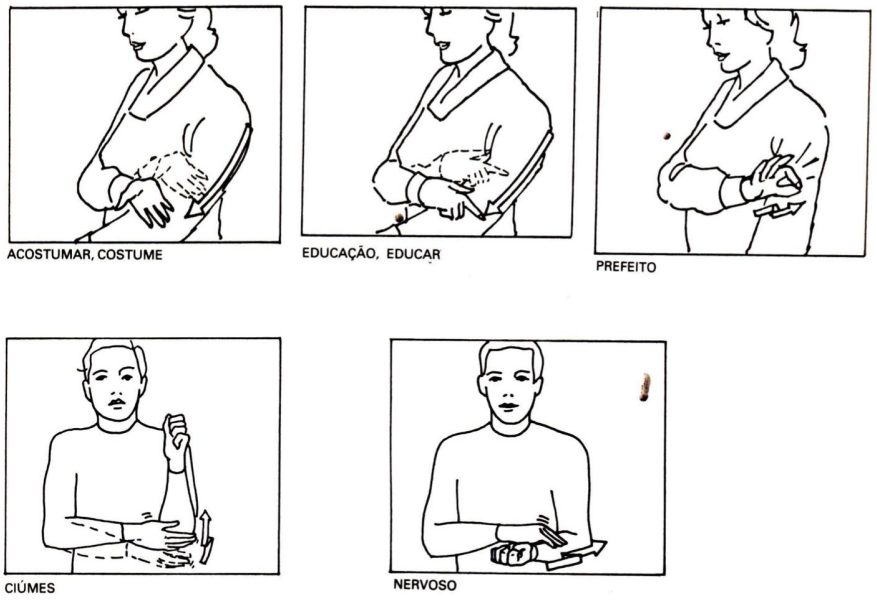


Figura 16: Sinais articulados no braço. (FERREITA-BRITO, 1990, p. 39)

O último PA a ser apresentado é o que utiliza o torso, no qual, segundo a autora, ocorre um grande número de sinais. O busto, a cintura e o ombro são os pontos em que são articulados os sinais AMOR, SAUDADE, FOME, EMPREGADA E CORONEL.

Figura 17: Sinais articulados no torso (FERREITA-BRITO, 1990, p. 38)

Após apresentar os diferentes PA da libras, Ferreira-Brito (1990: 40) apresenta um quadro os sintetizando. Nesta dissertação, iremos considerá-los como traços distintivos de um sinal.

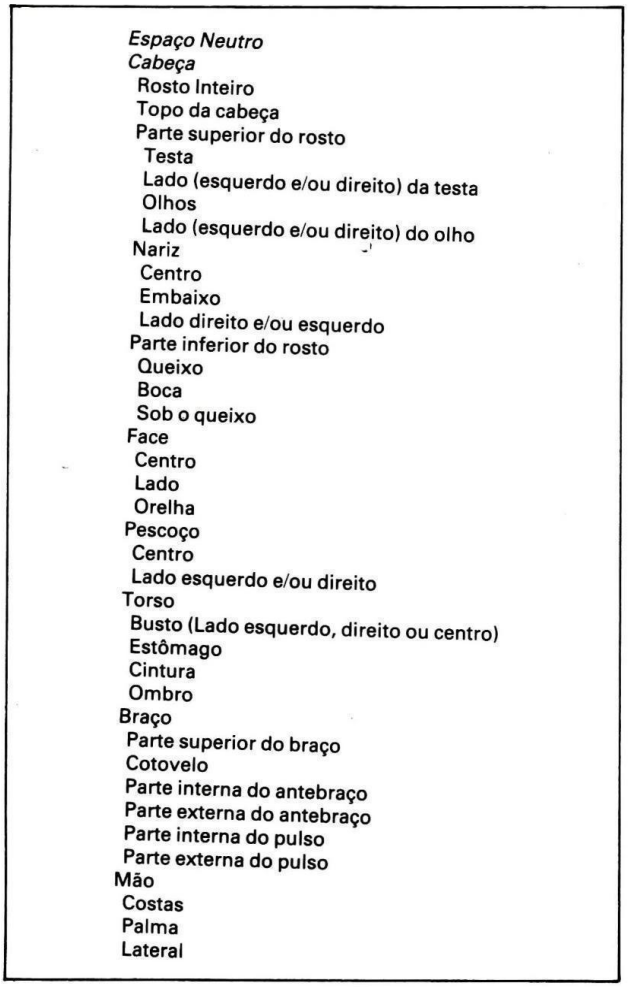


Figura 18: Pontos de Articulação da libras. (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 40)

2.1.3 Movimento

Ferreira-Brito (1990) analisa não só as CMs e os PAs como, também, o M dos sinais e os classifica em quatro categorias: tipo, direcionalidade, maneira e frequência.

Na primeira categoria, tipo, existem seis subcategorias de M que são elas: (i) contorno ou forma geométrica, (ii) interação, (iii) contato, (iv) torcedura do pulso, (v) dobramento do pulso e, (vi) interno das mãos. A seguir, descrevemos cada uma das subcategorias:

i. O contorno ou forma geométrica pode ser realizado tanto com uma mão, quanto com as duas e há sete tipos: retilíneo (ENCONTRAR), helicoidal (TODO-DIA), circular (ANO), semicircular (SURDO), sinuoso (BRASIL), angular (RAIO).

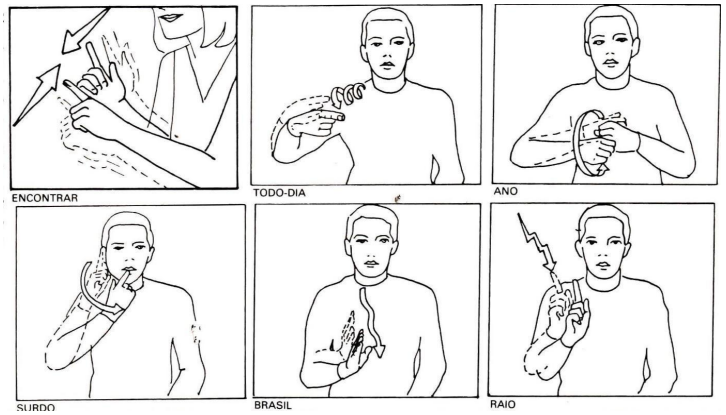


Figura 19: Movimentos retilíneo, helicoidal, circular, sinuoso e angular. (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 28)

ii. A interação pode ser: alternado (ADVOGADO), de aproximação (ASSOCIAÇÃO DE SURDOS E MUDOS DE SÃO PAULO), de separação (GRANDE), de inserção (VOTAR), ou cruzado (PRONTO/ACABADO/TERMINADO).

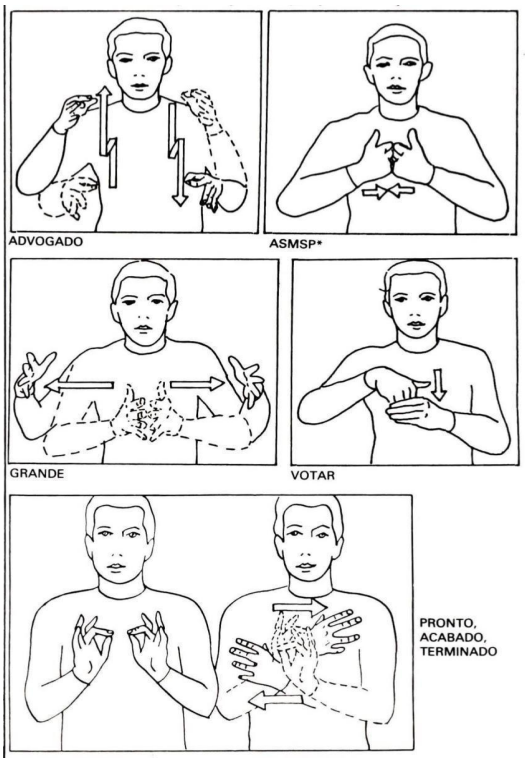


Figura 20: M alternado, de aproximação, de separação, de inserção e cruzado. (FERREIRA-BRITO, 1990, p.28)

iii. O contato pode ser de ligação (UNIÃO), de agarrar (CARNE), de deslizamento (MORRER), de toque (início, final, duplo) (RATO), de riscar (RIO-DE-JANEIRO), de escovar ou pincelar (PINTAR-A-CASA).

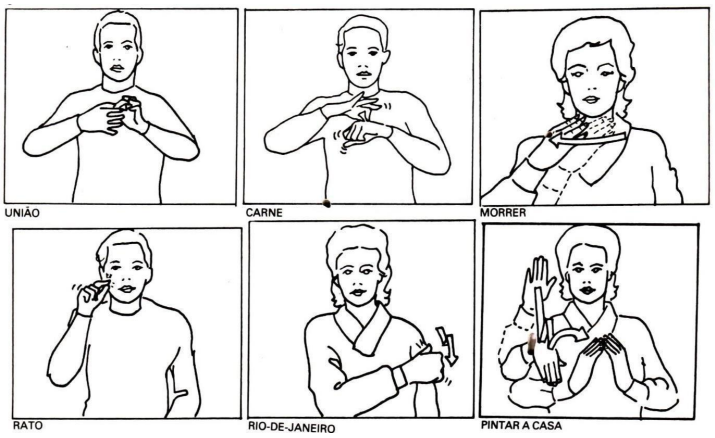


Figura 21: M de ligação, agarrar, deslizamento, tocar, riscar, escovar, ou pincelar. (FERREIRA-BRITO, 1990, p 29)

O dobramento e torcedura do pulso (categorias iv e v, respectivamente) são divididos em: para cima, para baixo, rotação para direita ou esquerda e, com refreamento para direita ou para esquerda, como pode ser visto na representação a seguir:

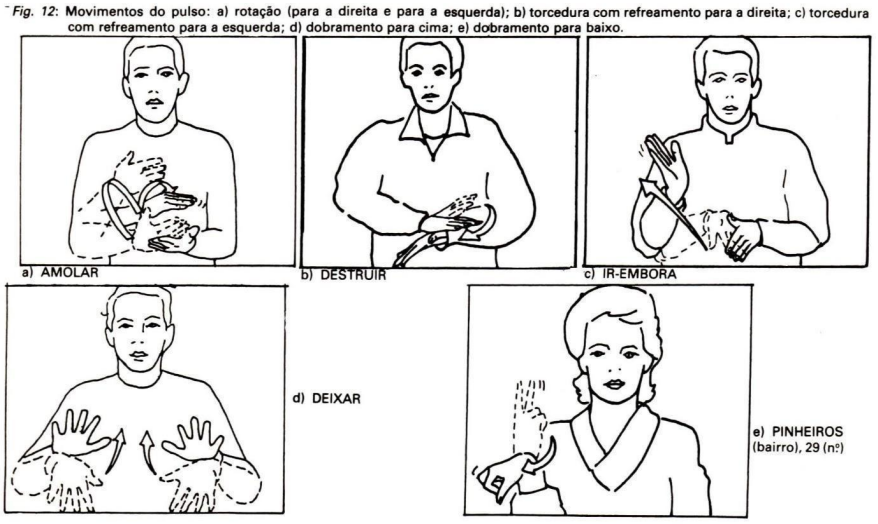


Figura 22: Sinais com diferentes tipos de torcedura e dobramento do pulso. (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 29)

Quanto ao M interno das mãos (subcategoria vi) é segmentado em abertura simultânea ou gradativa, fechamento simultâneo ou gradativo, curvamento simultâneo ou alternado e

dobramento simultâneo ou alternado, os exemplos de tipos de movimento podem ser vistos em (23):

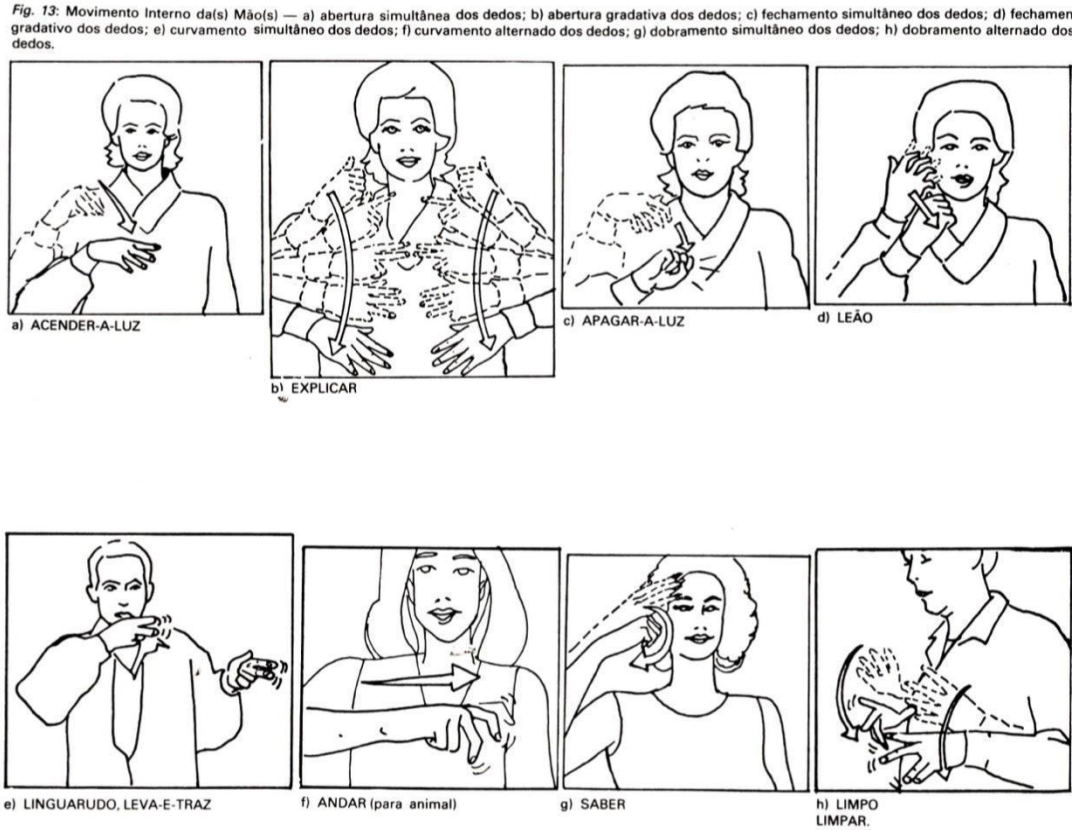


Figura 23: M interno das mãos (FERREIRA-BRITO, 1990, p.30)

A Direcionalidade é a segunda categoria do quadro de parâmetro M da libras e é dividida em três tipos: unidirecional, bidirecional e multidirecional. A autora afirma que nos sinais que utilizam o espaço neutro para a sua realização, a direcionalidade é mais explorada do que em sinais que são realizados no corpo. Em M unidirecionais há um M para uma única direção no espaço e o direcionamento pode ser para cima, para baixo, para direita ou esquerda, para o centro, etc, como em PARADA-DE-ÔNIBUS e PERGUNTAR:

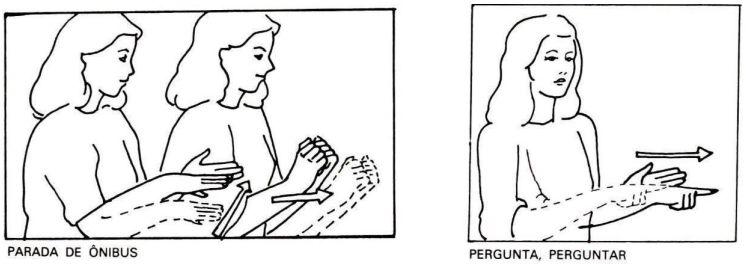


Figura 24: sinais unidirecionais. (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 31)

Os M bidirecionais podem ser feitos com uma ou as duas mãos em direções diferentes que é o exemplo de DISCUTIR:

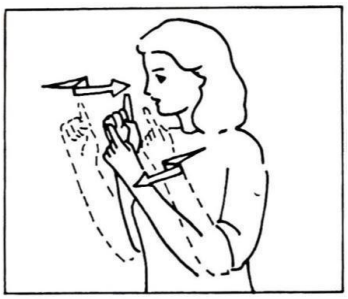


Figura 25: DISCUTIR possui M bidirecional. (FERREITA-BRITO, 1990, p.32)

Os M multidirecionais utilizam várias direções no espaço de sinalização. O exemplo oferecido pela autora é do sinal AMOLAR:

Figura 26: exemplo de sinal multidirecional (FERREITA-BRITO, 1990, p. 31)

Maneira é a terceira categoria de M na libras e descreve a velocidade, qualidade e tensão de um M.

Um M contínuo é caracterizado como mais frouxo, mais vagaroso e menos final marcado como em ADVOGADO.

Figura 27: Exemplo de M contínuo. (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 28)

No M de retenção ocorre uma parada prolongada do M no espaço. Ferreira-Brito (1990) descreve esse o M de retenção, como mais tenso, e pode ser mais ou menos rápido e possuir o final mais marcado como, por exemplo, em PROIBIDO que possui o M retido no final.

Figura 28: Exemplo de M de retenção (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 31)

A autora não descreve o que caracteriza o M refreado, mas apresenta os sinais DURO, RIO DE JANEIRO e CALÚNIA como nos exemplos.

Figura 29: Exemplos de M refreado (FERREIRA-BRITO, 1990, p. 23, 29 e 31)

A quarta e última categoria do parâmetro M é Frequência que diz respeito à repetição de um sinal que pode ser simples, como em PERGUNTAR (figura 23), ou repetido, como em CALÚNIA.

Todas as categorias até então apresentadas foram reunidas em um quadro de categorias do Parâmetro Movimento na libras por Ferreira-Brito (1990: 33). Para nossa análise, também consideraremos o traço de movimento como um traço formal distintivo.

TIPO	DIRECIONALIDADE	MANEIRA	FREQÜÊNCIA
Contorno ou Forma Geométrica — retilíneo — helicoidal — circular — semicircular — sinuoso — angular — pontual *Interação* — alternado — de aproximação — de separação — de inserção — cruzado *Contato* — de ligação — de agarrar — de deslizamento — de toque (início, final, duplo) — de esfregar — de riscar — de escovar ou pincelar *Torcedura do Pulso* — rotação (p/dir. e p/esq.) — com refreamento (p/direita ou p/esquerda) *Dobramento do pulso* — para cima ('supinate') — para baixo ('pronate') *Interno das Mãos* — abertura simultânea/gradativa — fechamento simult./gradativo — curvamento simult./alternado — dobramento simult./alternado	*Direcional* — unidirecional: (para cima) (para baixo) (para direita) (para esquerda) (para dentro) (para fora) (para o centro) (para lateral inferior esquerda) (para lateral inferior direita) (para lateral superior esquerda) (para lateral superior direita) (para específico ponto referencial) — bidirecional: (p/cima e baixo) (p/esqueda e direita) (p/dentro e fora) (p/laterais opostas — superior direita e inferior esquerda) — multidirecional *Não-Direcional*	*Qualidade, Tensão e Velocidade* — contínuo — de retenção — refreado	*Repetição* — simples — repetido

Figura 30: Categorias do Parâmetro Movimento em libras (FERREIRA-BRITO, 1990, p.33)

2.1.4 Orientação da mão

O quarto parâmetro refere-se à direção da palma da mão na realização de um determinado sinal. Oliveira e Silva (2014) apresentam seis tipos de direcionalidade presente na libras:

1. Para baixo;
2. Para trás;
3. Para cima;
4. Para a esquerda;
5. Para a direita;
6. Para frente.

As autoras também trazem alguns exemplos de sinais com uma determinada orientação de mão.

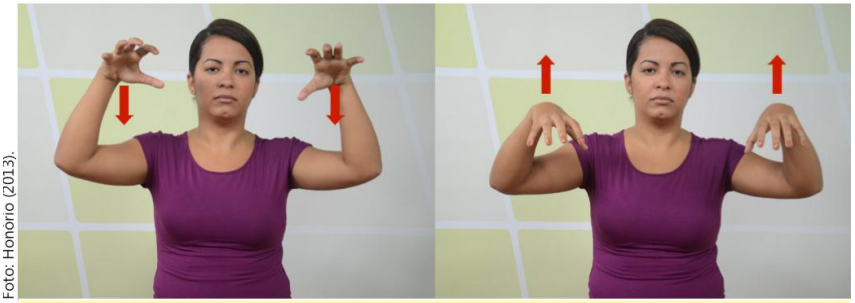


Foto: Honório (2013).

Fig. 34 - Sinal CHUVA. Orientação da Palma da Mão; para baixo.

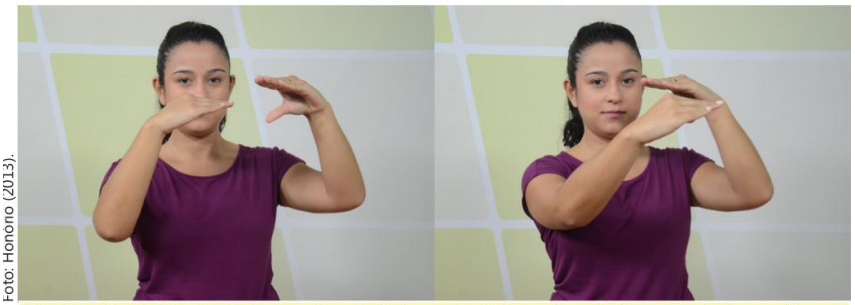


Foto: Honório (2013).

Fig. 35 - Sinal E-MAIL. Orientação da Palma da Mão: mão direita para baixo; mão esquerda para a direita.

Figura 31: sinais com suas respectivas orientações da palma da mão (OLIVEIRA e SILVA, 2014, p. 16)

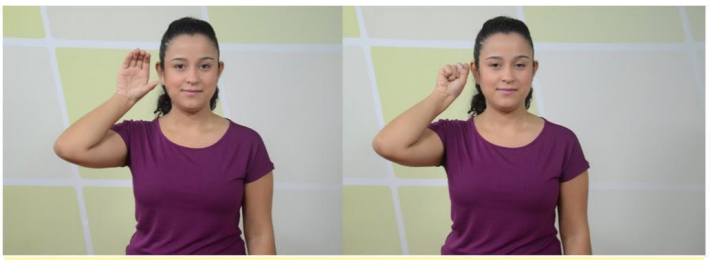


Foto: Honório (2013).

Fig. 31 - Sinal OUVINTE. Orientação da Palma da Mão: para a frente.

Foto: Honório (2013).

Fig. 32 - Sinal TER. Orientação da Palma da Mão: para a esquerda.

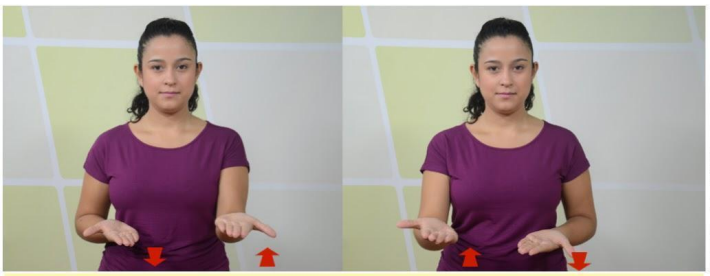


Foto: Honório (2013).

Fig. 33 - Sinal SERVIR. Orientação da Palma da Mão: para cima.

Figura 32: sinais com suas respectivas orientações da palma da mão (OLIVEIRA e SILVA, 2014, p. 15)

2.1.5 Expressões Não-Manuais (ENM)

As ENM são de suma importância nas línguas de sinais. Segundo Quadros e Karnopp (2004: 60), as ENM possuem duas funções: (i) diferenciar itens lexicais e (ii) a marcação de construções sintáticas.

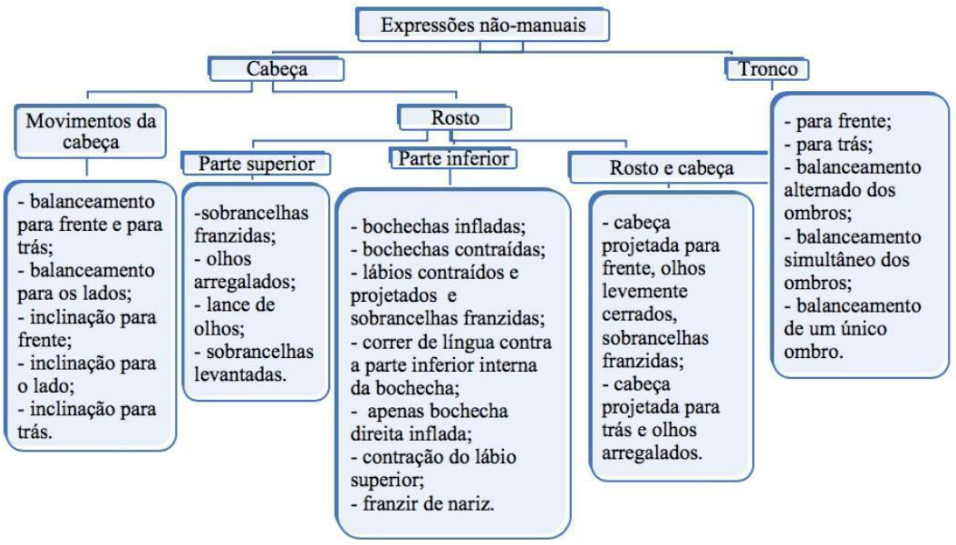


Figura 33: esquema de expressões não-manuais (SOUZA e FRONZA, 2018, p. 441)

Oliveira e Silva (2014: 16) afirmam que as expressões faciais são as mais salientes dentro do quinto parâmetro, pois podem fazer parte de um sinal como em DOR, MEDO e TRISTE ou podem marcar intensidade como em MUITO BONITO, veja os exemplos:

Fig. 47 - Sinal DOR.

Fig. 48 - Sinal TRISTE.

Fig. 49 - Sinal MEDO.

Figura 34: representação de DOR, TRISTE e MEDO (OLIVEIRA E SILVA, 2014, p.16)

Além disso, as ENM auxiliam na distinção entre uma sentença afirmativa ou interrogativa. Em uma sentença afirmativa, a expressão facial será neutra, enquanto em uma sentença interrogativa, haverá a expressão de dúvida conforme os exemplos abaixo:

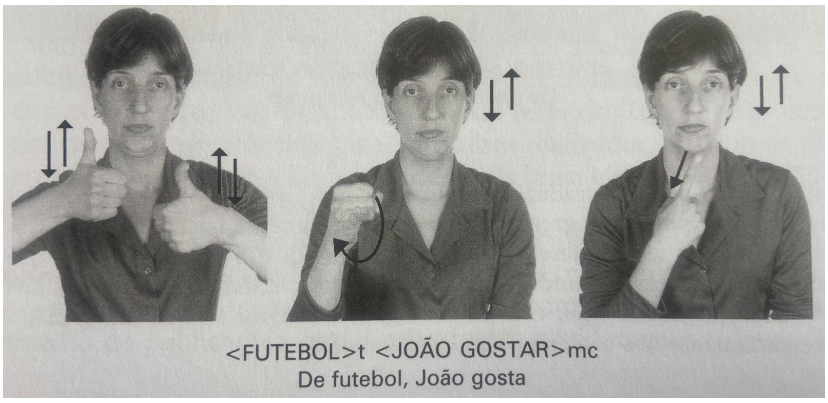



Figura 35: sentença afirmativa (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 43)

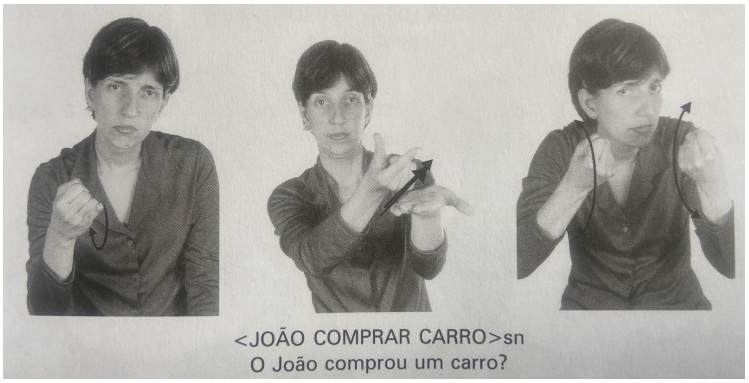


Figura 36: sentença afirmativa (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 43)

Oliveira e Silva (2014: 17) afirmam que há dez expressões faciais que ocorrem com muita frequência na libras:

(1) Uma bochecha inflada;

(2) Testa franzida;

(3) Testa franzida e lábios contraídos projetados para frente;

(4) Sobrancelhas erguidas;

(5) Olhos bem abertos;

(6) Olhar lateral para baixo;

(7) Nariz franzido;

(8) Lábio superior sugado;

(9) Bochechas sugadas;

(10) Bochechas infladas.

Em (37), temos alguns exemplos de sinais que são realizados com ENM. Para realizar MAGR@, as bochechas são sugadas e, para GORD@, as bochechas devem ser infladas. Em TRISTE, além da CM em Y no queixo, é necessário fazer a expressão de tristeza para representar o sinal. Outros sinais em que a ENM é decisiva para compreendermos a sua realização é em TÉDIO e ALEGRE:

Figura 37: sinais com diferentes expressões faciais. (FELIPE, 2013, p. 78)

2.2 Considerações do capítulo

Os cinco parâmetros são unidades mínimas destituídas de significado que possibilitam a formação de sinais. Minussi e Rodero-Takahira (2013: 213-214) consideram que os cinco parâmetros da libras não são apenas fonemas, mas também morfemas que podem compor uma raiz abstrata. Essa ideia será adotada como pressuposto na análise. Vamos entender os parâmetros como traços que vão compor uma raiz. No modelo da MD, uma raiz não possui categoria gramatical e apenas quando é c-comandada por um núcleo categorizador, se tornará um verbo, adjetivo ou nome. Na próxima seção, apresentaremos o modelo teórico com o qual analisaremos os dados, assim como os trabalhos mais relevantes sobre classificadores e verbos manuais.

3 Pressupostos teóricos

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico utilizado para a nossa pesquisa, o qual se insere na Teoria Gerativa. Na seção 3.1, apresentamos a Morfologia Distribuída e aplicação dela nas línguas de sinais, em 3.2, abordamos os classificadores nas línguas de sinais e, em 3.3, discutimos o fenômeno da Incorporação.

3.1 Morfologia Distribuída

A presente pesquisa toma como modelo teórico a Morfologia Distribuída (doravante MD). A MD, postulada primeiramente por Halle e Marantz (1993) e Marantz (1997), argumenta que as palavras são criadas durante a derivação sintática, portanto, o Léxico não é um componente gerativo. Isso significa, então, que a MD é um modelo não lexicalista e com isso, há a reformulação da Arquitetura da Gramática. A teoria sintática da morfologia é baseada em peças (*morpheme-based theory*), objetos linguísticos complexos que são construídos a partir de morfemas e essas combinações se dão através das estruturas sintáticas. Em qualquer arquitetura da gramática, dentro do gerativismo, é necessário um local de armazenamento dos primitivos com os quais a sintaxe trabalhará. Para Halle e Marantz (1993), o conteúdo lexical, que envolve propriedades fonológicas, semânticas, sintáticas e idiossincráticas, pode ser distribuído por toda a arquitetura da gramática. Para Bassani (2013), com esta distribuição, deve-se pensar na integração da fonologia, sintaxe e semântica, desconsiderando a morfologia como um "objeto único, portanto, há um diálogo entre a morfologia, a sintaxe, a fonologia e a semântica.

Para a MD, é na derivação computacional que ocorrem os processos de formação, desde palavras até as sentenças.

> Consequentemente, as mesmas operações que formam as sentenças estão na base da formação das palavras: *Merge* (Concatenar) e *Move* (Mover). Essas operações vão manipular elementos básicos, os *traços*, e a partir deles vão ser geradas tanto as palavras como as sentenças. (Cf. BASSANI, p.13, 2013).

O modelo da arquitetura da gramática previsto pela MD é composto por três listas, distribuídas, como já dissemos, por toda a arquitetura da gramática. Na lista 1, estão armazenados os elementos primitivos que são raízes e morfemas abstratos. Eles são operados

pela sintaxe e não há neles nenhum conteúdo fonológico[1]. Os morfemas abstratos são entendidos como traços de tempo, número, gênero, etc. e podem ser agrupados em feixes nos nós terminais sintáticos. Esses traços são, portanto, de natureza gramatical, ou seja, são traços formais, ainda que expressem alguma propriedade semântica como, animacidade. Esse morfemas são desprovidos de conteúdo fonológico, como já dissemos, que só será inserido após *spell-out* sintático, quando uma cópia da estrutura sintática é enviada para PF (do inglês *Phonetic Form)* e para LF (do inglês *Logical Form*), no caminho para PF. Esse pressuposto teórico, de que os morfemas abstratos recebem conteúdo fonológico tardio, ficou conhecido como Inserção Tardia.

Na Lista 2, conhecida como Vocabulário, encontram-se as peças fonológicas, também chamadas de Itens de Vocabulário. Esses Itens de Vocabulário são as regras que unem o conteúdo fonológico ao conteúdo semântico-gramatical vindo da sintaxe. Eles guiarão a inserção de conteúdo fonológico, uma vez que neles há o contexto para inserção desses conteúdos. Nas línguas de sinais, a Lista 2 também deve conter o conteúdo fonológico. Contudo, por hipótese, em vez de regras que contenham sons/fonemas, os Itens de Vocabulário devem trazer contextos de inserção que levem em conta os parâmetros descritos anteriormente, uma vez que tomamos também, nesse ponto, os parâmetros como itens fonológicos.

Por sua vez, na Lista 3, chamada de Enciclopédia, os significados especiais para as raízes e/ou expressões estão listados. Também na Lista 3, há informações extralinguísticas relacionadas ao conhecimento de mundo de cada falante. Esse conteúdo é, portanto, expansível, conforme pode ser visto na figura a seguir:

[1] Esse é um ponto controverso dentro deste modelo teórico. Para uma discussão mais aprofundada e argumentos em favor da ideia de que as raízes são desprovidas de conteúdo fonológico, ver Bassani e Minussi (2020). https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/2327.

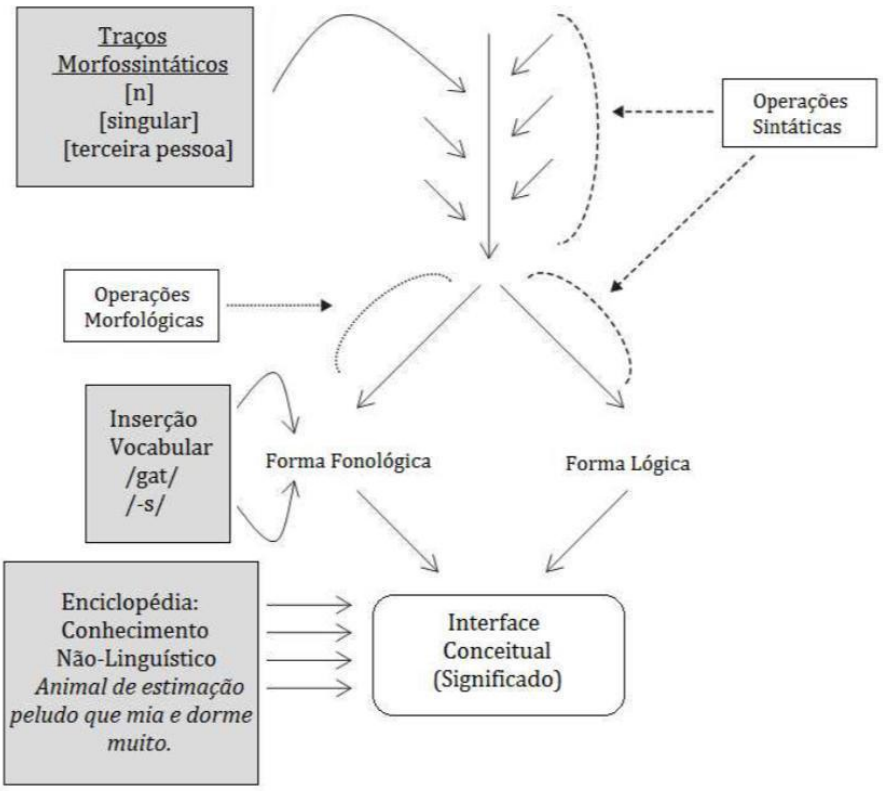


Figura 38: Arquitetura da gramática na MD (LAZZARINI-CYRINO, ARMELIN & MINUSSI, 2013, p. 109[2])

3.1.1 Morfologia Distribuída nas línguas de sinais

Nesta seção, vamos iniciar uma reflexão sobre alguns trabalhos que utilizaram o arcabouço da MD para a descrição e análise de dados das línguas de sinais, entre elas, a ASL e a libras.

O primeiro autor é Mathur (2000), que acredita que a arquitetura da gramática proposta pela MD pode ser aplicada não só às línguas orais, como também às línguas de sinais, visto que elas são línguas naturais e possuem os mesmos princípios de Gramática Universal (GU) das línguas orais. Há argumentos que dizem que a arquitetura da gramática nas línguas de sinais é diferente, mas Mathur (2000: 14) afirma que isso não necessariamente é verdade. Para o autor, existem dois tipos diferentes de uso do espaço: o articulatório e o referencial. O espaço articulatório é o espaço no qual o sinalizador articula os sinais. Mathur (2000: 14) utiliza o sinal WALK, na ASL, para exemplificar o uso do espaço articulatório. Este sinal utiliza as duas mãos e possui a configuração de mão em "b", com as palmas para baixo e o movimento é para frente e para trás no espaço. O autor explica que para WALK não

[2] Imagem traduzida e adapatada em Lazzarini-Cyrino, Armelin & Minussi (2013), a partir de Siddiqi (2009, p.14)

é necessário fazer referência ao espaço em sua representação, e, portanto, é suficiente mostrar apenas as especificações dos movimentos das articulações.

Ao assumir que o módulo fonético está fora da GU e que apenas ele difere as línguas orais das sinalizadas, Mathur (2000) afirma que pode ser assumido, desta forma, que as línguas orais e as línguas sinalizadas possuem a mesma Arquitetura da Gramática prevista pela GU:

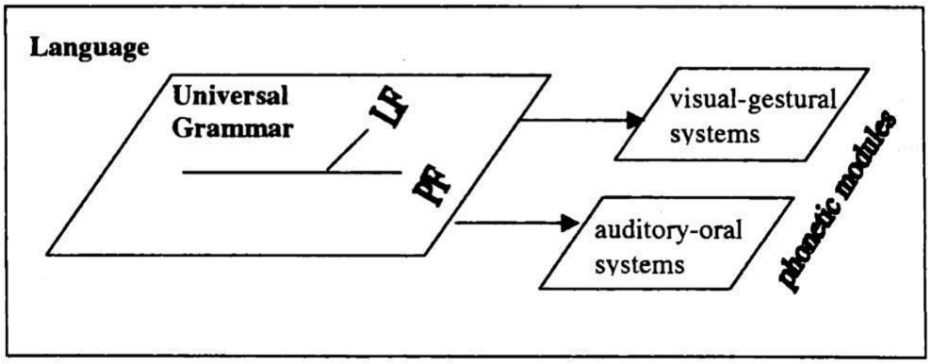


Figura 39: Modelo de língua proposto por Lillo-Martin (1997) (*apud* Mathur, 2000, p. 14)

No modelo proposto acima, podemos observar dois módulos fonéticos, um para o sistema oral-auditivo e outro para o sistema viso-gestual. O autor explica que uma língua está ligada a um desses sistemas, ou até mesmo aos dois sistemas e, independente do sistema escolhido pela língua, o módulo fonético permanece fora do domínio da GU. Portanto, línguas orais e línguas de sinais estão em pé de igualdade.

O segundo tipo de uso do espaço é o referencial. Mathur (2000: 15) explica que podem ser atribuídos referentes específicos a diferentes *loci* no espaço e esses *loci* podem ser utilizados em vários subsistemas da gramática, como, por exemplo, em classificadores (CL) ou no sistema de concordância. Diferentemente de outros autores que acreditam que o espaço é o cerne da gramática das línguas de sinais, Mathur (2000: 15) argumenta que o espaço é algo secundário na gramática. Em (40), podemos observar essa relação entre a GU e o espaço nas línguas de sinais.

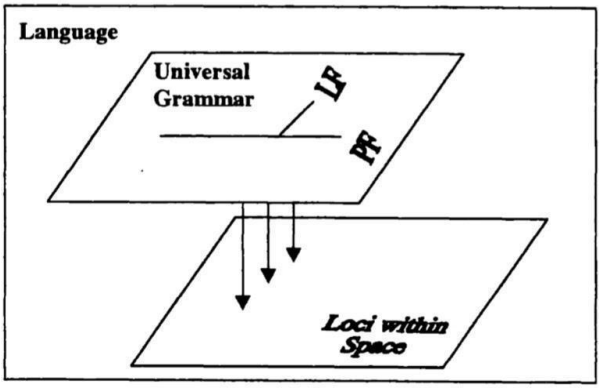


Figura 40: Relação entre espaço e gramática nas línguas de sinais. (MATHUR, 2000, p. 15)

Ao tirar o espaço do domínio da gramática, alguns resultados são obtidos. Assim como em línguas de sinais, o autor afirma que em línguas orais o espaço também é utilizado para mostrar as relações. Desse modo, no primeiro resultado, nota-se a possibilidade de retirar a parte gestual das línguas de sinais e associá-las ao uso do espaço como nas línguas orais. O segundo resultado apresentado é o de que é possível separar os verdadeiros princípios linguísticos universais dos princípios linguísticos universais das línguas de sinais, como o fato de que toda língua de sinais usa o mesmo sistema espacial para mostrar concordância, segundo Mathur (2000, p. 16). O autor ainda diz que se torna questionável representar todos os pontos infinitos dentro da gramática, isso significa que o *locus* não é representado de maneira fonológica e que ele pertence ao espaço o qual está ligado à gramática.

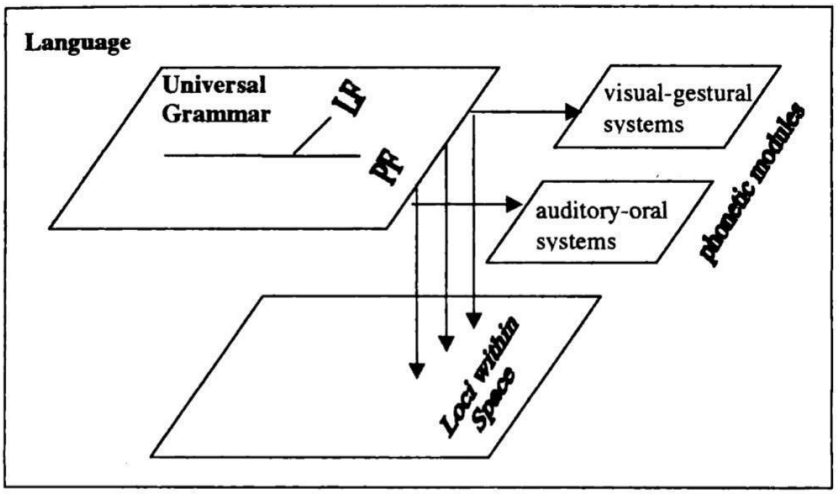
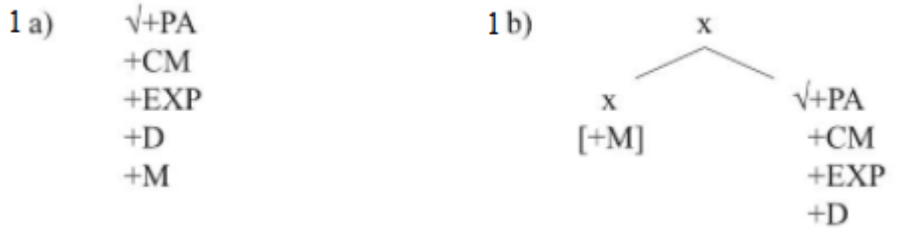


Figura 41: Modelo de gramática completo, com o espaço e os módulos fonéticos. (MATHUR, 2000, p. 17)

Outro trabalho relevante para a discussão que estamos fazendo nesta seção, é o trabalho de Minussi e Rodero-Takahira (2013) que têm como objetivo discutir a interpretação semântica das categorias gramaticais e analisam a formação de alguns pares de palavras através da composição, como CADEIRA/SENTAR, AVIÃO/ IR-DE-AVIÃO, TESOURA/ CORTAR-COM-TESOURA, CASA/ MORAR, TELEFONE/ TELEFONAR. Para os autores, seguindo Halle & Marantz (1993) e Marantz (1997), na MD há o modelo *standard* onde as raízes são consideradas acategoriais e podem ser transformadas em nome, verbo ou adjetivo, quando forem c-comandadas por um núcleo categorizador. O modelo da MD pode ser tomado para análise de qualquer língua, seja ela oral ou viso-gestual, como a libras. Autores como Minussi e Rodero-Takahira (2013), argumentam que enquanto nas línguas orais a Lista 2 contém os expoentes fonológicos, nas línguas de sinais esses expoentes se referem aos cinco parâmetros usados para formar os sinais nas línguas viso-gestuais. São eles: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação da mão (O) e expressões faciais (EF) que constituem um sinal, e esses parâmetros podem ser considerados fonemas, morfemas e traços, em momentos diferentes da computação.

Minussi e Rodero-Takahira (2013) consideram que os parâmetros da libras, além de funcionarem como fonemas e morfemas nas línguas orais, podem compor parte de uma raiz abstrata. Assim sendo, os parâmetros abstratos podem conter informações específicas e influenciar/determinar a semântica de um sinal. Logo, os parâmetros podem ser considerados traços, como vemos no esquema abaixo de Minussi & Rodero-Takahira (2013, p. 214):

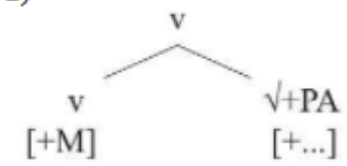


Conforme representado no esquema em 1a e 1b, e ainda de acordo com Minussi e Rodero-Takahira (2013), em alguns sinais o movimento está contido na raiz, mas não necessariamente possui uma ligação direta com a categoria do sinal. Alguns sinais possuem o traço de [+movimento], como pode ser visto no esquema 1a. Este traço é importante, pois o traço de movimento pode ser fundamental para a distinção entre nomes e verbos. No esquema

1b, observa-se que algumas raízes não possuem esse traço de [+movimento], mas podem passar a ter esse traço se forem adjungidos a elas em um processo sintático. De acordo com Capovilla *et al.* (p. 132, 2017), o sinal de ÁGUA apresenta a configuração de mão em L com a palma da mão voltada para a esquerda e a ponta do polegar deve tocar o queixo, balançando o indicador para a esquerda, duas vezes. O sinal de TELEVISÃO apresenta as duas mãos na configuração em L, com as palmas voltadas para frente. Deve-se aproximar e afastar as mãos, balançando-as para a esquerda e para a direita. O sinal de JANELA é feito com os braços horizontais dobrados em frente ao corpo, as mãos fechadas e o braço direito ligeiramente acima do esquerdo, batendo o braço direito no esquerdo duas vezes. Minussi e Rodero-Takahira (2013) afirmam que esses sinais não possuem uma contraparte verbal de categoria lexical neutra realizada com o acréscimo do movimento. Desse modo, para os autores, uma investigação sobre o traço de movimento parece ser crucial para elucidar como se dá a categorização dos sinais na libras. Assim sendo, os autores tomam alguns exemplos. Para dizer VER TELEVISÃO é feito o sinal de TELEVISÃO e é acrescentado o sinal de VER (mão em V com a palma para frente, na altura do olho com o movimento para frente). Entretanto, para outros sinais, o traço de [+movimento] pode influenciar no sentido do sinal. Tomemos como exemplo o verbo SENTAR. Esse verbo apresenta a configuração de mão em U, com a palma para baixo e os dedos curvados, tocando a palma dos dedos direitos no dorso dos dedos esquerdos. Para o sinal de CADEIRA a configuração de mão e ponto de articulação é o mesmo, mas apresenta o traço de [+movimento].

O par TELEFONE e TELEFONAR é analisado e os autores afirmam que a raiz de TELEFONE não possui o traço de movimento nela e, então, ela é neutra categorialmente. Em TELEFONAR, a raiz é a mesma de TELEFONE, no entanto é categorizada por um núcleo verbal que é realizado por um traço de [+movimento]. O par CASA e MORAR é analisado e os autores afirmam que a raiz de CASA não contém o traço de movimento; desse modo, ela é neutra categorialmente. O sinal MORAR, por sua vez, é formado também com a raiz de CASA, no entanto é categorizada por um núcleo verbal, o qual é realizado por um traço de [+movimento]. No esquema em 2, temos uma raiz acategorial transformada em verbo pelo traço [+M] , segundo Minussi e Rodero-Takahira, 2013, p. 217):

2)



Outro trabalho importante sobre línguas de sinais que também utiliza a MD como arcabouço teórico é Zwitserlood (2003). Neste trabalho, a autora descreve a língua holandesa de sinais (doravante NGT) e afirma que as línguas de sinais possuem uma estrutura similar a das línguas oralizadas. As diferentes modalidades em que ambas as línguas são expressas causam diferenças na estrutura, sendo que uma das diferenças mais marcantes entre as línguas oralizadas e a línguas de sinais é a influência da interface que existe entre a gramática e a PF dos enunciados. Nas línguas oralizadas, palavras e frases são caracterizadas, em geral, por sequências lineares de sons, morfemas e palavras, enquanto nas línguas de sinais encontramos muitos fonemas, morfemas e até palavras expressas simultaneamente. A autora afirma que assim como em línguas orais, as línguas de sinais também possuem unidades menores que podem ser elementos manuais ou não-manuais. Segundo Zwitserlood (2003, p. 489), há diversos sinais que apresentam uma única ação: mudança no PA, na CM, Or, ENM, ou componente oral. Ela ainda explica que os sinais podem combinar mais de uma ação simultaneamente, mas há, aparentemente, uma restrição de até duas ações. Segundo a autora, tal restrição se dá devido à interface entre gramática das línguas de sinais e PF, como já dissemos, resultando em sinais monomorfêmicos. Contudo, a autora não traz exemplos para essa afirmação.

Todas as línguas de sinais estudadas por Zwitserlood (2003) possuem verbos que expressam a existência, a localização ou o movimento/trajetória de um referente no espaço em que os fonemas são significativos. A configuração de mão reflete a característica do referente, como, por exemplo, para falar de algo longo e/ou fino, o sinal CANETA apresenta a configuração de mão com os dedos indicadores levantados e os outros dedos comprimidos.

Na figura 42, a autora apresenta os sinais de CANETA, CANECA e LIVRO na NGT. O primeiro sinal apresenta uma CM [+indicador] em que apenas o dedo indicador encontra-se estendido e esta CM é utilizada para objetos longos e finos, além de poder representar um humano e animais. Em CANECA, a CM é [+côncava] e pode representar objetos como,

garrafa, óculos, bolas e frutas redondas, como MAÇÃ na libras. LIVRO tem como CM [+aberto] que pode representar, também, outros sinais como CARRO e PINCEL. Além de apresentar CANETA, CANECA e LIVRO, a autora mostra esses sinais junto com o verbo CAIR: "A caneta cai", "A caneca cai" e "O livro cai". Em nossa pesquisa, estamos considerando CAIR como um verbo manual na libras e está no nosso *corpus* para a análise, conforme apresentaremos mais adiante.

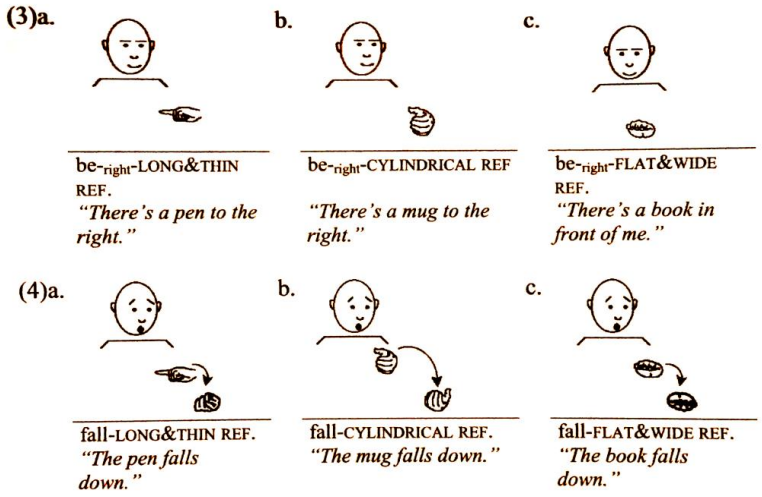


Figura 42: Exemplos de sinais que refletem a característica do referente.
(ZWITSERLOOD, 2003, p.492)

Para sinalizar objetos como livros e cadernos na NGT, segundo Zwitserlood (2003), a configuração de mão utiliza as duas palmas da mão para cima com os dedos esticados. Como as línguas de sinais possuem a possibilidade de fazer o uso do espaço, muitos sinais são expressos espacialmente: o movimento das mãos expressa o movimento do referente e a configuração de mão representa o referente que está envolvido. Por exemplo, em uma sentença como "A caneta caiu", na NGT, a configuração de mão é retirada de um pequeno conjunto significativo de configurações de mão e reflete uma característica do referente, como pode ser visto na figura 42 apresentada acima.

Nos verbos intransitivos, muitas configurações de mão indicam o referente em movimento. Nesses verbos, a manipulação do movimento do referente é representada e o movimento da mão é considerado uma raiz, de acordo com os pressupostos da MD. Com os verbos transitivos, isso também ocorre. Zwitserlood (2013: 491) dá como exemplo *put down*

(“abaixar”), em que a CM é analisada como um morfema de concordância. A raiz do verbo expressa o referente envolvido, a ação, a localização e a existência do objeto.

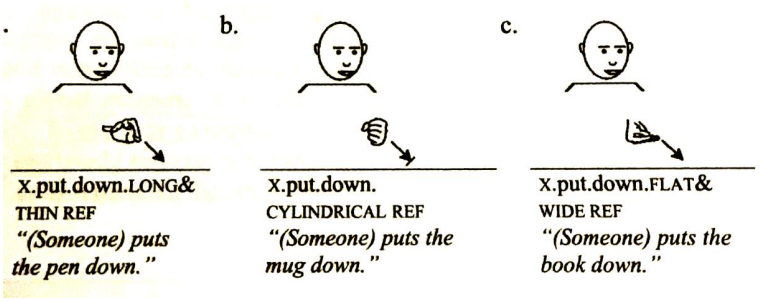


Figura 43: Representação de um verbo transitivo. (ZWITSERLOOD, 2003, p.492)

A autora afirma que muitos sinais possuem algum tipo de componente com uma significação, mas não especifica o que seria esse componente. Entendemos que são os cinco parâmetros ou algo relacionado a eles. Por exemplo, o lugar de articulação numa determinada parte do corpo contribui para o significado do sinal que pode se referir a uma característica física, à própria parte do corpo ou a algo metafórico. Por exemplo, sinais que expressam algum conceito cognitivo são, em geral, realizados na têmpora, como em PENSAR e, além do PA, a CM também irá contribuir no significado de um sinal, como em COLOCAR-CHAPÉU e ESCOVAR-OS-DENTES conforme os exemplos:

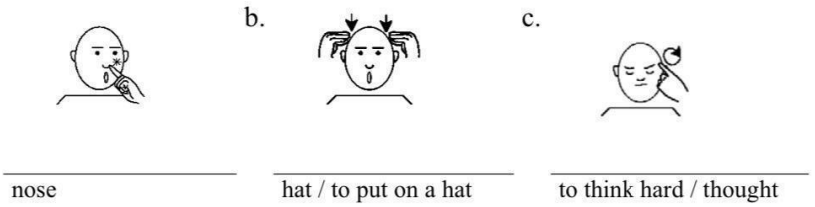


Figura 44: (ZWITSERLOOD, 2003, p.493)

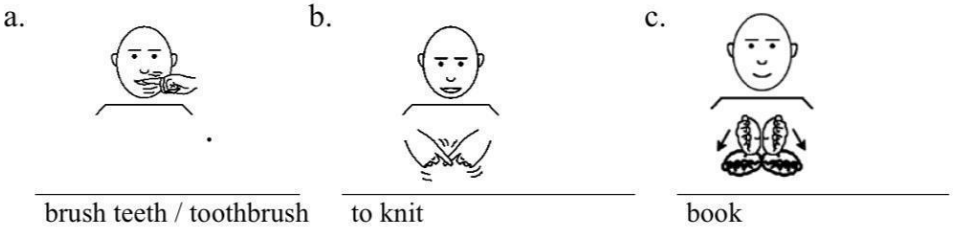
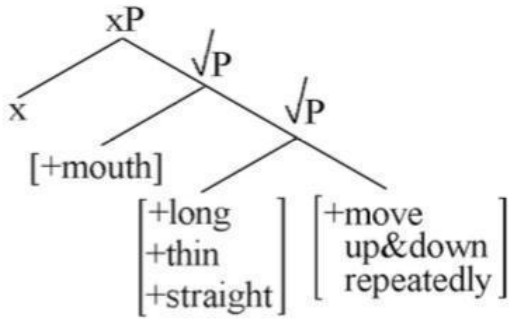


Figura 45: (ZWITSERLOOD, 2003, p.494)

Zwitserlood (p. 495, 2003) explica que alguns sinais na NGT podem ser utilizados descritivamente ou predicativamente, e também como palavras, verbos, adjetivos ou substantivos, conforme a figura 45 (ESCOVAR-OS-DENTES/ESCOVA-DE-DENTE, TRICOTAR e LIVRO). Desta forma, eles não possuem uma categoria gramatical específica, o que significa que os morfemas não possuem e nem vão atribuir uma categoria gramatical, segundo a autora. Ela ainda afirma que nestes sinais não há marcadores de concordância, logo, a CM e o PA não possuem categoria funcional, de modo que esses componentes são considerados raízes sem categoria gramatical.

A fim de explicitar uma análise de formação de sinais, tomaremos o exemplo de Zwitserlood (2003), que descreve ESCOVAR-OS-DENTES à luz da MD. Para a autora, ESCOVAR-OS-DENTES é um sinal morfologicamente complexo e o sinal do verbo ESCOVAR-OS-DENTES é o mesmo para o nome ESCOVA-DE-DENTE na NGT. O sinal apresenta o movimento da mão para cima e para baixo (imitando a escovação dos dentes), a CM desse sinal se assemelha à configuração D na libras e o PA se localiza na frente da boca. A autora explica que esses componentes (CM, M, PA) não possuem uma função derivacional ou flexional, mas eles influenciam no significado do sinal e, por isso, ela afirma que este sinal possui uma raiz composta, a qual é expressa por esses componentes significativos. Zwitserlood, (2008, p. 259) explica que o conjunto de traços morfossintáticos [+movimento para cima e para baixo repetidamente] é concatenado à estrutura e, ao ser concatenado na base da estrutura, ele funcionará como uma raiz. Em seguida, um outro conjunto de traços morfossintáticos [+longo, +fino, +reto] também é concatenado e será uma raiz. Com isso, a estrutura formará uma *rootPhrase* ($\sqrt{P}$). Após isso, mais um grupo de traços morfossintáticos [+boca] é concatenado formando uma outra *rootPhrase*. Basicamente, o sinal tem uma raiz tripartida segundo Zwitserlood (2003), de modo que a derivação morfológica do sinal começa com o movimento para cima e para baixo, que se concatena primeiro com a entidade longa e fina e depois com a boca próxima. Tendo chegado a esse ponto na derivação, o sinal ainda não possui uma categoria gramatical. Ele recebe uma categoria gramatical após a fusão de um nó de categoria. Se esse nó de categoria for "*little n*" (enezinho “n”), por exemplo, em um contexto como "João compra uma escova de dente", ele se tornará um nome. Se o nó da categoria for "*little v*" (vezinho “v”), o sinal será um verbo. Com esses pressupostos da autora, entendemos que ela parece criar uma estrutura para uma raiz e a MD não prevê que uma raiz possa ser criada durante a derivação sintática.

(3)



A autora continua o trabalho explicando que nesse ponto da derivação a estrutura ainda não possui material fonológico nem um significado. Após a concatenação do "*little x*" (xizinho "x"), a estrutura será enviada para PF, onde serão inseridos os itens do vocabulário, e para LF (interface conceitual), onde o significado da derivação será negociado.

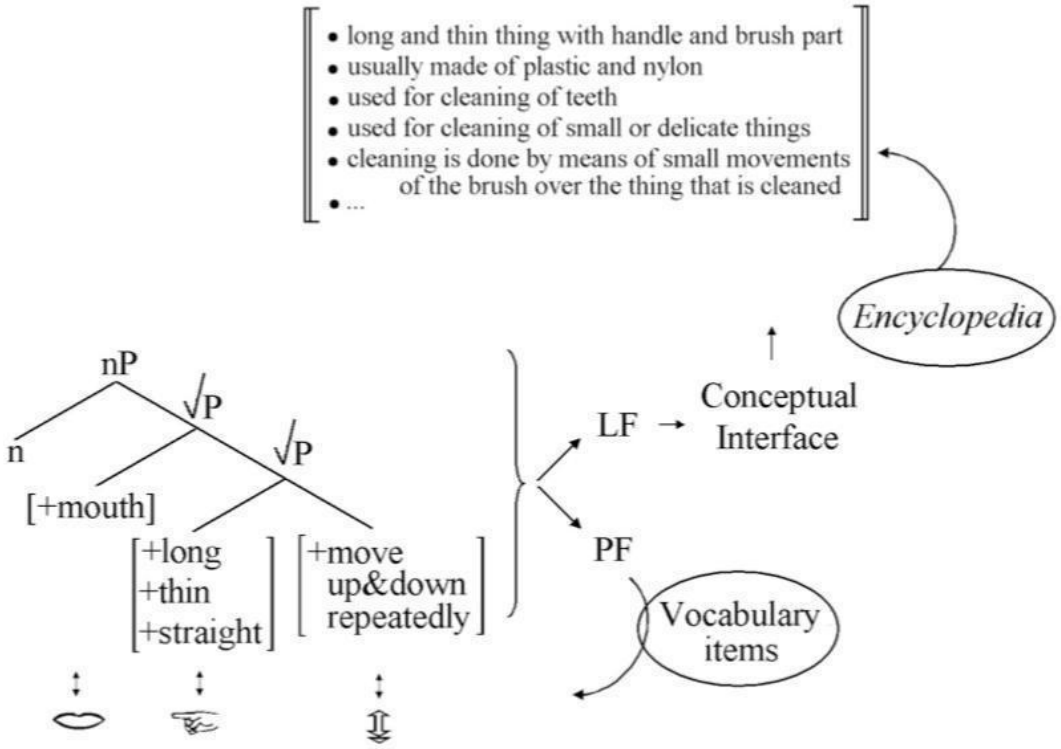


Figura 46: Inserção de vocabulário e negociação de significado (ZWITSERLOOD, p. 261, 2008)

Assim como Rodero-Takahira (2015), entendemos que a estrutura apresentada na figura 46 está levando em conta a fonologia do sinal, uma vez que a autora traz o traço de [+boca] que se refere ao PA, o traço [+longo, +fino, +reto] remete à escova de dente e o M para cima e para baixo repetidamente também remete ao M do objeto. Seguimos a mesma

linha de raciocínio de Rodero-Takahira (2015) e entendemos que Zwitserlood (2003, 2008) leva em conta a fonologia na formação sintática das palavras e não exatamente os traços formais para a formação do SINAL.

3.2 Classificadores nas línguas de sinais

Os classificadores (doravante CL) são muito utilizados em línguas orais-auditivas, mas principalmente em línguas viso-gestuais. A falta de estudos sobre classificadores na libras gera margem para inúmeras interpretações de suas funções nas línguas de sinais. Uma vez que as sinalizações parecem infinitas, estudantes de libras e até mesmo a própria comunidade surda muitas vezes acabam confundindo CLs com gestos, pelo fato de os classificadores serem extremamente icônicos, de acordo com Bernardino (2012). Alguns linguistas como Felipe (1998) usam o termo mímica para o que ela chama de processo de formação de palavras altamente produtivo. Independente da nomenclatura escolhida, entendemos que a regra de formação de CLs e gestos/mímicas são diferentes, como mostra Supalla (1986).

Entre os linguistas, não há um consenso sobre a tipologia e as funções dos classificadores nas línguas de sinais. Entretanto, Felipe (1998), uma das pioneiras nos estudos da libras, diz que o ponto comum entre os estudiosos é o fato de eles acreditarem que os classificadores apresentam CM que apresentam características de um objeto ou de uma entidade e entende que essas CMs são morfemas. Ao afirmar que a CM pode representar um classificador e a direcionalidade e os pontos de articulação marcam concordância, a autora defende que a libras é uma língua que apresenta flexão verbal.

Nas próximas subseções, vamos discutir as principais tipologias e definições para os classificadores.

3.2.1 Supalla (1986) e o Sistema de Classificadores na ASL

Supalla (1986) descreve os classificadores da ASL e busca, também, mostrar que os classificadores nas línguas de sinais se assemelham aos classificadores nas línguas orais. Supalla acredita que assim como as línguas orais possuem morfemas discretos, os verbos de movimento e de locação da ASL também possuem morfemas discretos. Além disso, da

mesma forma como os parâmetros morfológicos e a gramática estão presentes tanto em línguas orais-auditivas, elas também estão presentes em línguas viso-gestuais. A diferença entre elas não se dá apenas pela modalidade, uma viso-gestual e a outra oral-auditiva, mas também pelo fato de os morfemas serem transparentemente relacionados a seus significados, além de poderem ocorrer simultaneamente e não sequencialmente como em línguas orais. A partir dessas características apresentadas, Supalla (1986) diz que a estrutura se assemelha a movimentos e objetos do mundo real. Com isso, o linguista afirma que os verbos de movimento apresentam morfemas classificadores que variam de acordo com a categoria a que eles se relacionam. Um ótimo exemplo disso aparece na CM, quando se descreve algo longo e/ou fino, largo e/ou plano, ou de uma entidade com duas pernas, em que a CM corresponde à descrição do objeto. Supalla (1986) defende que os verbos de movimento não são meramente representações de um objeto. Apesar de a ASL apresentar iconicidade nos sinais e, aparentemente, um número infinito de representações, o linguista afirma que os classificadores que surgiram nas línguas de sinais são os mesmos encontrados em línguas orais.

Ainda que o texto de Supalla (1986) seja referência para muitos estudiosos das línguas de sinais, alguns conceitos dele são contestados por outros linguistas. Felipe (1998) questiona algumas das definições de classificadores dadas por Supalla (1986), afirmando que se os CLs nas línguas de sinais forem levados em conta da mesma forma como os CLs nas línguas orais, os especificadores de tamanho e forma não devem ser considerados como classificadores.

> Ao se traçar um formato com um tamanho específico no espaço neutro, este traço tem autonomia morfológica não podendo ser classificado como afixo e muito menos obrigatório, corresponderia em português a adjetivo e expressão adjetiva, por exemplo: camisa *listrada*, planície *ondulada*, espaço *arredondado e cercado verticalmente ou horizontalmente*; e pode ser um objeto descrito em relação ao seu tamanho, formato, e textura, por exemplo: jarro longo e fino, jarro arrendondado e pequeno. Esses especificadores, enquanto morfemas livres, não formam um sistema de morfemas gramaticais fechados e obrigatório que deve ser afixado a morfemas lexicais e, por isso não podem ser classificadores no sentido que se vem trabalhando o termo. (FELIPE, 1998, p.58)

Mesmo não concordando completamente com os conceitos apresentados por Supalla (1986), reiteramos que o trabalho de Felipe (1998) é extremamente importante para o âmbito acadêmico, principalmente pelo fato de os estudos linguísticos na libras serem escassos. Um problema a ser apontado na argumentação de Felipe (1998) é a comparação com outras línguas como o português, que possuem um sistema diferente da libras ou das línguas de

sinais. Há, por exemplo, línguas indígenas, a língua Miraña, falada na região amazônica, que possui um sistema de classificadores semelhante ao das línguas de sinais. Nesta língua, há marcadores especializados em formatos e dimensões (Cf. SEIFART, 2005) como nos exemplos em 4. Em 4b), por exemplo temos uma raiz túiʔa, que significa pé e um marcador de classe específico que significa 'orifício'. Juntos, raiz e marcador de classe específico (SCM) significam 'sapato[3]'.

(4) a) Pihhúi-ko
Pesca-marcador de classe específico (SCM).1D.pontudo
'vara de pesca'

b) túiʔa-hui
pé-SCM.orifício
'sapato'

Na ASL, os verbos locativos e os verbos de movimento possuem predicado classificador em sua formação e apresentam raízes que exibem um pequeno número de movimentos que se refere ao tipo de predicado subjacente do substantivo, de acordo com Supalla (1986). O autor ainda explica que a configuração de mão é um morfema classificador nesses tipos de verbo, pois mostra se o sinal é uma entidade com ou sem pernas, por exemplo. Nesses tipos de verbos, os componentes fonológicos são também morfemas que podem se relacionar com o seu significado de forma transparente. Além disso, é baseado na saliência visual das características do objeto sinalizado que as análises mostram que os verbos na ASL incorporam significado.

Supalla (1986) divide os classificadores da seguinte maneira: CL SASSes (do inglês, *Size and Shape Specifiers*), CL semântico, CL corporal, CL parte do corpo e CL instrumentos.

Sobre os classificadores de especificação de tamanho e forma (*size and shape specifiers*), há um tipo de classificador semelhante em línguas orais, segundo Supalla (1986). Entretanto, não iremos tratar disso neste trabalho, pois nos desviaria de nossos objetivos. Os verbos locativos e de movimento apresentam alguns morfemas que são os CLs SASS, e cada tamanho e forma consiste num grupo de morfemas simultâneos. Além de representar

[3] Essa discussão também pode ser encontrada em Minussi e Rodero-Takahira (2013).

morfemas, a mão pode ser dividida em partes representando um aspecto do objeto, nesse tipo de CL. Ainda sobre os SASSes, Supalla (1986) divide eles em duas categorias: estático e de traço. No primeiro, a configuração de mão remete à forma do objeto. Rodero-Takahira (2015, p. 66) apresenta alguns exemplos de SASS estático, como em PAPELARIA e UNICÓRNIO. Nos dados levantados em nossa pesquisa, o sinal ESCOVA DE DENTE, na libras, apresenta o CL SASS estático + um verbo de movimento "escovar":

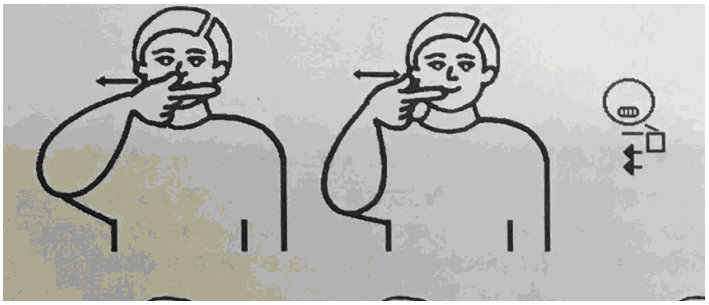


Figura 47: ESCOVA DE DENTE (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 1129)

Alguns sinais são definidos a partir do movimento realizado no espaço de forma que a mão representa o formato ou tamanho de determinado objeto, como em ESCOVA-DE-DENTE. Supalla (1986) diz que esses sinais apresentam SASS de traço em sua formação.

Nos CLs semânticos, a configuração de mão inteira representa um único morfema. Diferentemente dos SASSes, os CLs semânticos representam um objeto de forma mais abstrata. Supalla divide esses CLs em duas categorias: para objetos que possuem duas pernas, sendo elas representadas pelos dedos; e objetos horizontais e verticais. Dentro desta perspectiva, Rodero-Takahira (2015) afirma que os sinais de CASA (como nos compostos "ESCOLA" e "IGREJA") e PÁSSARO se encaixam na categoria de CLs semânticos. O sinal de ESCOLA é composto por CASA+ESTUDO, e CASA seria um CL semântico, como podemos ver a seguir:

b. ESCOLA (casa + estudar)

Figura 48: sinal de ESTUDAR (QUADROS e KARNOPP, 2004, p, 103)

Os CLs corporais possuem um sistema morfofonológico separado que domina os componentes internos de um sinal. Todos os CLs anteriormente citados apresentam a mão como principal articulador no espaço, enquanto no classificador corporal o corpo inteiro do sinalizador é utilizado, além disso esse tipo de CL representa apenas objetos animados ao invés de representar uma categoria semântica ou o formato de um objeto. Isso significa que os recursos e a representação do CL corporal são diferentes dos demais CLs, uma vez que o corpo inteiro é utilizado na sinalização.

Na representação semântica do classificador de partes do corpo há dois componentes articulatórios: (i) a mão, que marca o formato de uma parte do corpo e (ii) o componente de localização do corpo, que marca a orientação espacial da parte do corpo. (SUPALLA, 1986, p. 194). Partes do corpo como nariz, boca, orelha, etc. do sinalizador podem ser utilizadas com um verbo. O exemplo dado na ASL, SOCAR O OLHO, também se aplica à libras. Para descrever uma parte do corpo específica ou uma atividade de uma determinada parte do corpo, o sinalizador deve usar o morfema mão articulatória junto à parte do corpo. Ao fazer isso, há uma combinação de morfemas ocorrendo simultaneamente indicando o tamanho, o formato e a localização na parte do corpo. Há mais um grupo dentro do CL partes do corpo que representa objetos animados com membros (por exemplo, pernas). Além disso, há CLs de parte do corpo que possuem um SASS estático em sua formação. Supalla (1986: 195) dá como o exemplo “dentes de um tigre”, enquanto na libras Rodero-Takahira (2015) exemplifica com UNICÓRNIO que usa um SASS estático do tipo entidade reta fina em sua formação para remeter a uma parte do corpo do unicórnio, seu chifre.

O quinto classificador descrito por Supalla (1986) é o CL de instrumentos. O autor explica que, assim como alguns outros CLs são recursos presentes nas línguas orais, o CL de instrumento é utilizado tanto em línguas orais-auditivas quanto em línguas viso-gestuais, mas não vamos abordar o uso nas línguas orais. Quadros e Karnopp (2004) afirmam que os verbos

manuais na libras apresentam uma CM, em que o sinalizador parece manipular o objeto em questão. Assim sendo, as autoras defendem que os CLs que possuem informação verbal e incorporação do objeto numa sentença devem ser incluídos na classe dos verbos manuais. As autoras apresentam o seguinte exemplo:

Figura 49: (QUADROS e KARNOPP, 2004, p.205)

Entendemos que o que alguns linguistas, como Rodero-Takahira (2015), chamam de verbos de movimento e outros linguistas, como Quadros e Karnopp (2004), chamam de verbos manuais. Para nós, eles são verbos da mesma categoria, mas com nomes diferentes.

Na próxima seção apresentaremos o trabalho de Veloso (2008) em que a autora analisa os aspectos morfossintáticos de construções classificadoras na libras, utilizando o quadro teórico da MD. Neste trabalho, a autora verifica que somente os verbos de localização e os de deslocamento podem ser associados a configurações de mão classificadoras.

3.2.2 Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira: Veloso (2008)

Veloso (2008) analisa a formação de construções classificadoras sob a perspectiva da MD. Schembri (2008 *apud* VELOSO, 2008, p. 90) afirma que devem ocorrer combinações de morfemas com outros morfemas em construções classificadoras a fim de criar um item pronunciável. Para o autor, é difícil dividir os componentes significativos das construções classificadoras em raiz e afixos. Além disso, os componentes significativos não possuem status morfológico claro, pois, mesmo que a CM nas construções classificadoras sejam entendidas como morfemas, “elas podem se combinar com um grande número de outras

unidades significativas que ainda não foram inteiramente descritas, para nenhuma língua de sinais.” (VELOSO, 2008 p. 90).

Isto posto, Veloso (2008: 90) pressupõe que as construções classificadoras sejam formadas por dois morfemas principais: uma raiz (movimento) e uma CM, e a autora considera em sua análise que as unidades CM ou O são feixes de traços abstratos na constituição das construções classificadoras. É só no *Spell-Out* que uma CM com uma determinada O acontecerá, ou seja, ao ser inserido um Item de Vocabulário.

A autora discute ainda a incorporação nominal em verbos de deslocamento. Veloso (2008: 101) diz que verbos como ANDAR, COLOCAR e CAIR possuem uma forma congelada em que ocorre a representação de um único objeto e não uma mudança da CM. Para explicar a incorporação, os seguintes exemplos foram apresentados:

COLOCAR_BOLO_NO_FORNO

Figura 50: ‘Eu coloquei o bolo no forno' (VELOSO, 2008, p. 101)

ARANHA_ANDAR

Figura 51: ‘Aranha anda pelo teto' (VELOSO, 2008, p. 102)

Ex.: ONTEM CHOVER FORTE, ÁRVORE_CAIR

Figura 52: ‘Ontem choveu forte, uma árvore caiu’ (VELOSO, 2008, p. 102)

Veloso (2008: 102) diz que nesses exemplos o verbo faz uma representação do objeto e não uma descrição, portanto, no predicado CAIR-ÁRVORE, a autora diz que ocorre o processo de incorporação nominal, pois há a incorporação de SN ao verbo. A partir dessa afirmação, Veloso (2008) explana o processo de incorporação de Baker (1988), dizendo que um item lexical é formado a partir da combinação de duas raízes lexicais. Baker (1988 *apud* VELOSO, 2008, p. 103) afirma que a incorporação sintática nominal em línguas naturais possui quatro principais propriedades:

(i) a ocorrência de inversão da ordem linear canônica;

(ii) um verbo complexo resultante de uma combinação de uma raiz nominal com uma raiz verbal;

(iii) um nome incorporado frequentemente se refere a uma classe genérica ou não-específica;

(iv) tanto argumentos internos, quanto instrumentos e/ou locativos podem ser incorporados, sendo considerados objetos estruturais.

Para exemplificar, a autora apresenta um exemplo da língua Onondaga, onde ocorre a combinação de uma raiz nominal com uma raiz verbal, resultando num verbo complexo. O exemplo (5b) mostra a sentença já com a incorporação do objeto ‘tabaco’ ao verbo ‘comprar’, apresenta também diferença na ordem dos itens lexicais:

(5) a. wa’hahninú’ ne’ oyE≅kwa’

TNS.3SG.3N.comprar.ASP ART 3N.tabaco.NOM

‘Ele comprou o tabaco.’

b. wa’hayE’kwahní:nu

TNS.3SG.3N.tabaco.comprar.ASP

‘Ele comprou tabaco.’

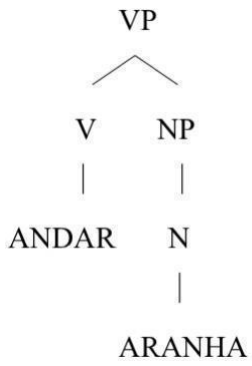
Veloso (2008:103) afirma que após a incorporação, há uma diferença com relação à especificidade do objeto, trazendo uma diferença semântica, como pode ser visto na tradução. Enquanto em 5a) temos “o tabaco”, com o artigo, em 5b), temos o nominal nu “tabaco”. Isso significa que, a incorporação modifica não só características morfológicas e sintáticas dos itens lexicais, como também, as características semânticas.

Baker (1988 *apud* VELOSO, 2008, p. 104) acredita que a produtividade da incorporação nominal seja um processo sintático e não um processo lexical. Com isso, a autora apresenta o exemplo onde ocorre incorporação “Eu vi uma aranha andando pelo teto” e a sua Estrutura-D e Estrutura-S e, a partir deste exemplo, apresenta a Hipótese da Uniformidade de Atribuição Temática de Baker (1988):

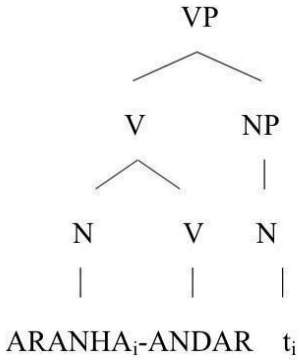
> [...]a Hipótese da Uniformidade de Atribuição Temática diz que tanto a sentença com incorporação quanto a sentença sem incorporação devem ter Estruturas-D paralelas, em que as atribuições temáticas estejam representadas da mesma forma. (VELOSO, p.105, 2008)

Figura 53: ‘Eu vi uma aranha andando pelo teto’ (VELOSO, p.104, 2008)

(6) (a) Estrutura-S



(6) (b) Estrutura-D



Veloso (2008: 105) explica que ANDAR (verbo) e ARANHA (raiz nominal) são combinados e acabam formando uma única palavra na derivação. A combinação ocorre devido à operação Mova **α**, no qual um item lexical mais baixo estruturalmente é adjungido a um item lexical mais alto na sintaxe. A estrutura temática relevante não é eliminada devido ao Princípio de Projeção, logo "a raiz nominal movida deixa um vestígio no núcleo do NP objeto direto que recebe um papel temático do verbo e satisfaz as exigências de subcategorização do verbo." (VELOSO, 2008, p. 105). A autora ainda afirma que a diferenciação na ordem dos elementos na frase é uma das características da incorporação, que na libras se manifesta como simultaneidade, uma vez que não é possível sinalizar a sentença com a ordem canônica do tipo VO ou OV. Veloso (2008) diz que nas sentenças com incorporação observa-se a não-especificidade do objeto e, ainda, alguns verbos podem apresentar um *locus* que estabelecem concordância espacial.

Mais adiante, em seu trabalho, Veloso (2008) apresenta uma seção sobre incorporação de modo em verbos de deslocamento. Segundo a autora, o verbo ANDAR apresenta diversas formas de realização, uma vez que fará referência à maneira do deslocamento e ao referente, como podemos ver nos exemplos a seguir:

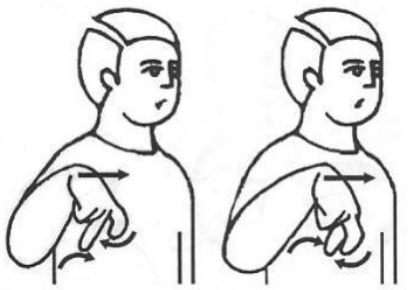


Figura 54: ANDAR DE MODO LEVE E SUAVE (VELOSO, 2008, p. 107)

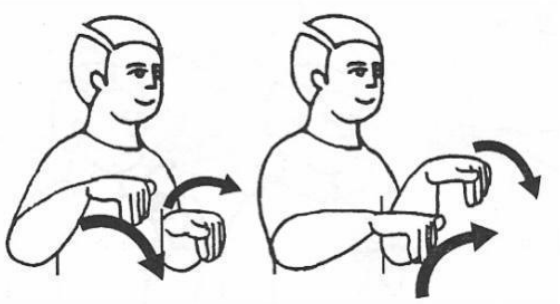


Figura 55: ANDAR NAS PONTAS DO PÉ (VELOSO, 2008, p. 107)

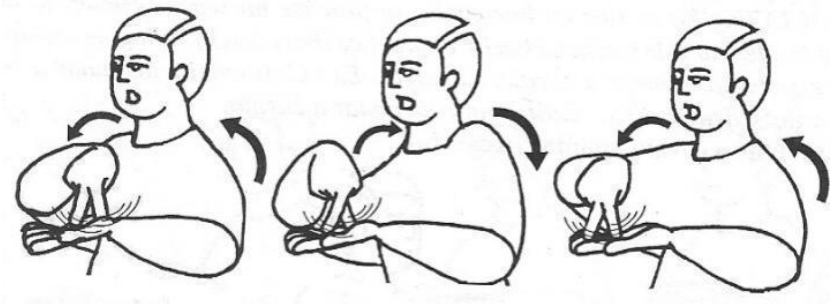


Figura 56: ANDAR CAMBALEANDO (VELOSO, 2008, p. 108)

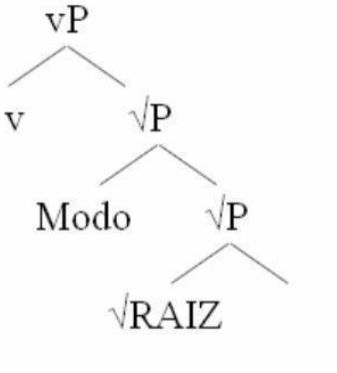
Para explicar como o modo é decodificado na libras, em especial nos exemplos anteriores, a autora faz uma reflexão sobre o trabalho de Talmy (1991 *apud* VELOSO, 2008, p. 109), que divide as línguas em dois grupos: *verb-framed* e *satellite-framed*.

> O primeiro grupo é constituído de línguas que codificam trajetória de movimento em verbos (como entrar e sair, no português brasileiro) e o segundo, em partículas (como no inglês go in e swim across). Cada um desses grupos se diferencia na forma de expressar modo de movimento. Línguas verb-framed tendem a apresentar trajetória no verbo principal e o modo opcionalmente subordinado a ele. Já as línguas satellite-framed comumente combinam modo e movimento no verbo principal, expressando trajetória através de satélites. (VELOSO, 2008, p. 109)

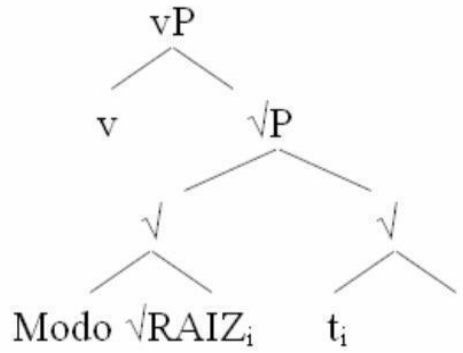
A autora acredita que a libras é do tipo *Verb-framed*, já que possui verbos que indicam deslocamento e trajetória (ENTRAR, SAIR, SUBIR, DESCER, ABAIXAR), contudo, conforme os exemplos anteriores, Veloso (2008: 110) afirma que os verbos podem codificar, também, Modo. Assim sendo, para ela, um verbo complexo é produzido através da incorporação, uma vez que ocorre a associação de uma raiz verbal a Modo:

(7)

a.



b.



Verbos de deslocamento, verbos locativos e verbos de existência apresentam CMs classificadoras, de acordo com Veloso (2008: 115). A autora exemplifica essa propriedade com base no verbo ESTAR-LOCALIZADO, que se comporta da mesma maneira que sentenças com verbos de deslocamento, permitindo uma CM que representará o referente localizado.

Há duas leituras possíveis para o verbo TER: (i) leitura possessiva, (ii) leitura existencial:

Figura 57: "Ana tem uma bola", leitura possessiva (VELOSO, 2008, p.115)

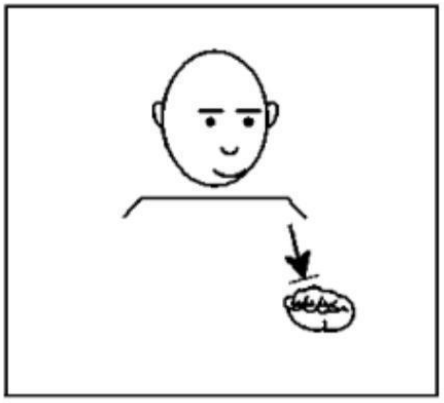
TER VASO

MESA

Figura 58: "Tem um vaso sobre a mesa", leitura existencial (VELOSO, 2008, p.116)

A autora explica que há alguns autores como Supalla (1986) e Zwitserlood (2003) que discutem o uso de uma CM classificadora nos verbos de deslocamento, verbos locativos e verbos de existência. Zwitserlood (2003) afirma que há um verbo de localização na NGT que é utilizado no espaço de sinalização para marcar os referentes nos locais.

> [...] pelo fato de atribuir loci aos referentes, o verbo de localização é um sinal de apontamento (glosado como IX – INDEX – na maior parte da literatura gerativista). [...] esses verbos funcionam muito mais como operadores que atribuem índices abertos para conectar referentes a loci particulares do que como verbos, mas trata-os como verbos de localização em sua pesquisa, pela possibilidade de exibirem uma configuração de mão representativa em sua estrutura. (VELOSO, 2008, p. 119)



be- LOCright-CL:flat ent 'There is a book to the right'

Figura 59: Exemplo com o verbo ESTAR LOCALIZADO na NGT "tem um a direita" (VELOSO, 2008, p. 119)

Veloso (2008) sugere que na libras existe algo semelhante à NGT, pois há um sinal que atribui *loci* aos referentes dos argumentos do verbo, mas pelos exemplos apresentados, entendemos que não há de fato a realização de um sinal, mas sim algum tipo de apontamento ou CM. Na figura 60, não ocorre a representação de referentes e sim um apontamento. No exemplo 61, há atribuição de *locus* para MARIA e esse mesmo ponto, em outro momento da narrativa, pode ser utilizado para fazer referência a ela. No primeiro momento, MARIA está em um ponto no espaço de sinalização e é identificada por uma CM que representa pessoa. Já na última ilustração do exemplo 62, não ocorre uma CM classificadora, há apenas um apontamento no espaço.

Figura 60: "O carro está ali" (VELOSO, 2008, p. 120)

Figura 61: (VELOSO, 2008, p. 121)

Figura 62: "Maria falou que tem uma bicicleta do lado do carro vermelho" (VELOSO, 2008, p. 121)

Veloso (2008) conclui que apenas os verbos de deslocamento e os verbos de localização podem se associar a CM classificadoras, elas são a representação de um argumento verbal e, também, são utilizadas para manter a referência de um determinado referente em uma narrativa ou em um discurso. As raízes complexas são formadas a partir da associação raízes verbais e de CMs e a OR que equivalem a morfemas. "Por outro lado, o movimento, nessas condições, expressa o deslocamento ou a posição de um determinado referente, correspondendo à raiz verbal." (VELOSO, 2008, p. 146).

A autora também conclui que, em alguns casos, os verbos de deslocamento podem apresentar incorporação nominal ou de modo. Em sentenças com CAIR, por exemplo, é possível que não haja representação das características do referente. Contudo um formativo do sinal nominal pode ser incorporado à raiz verbal, produzindo uma única interpretação para o Tema, de acordo com Veloso (2008: 147). Ela ainda conclui que quando o movimento codificado pela raiz realiza a descrição ou representa o movimento no espaço real, há a incorporação de modo.

O trabalho de Veloso (2008) nos dá um direcionamento sobre o processo de incorporação na libras e nos faz analisar se há de fato incorporação em todos os verbos manuais na libras, como postulado por alguns autores como Xavier e Neves (2016). Na próxima seção, apresentaremos o processo de incorporação no português e alguns dados de

possíveis incorporações na libras, conforme apresentado por Ferreira (2013) que apresentaremos mais adiante.

3.3 Incorporação: das línguas orais às línguas viso-gestuais

Nesta seção, vamos apresentar os aspectos mais relevantes do processo de incorporação nas línguas orais e nas línguas de sinais, uma vez que tal processo parece ser fundamental para descrever e explicar os verbos manuais que são o foco da presente pesquisa.

Saraiva (1996) analisa, no português, o comportamento gramatical do SN nu objeto. A autora decide realizar a pesquisa após notar que o processo de incorporação nominal estava sendo fortemente investigado em línguas indígenas, enquanto o português não recebia a devida atenção. Para isso, a linguista apresenta o trabalho de Baker (1988, 1993) e os dados de incorporação nominal em línguas como onondaga, mohawk, nahuatti etc.

Apesar de a pesquisa não ser sobre a libras ou uma outra língua de sinal, Saraiva (1996) apresenta de forma clara o processo de incorporação, além de trazer dados e informações relevantes, que dialogam com a nossa pesquisa, conforme apresentaremos mais adiante.

Em muitas línguas, ocorre um fenômeno conhecido como Incorporação Nominal (IN) em que uma palavra semanticamente independente se incorpora à outra, de acordo com Baker (1988, p.1 *apud* SARAIVA, 1996, p. 114). Em outras palavras, uma palavra vai para dentro de outra. O autor afirma que a Incorporação é um processo sintático e a IN é resultante da operação Mover- α. Para ilustrar a IN, Baker (1988, 1993) traz alguns exemplos do onondaga, uma língua falado no nordeste dos Estados Unidos:

8) a) Pet wa? - ha - hwist - ahtu-?t-a?.
Pat PAST - 3MS - money - lost - CAUS - ASP
'Pat lost money'
“Pat perdeu dinheiro”.

b) (pro) Wa? - ha - yv? kw - ahni: nu-?.

PAST- 3 MS/3N - tobacco - buy - ASP

'He bought tobacco'.

“Ele comprou tabaco”

c) (pro) T - a - shako - ?ahs - v: -?.

CS- PAST- 3MS/3F - basket - give - ASP

'He handed a basket to her”.

Ele entregou uma cesta para ela

(BAKER, 1988, p.76, n.1)[4]

Segundo Saraiva (1996: 116), os verbos acima são vocábulos compostos onde ocorre a combinação de uma raiz nominal e uma raiz verbal. Em (8a), há a combinação da raiz nominal (hwist ‘dinheiro’) com a raiz verbal (ahtu) que formam um único item lexical e, ainda, é acrescido os morfemas flexionais de tempo passado (wa?), de sujeito de 3º pessoa (ha), de causativo e aspecto (?t-a).

> ”o nome incorporado (NI) em complexos verbais[...] apresenta-se apenas com o radical nu, destituído dos afixos flexionais que lhe são próprios na língua considerada. [...] a propriedade especial de construções como as acima é que a raiz nominal parece equivaler ao objeto direto da estrutura, recebendo produtivamente um papel temático da raiz verbal” (SARAIVA, 1996, p. 116)

Ao analisar a língua onondaga, Baker (1988) afirma, segundo a autora, que uma palavra morfologicamente complexa pode desempenhar o papel de duas palavras. Esta é uma afirmação que nos chama a atenção, uma vez que os verbos manuais na libras parecem desempenhar o papel de duas palavras como pode ser visto nos dados de Ferreira (2013). Dados como ABRIR-JANELA, ESCOVAR-OS-DENTES podem ser analisados como

[4] BAKER (1988, p.441-443 *apud* SARAIVA, 1996, p.115) dá as seguintes informações sobre os exemplos acima: 1,2,3 - referem-se às pessoas gramaticais M,F,N - gênero masculino, feminino e neutro(respectivamente). s, p. - singular, plural.
S, O - sujeito, objeto (funções gramaticais) CS - cislocativo
PAST - tempo passado
CAUS - morfema de causativo
ASP - marca de aspecto ou modo
PRE - prefixo flexional nominal
SUF - sufixo flexionai nominal.
Saraiva (1996) diz que Onondaga é uma língua de ordem livre de palavras, e há concordância do verbo com o sujeito e o objeto.

incorporação do objeto no verbo, formando um nome composto. Mostraremos os detalhes desse tipo de análise na seção de análise dos dados da presente pesquisa.

Saraiva (1996) afirma que a IN nas línguas polissintéticas, os sujeitos dos verbos não se incorporam, apenas os objetos. Contudo, "sujeitos de verbos inacusativos podem vir incorporados, uma vez que, tematicamente, correspondem ao objeto desses verbos." (SARAIVA, 1996, p. 121) A autora ainda postula que o radical nominal de vocábulos complexos pode contribuir na subclassificação de uma ação e, então, N-V acaba representando um tipo diferente de evento. Saraiva (1996) propõe que os nomes incorporados em línguas polissintéticas apresentam as seguintes características:

a) Vocábulo composto de um radical nominal nu + raiz verbal + afixos flexionais verbais;

b) O item composto equivale ao verbo principal da sentença.

c) O radical nominal corresponde ao objeto direto. Recebe um papel temático da raiz verbal, satisfazendo as restrições selecionais do verbo.

d) Só objetos temáticos se incorporam. Sujeitos não o fazem.

e) Do ponto de vista semântico, o objeto tanto pode ser referencial como não-referencial.

f) O nome incorporado, em alguns casos, pode ser retomado no discurso subsequente.

g) O radical nominal pode ser modificado por elementos que se encontram fora do vocábulo complexo;

h) O nome subclassifica a ação ou processo expressos pelo verbo, passando o conjunto a designar um tipo diferente de evento.

Saraiva (1996) explica que Baker (1988) postula que a Incorporação é uma submodalidade da regra sintática Mover-alfa que recai sobre uma categoria Xº. O autor assume a existência da Estrutura-P o que significa que, "na estrutura-P todos os sintagmas aparecem na posição em que se atribui o papel-teta que recebem". (SARAIVA, 1996, p. 126 *apud* BAKER, 1988). Ou seja, antes da incorporação, os itens possuem uma relação estrutural, que pode ser uma relação temática do mesmo tipo. Com isso, o autor apresenta o seguinte princípio:

Hipótese da Uniformidade de Atribuição de Teta (HUAT)

"Relações temáticas idênticas entre itens são representadas por relações estruturais idênticas entre os mesmos no nível da estrutura-P."

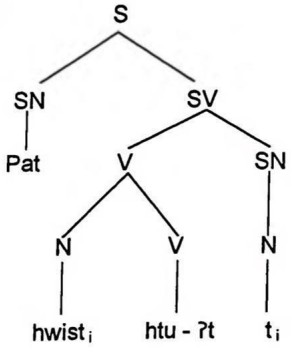
Explicando a HUAT, Saraiva (1996) diz:

> Tal princípio dá uma motivação teórica para a análise da IN em termos de movimento de Xº: sempre que uma parte de um vocábulo mostra sinais sintáticos de atribuição ou recepção de um papel-teta de maneira semelhante à de um constituinte morfologicamente independente, a HUAT (UTAH, em inglês) prevê que tal parte do vocábulo aparecerá numa posição estrutural independente na estrutura-P, de modo que as relações temáticas poderão ser atribuídas da maneira canônica" (SARAIVA, 1996, p. 126)

Para Baker (1988) em (7a), em algum estágio, o verbo **htu-?t** (loose 'perder´) e a raiz nominal **hwist** ('dinheiro') se juntam e formam um único vocábulo, e isso ocorre devido à operação Mover-alfa, que é responsável por mover o item léxico mais baixo estruturalmente (o nome) e o adjungir ao verbo. Um traço é deixado na posição de origem do radical nominal movido, para satisfazer o Princípio de Projeção (PP): "o PP implica que o movimento de SXs, assim como de Xºs, deve preservar a estrutura, deixando atrás um traço - cópia foneticamente nula da categoria transposta." (SARAIVA, 1996, p. 128).

A atribuição de papel teta, tanto para quem atribui, quanto para quem recebe, não se refere a categorias, e sim a posições. Isso significa que, devido a Mover-alfa, uma posição teta pode ter a própria categoria como seu traço. Em suma, os itens individuais não são levados em conta, mas sim as cadeias inteiras. Com isso, Baker (1988) propõe a seguinte estrutura-S para nome movido em Onondaga:

(9)



Na representação acima, podemos ver que um traço é deixado pelo nome movido e ele encabeça o sintagma nominal objeto. Dessa forma, ele pode receber um papel-teta do verbo, satisfazendo as exigências de subcategorização segundo Saraiva (1996: 129). Com o movimento do núcleo nominal, um traço é deixado e ele está sujeito a Restrição do Movimento de Núcleo - RMN (HMC no inglês) que é derivada do Princípio da Categoria Vazia (PCV). Sobre a RMN, Baker (1988) assume:

> **Restrição de Movimento de Núcleo**
> "Um Xº só pode se mover para um Yº que o rege propriamente".

Em outras palavras, o X deve se mover para a primeira posição de núcleo que o rege apropriadamente. De acordo com a autora, "a RMN é simplesmente uma evidência de que os traços deixados pelo transporte de Xºs estão sujeitos ao PCV assim como o estão os demais traços de movimento." (SARAIVA, 1996, p. 130).

A partir de Baker (1988; 1993), Saraiva (1996: 141) define a Incorporação Nominal como um verbo morfologicamente complexo que é formado por uma raiz nominal, uma raiz verbal e afixos flexionais verbais. Tendo isso em vista, a autora passa a analisar a IN no português e afirma que, assim como nas línguas polissintéticas, no português, a incorporação ocorre com objetos e nunca com sujeitos. Além disso, os objetos incorporados no português são SN (sintagma nominal) nu sem qualquer modificador pré-nominal.

> a leitura [-I, -M, -Pr] do SN nu objeto, em português, favorece a incorporação semântica desse item ao verbo, de tal modo a serem ambos interpretados como um todo semanticamente coeso: traduzem uma idéia unitária.[..] o nome parece estar *qualificando* o verbo, atribuindo ao seu sentido o conjunto das propriedades que

> definem a própria classe. Em outras palavras: **V+N** designam uma subclasse da ação expressa pelo verbo. Recorde-se as expressões buscar menino, catar papel, tocar flauta, beber cerveja, etc. são interpretadas como diferentes tipos de ação. Focalizam-se os eventos e não as entidades envolvidas. (SARAIVA, 1996, p. 144)

Uma análise prévia dos dados de nossa pesquisa, nos sugere, pelo menos a princípio, que na libras também há uma ideia unitária nos verbos manuais em que os nomes parecem sim qualificar o verbo[5]. A título de exemplificação, parece ser o que ocorre em verbos como COPO CAIR e PAPEL CAIR. Nesses exemplos da libras, os SN nus COPO e PAPEL, podem ser tomados como objetos do verbo CAIR, que é um verbo inacusativo, de acordo com a Teoria Gerativa. Saraiva (1996: 173) diz que a semântica que se depreende de V+N, como em (10a), é favorecida pelo traço [-M][6] do objeto incorporado:

10. a) Zé sempre lia jornal à noite
    b) Zé sempre lia (este/um/algum/seu) jornal à noite.
    c) Zé sempre lia (diversos/ todos os) jornais à noite.

"Tal traço implica que as propriedades definitórias da classe do nome é que estão em jogo, não as entidades que as portam. Por isso torna-se possível incorporar tais propriedades à acepção do verbo[...] produzindo o efeito de idéia unitária" (SARAIVA, 1996, p. 172)

Utilizaremos a teoria de Baker (1988) em nossa análise, assim como as reflexões feitas por Saraiva (1996), uma vez que algumas das características apresentadas na IN de outras línguas parecem se manifestar também na libras. Além disso, a teoria de Baker (1988) conversa com a MD, dado que o autor sugere que a IN é um processo sintático e a MD propõe um tratamento sintático tanto para a formação de sentenças quanto para a formação de palavras.

[5] Apresentaremos os dados no capítulo da análise.
[6] M- Foco nos membros integrantes da classe (propriedade semântica).

4 Os verbos manuais: tipos de complemento e aspectos morfológicos

Neste capítulo, apresentaremos alguns dos principais textos que descrevem e analisam os verbos manuais. Esses textos descrevem e analisam esses verbos em função do tipo de complemento que selecionam, isto é, se um sinal, se uma CM ou mesmo um classificador e, também sugerem quais os processos morfológicos que estão envolvidos na formação desses verbos, isto é, se há um processo de derivação, composição ou fusão.

Os verbos espaciais são conhecidos também como verbos de movimento ou de localização. Padden (1988) traz como exemplos da ASL: *DRIVE, BRING/CARRY, PUT* (DIRIGIR, LEVAR/CARREGAR, COLOCAR), etc. A linguista ainda explica que alguns autores como Supalla (1982), incluem os classificadores (CL) nessa mesma categoria. Os verbos classificadores têm como característica a configuração de mão que especifica pessoa, veículo e animais de quatro pernas. Além disso, se forem comparados a outros tipos de verbos, essa classe possui uma morfologia complexa e com uma série de combinações de raízes e afixos, conforme explica Supalla (1982).

Assim como os verbos flexionados, os verbos espaciais também apresentam movimento linear, no qual o sinal inicia em um determinado ponto e vai em direção ao ponto final, que é diferente do ponto inicial, como em CAIR A CARA em que o ponto inicia no espaço próximo à cabeça e o ponto final é próximo ao peito:

Figura 63: CAIR A CARA (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 508)

Nos trabalhos que serão apresentados neste capítulo, de modo geral, o que notamos é que o ponto de partida vem quase sempre da definição de que "Os verbos manuais envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando o objeto na mão."

(QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 204). Observemos como isso está descrito na literatura especializada.

4.1 Um estudo sobre os verbos manuais da língua de sinais brasileira: Ferreira (2013)

A dissertação de mestrado de Ferreira (2013) tem como objetivo realizar um estudo sobre os verbos manuais na libras. Para a realização do trabalho, Ferreira (2013) utiliza a teoria gerativa como seu escopo teórico.

Os verbos manuais são descritos como uma categoria que apresenta a CM que parece segurar um determinado objeto. Ferreira (2013) mostra COLOCAR-BOLO-FORNO como um exemplo e, assim como PEGAR, apresentado por Xavier e Neves (2016) também como um exemplo de verbo manual:

Figura 64: verbo manual PEGAR (XAVIER e NEVES, 2016, p. 139)

Figura 65: verbo manual COLOCAR (FERREIRA, 2013, p. 46)

Ainda sobre os verbos manuais, Ferreira (2013: 46) cita Faria *et al* (2001) dizendo que essa classe também é conhecida como predicados de movimento ou de espaço e mostram onde a ação é realizada, além de incorporarem os instrumentos que predicam:

> [...] os predicados de movimento representam as unidades lexicais mais ricas em termos de quantidade de informação incorporada de forma simultânea e sequencial numa mesma expressão verbal. Ao recorrer às várias estratégias disponibilizadas

> pela articulação da mão e pelas componentes não manuais, o gestuante é capaz de especificar o percurso, a trajetória, a velocidade e o movimento. Através da configuração consegue caracterizar (o)s referente(s) envolvido(s) na acção; é ainda capaz de indicar a localização no espaço topográfico, desde o ponto de partida ao alvo, e tem sempre ao seu dispor a expressão facial e outros componentes não manuais para acentuar o modo e o aspecto ou a percepção emocional do evento. Desta forma, o conteúdo semântico da acção é largamente enriquecido pela informação complementar. (FARIA ET AL, 2001 *apud* FERREIRA, 2013, p. 46)

Os verbos manuais são divididos em três categorias, segundo Ferreira (2013: 46):

1) **Verbos locativos** que possuem afixo locativo, como COLOCAR, IR e CHEGAR;
2) **Verbos classificadores de entidade**, no qual há uma incorporação da CM do CL de entidade, como por exemplo, ANDAR-PESSOA, ANDAR-ANIMAL;
3) **Verbos classificadores de instrumento**, no qual a CM representa a maneira que manipulamos o objeto numa ação. Exemplo: CORTAR-COM-TESOURA, PINTAR-COM-PINCEL, PASSAR-A-FERRO.

No terceiro capítulo, Ferreira (2013) aborda a formação de palavras em duas diferentes perspectivas: a da derivação e a da incorporação. Para explicar o primeiro processo, a linguista afirma que, segundo Basílio (1987), a derivação é um processo em que, para formação de uma nova palavra, ocorre a junção de um sufixo ou prefixo a uma base. No português, há verbos que surgem da derivação de nomes ao acrescentar os sufixos verbalizadores -ar, er-, ir, mas há também a derivação regressiva, em que nomes surgem a partir dos verbos ao eliminar o sufixo verbalizador. Veja os exemplos:

(11) (a) escova + -ar = escovar
(b) pente + ar = pentear
(c) jogar - -ar = jogo
(d) lutar - -ar = luta

Na libras, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que é a partir da derivação que ocorre a mudança de verbo para nome. Para evidenciar a análise, as autoras apresentam alguns pares de verbos/nomes em que ocorre apenas uma mudança no tipo de movimento: nos nomes há

uma repetição no M do sinal do verbo, mas todos os outros parâmetros são mantidos, como em TELEFONE/TELEFONAR e SENTAR/CADEIRA:

Figura 66: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

Figura 67: Quadros e Karnopp (2004, p. 97)

Para Brito (1995 *apud* Ferreira, 2013, p.60), a incorporação de instrumentos na libras acontece a partir de informações léxico-sintáticas, o que acontece é a junção da informação lexical com a informação sintática. COMER-MAÇÃ e MAÇÃ são iguais e, para a autora, ocorre aí a incorporação do objeto ao item verbal que não é realizado, mesmo tendo o sinal de comer.

Figura 68: COMER-MAÇÃ (FERREIRA, 2013, p. 61)

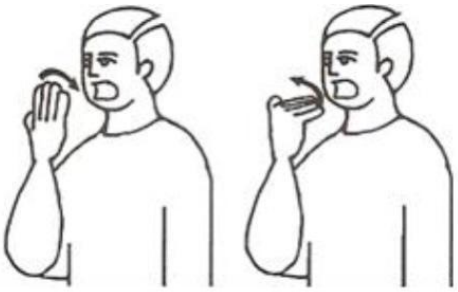


Figura 69: COMER (FERREIRA, 2013, p. 61)

Ferreira (2013) ainda afirma que, ao analisar a literatura, COLOCAR-BOLO-FORNO é um exemplo de incorporação do objeto ao verbo que resulta em um único item lexical:

Figura 70: COLOCAR-BOLO-FORNO (FERREIRA, 2013, p. 46)

Entendemos que a proposta de Ferreira (2013) tenta verificar se os verbos manuais na libras são formados por incorporação ou por derivação, seguindo a proposta de Quadros e Karnopp (2004). A autora escolheu os verbos: CORTAR, PENTEAR/ESCOVAR, PASSAR, ABRIR e PINTAR, e os seguintes objetos:

Figura 71: (FERREIRA, 2013, p. 64)

Figura 72: (FERREIRA, 2013, p. 65)

Os objetos TESOURA, CORTADOR DE UNHA, FACA, MACHADO, PENTE, ESCOVA DE DENTE, ESCOVA, FERRO DE PASSAR, ABRIDOR DE LATA, PINCEL e ROLO foram selecionados por Ferreira (2013) como instrumentos dos verbos de seu corpus.

Para CORTAR e CORTAR-COM-TESOURA, os dados mostram que o espaço neutro é utilizado para ambas as sinalizações e apenas quando inserido num sintagma, CORTAR-COM-TESOURA não utiliza o espaço neutro, pois a sinalização ocorrerá próximo ao referente que representa o argumento interno, de acordo com Ferreira (2013, p. 67). A autora diz que o verbo CORTAR mudará de acordo com o instrumento utilizado e afirma que quando um argumento interno é o mesmo, é o instrumento que determinará a realização do sinal, como em CORTAR-COM-CORTADOR DE UNHA (TRIM)+ UNHA e CORTAR-COM-TESOURA+ UNHA. Em ESCOVAR-COM-ESCOVA+ CABELO e ESCOVAR-COM-ESCOVA+ DENTE a configuração de mão foi a mesma para as duas, mas o ponto de articulação foi diferente, pois o lugar representa o argumento interno do verbo.

Já o verbo, ABRIR não foi realizado da mesma maneira nos contextos apresentados, em ABRIR-COM-ABRIDOR+GARRAFA e ABRIR-COM-ABRIDOR+LATA houve uma variação na realização do sinal que se caracteriza por diferentes configurações de mão já que são utilizados diferentes objetos para a mesma ação.

Figura 73: ABRIR-COM-ABRIDOR+GARRAFA (1) (FERREIRA, 2013, p. 72)

Figura 74: ABRIR +GARRAFA (FERREIRA, 2013, p. 73)

Figura 75: ABRIR-COM-ABRIDOR+LATA (Ferreira, 2013, p. 73)

Para PINTAR, dois argumentos internos, CABELO e PAREDE, foram apresentados para o instrumento PINCEL. O comportamento de PINTAR é semelhante ao de ABRIR, pois a configuração de mão mudará de acordo com o objeto utilizado para a ação, mas o ponto de articulação muda já que a sinalização é realizada próxima ao argumento interno do verbo. O que nos chama a atenção é a variação apresentada pela autora em PINTAR-COM-ROLO+PAREDE:

Figura 76: PINTAR-COM-ROLO+PAREDE (FERRREIRA 2014, p. 74)

Na primeira possibilidade de sinalização, a PAREDE é representada pelo braço e mão esquerda e a mão direita é o ROLO. Na segunda possibilidade, as duas mãos representam o ROLO e o olhar, uma expressão não manual, marca o referente.

Figura 77: PINTAR-COM-ROLO+PAREDE (FERREIRA, 2014, p. 74)

No que diz respeito ao verbo CORTAR, a autora afirma que não há um sinal próprio em que os instrumentos utilizados para a ação são TESOURA, CORTADOR DE UNHA, FACA e MACHADO por si só, já representam o verbo. Para a autora, o mesmo ocorre com todos os outros verbos de seu corpus: PENTEAR, ESCOVAR, ABRIR, PASSAR E PINTAR. Ferreira (2013, p.76) afirma que eles não possuem sinais próprios, e que não há um item lexical para eles, e ela retoma o conceito de incorporação trazido no capítulo 3, dizendo que a incorporação é uma combinação de dois itens lexicais e que não ocorre nos verbos de seu corpus, portanto, não há uma incorporação do nome ao verbo, uma vez que não há um sinal para eles na libras. Ao descartar a incorporação, a autora afirma, então, que os verbos manuais são formados a partir do processo de derivação. Ferreira (2013) averiguou se há de fato uma distinção entre verbo e nome através do movimento, conforme dito por Quadros e Karnopp (2004), e afirma que não há uma regularidade quanto ao movimento. Quando os participantes sinalizaram os verbos, em alguns momentos houve uma repetição maior do movimento do que ao realizar o nome e, em outros momentos, o nome teve mais movimento repetidos do que os verbos. Portanto, no que diz respeito à diferenciação de verbos e nome pelo movimento, os dados de Ferreira (2013) foram inconclusivos.

Após a análise apresentada acima, Ferreira (2013) diz que os verbos BEBER/TOMAR e COMER são formados pelo processo de incorporação e apresentam um comportamento diferente que a dos verbos de instrumento (os verbos que foram apresentados anteriormente). Entendemos que, desta forma, a autora está colocando BEBER/TOMAR e COMER em

diferentes categorias dos outros verbos do corpus, mas para a nossa análise, entendemos que eles se encaixam na mesma categoria. Para sustentar sua análise, Ferreira (2013, p. 77) utiliza não somente o participante, mas também a descrição do dicionário de Capovilla e Raphael (2001) dizendo que BEBER tem um sinal próprio e BEBER-CAFÉ é uma realização do sinal BEBER e XÍCARA, pois, uma vez que há dois itens lexicais há, então, a incorporação. O mesmo ocorre para COMER e MAÇÃ, em que há, segundo a autora, uma combinação morfossintática para formar o predicado.

Ferreira (2013) cita o trabalho de Faria Nascimento e Correia (2011) e concorda com os autores que os verbos manuais se classificam em verbos classificadores de instrumentos e verbos classificadores de identidade. Porém, enquanto Faria Nascimento e Correia (2011) *apud* Ferreira (2013, p. 79) acreditam que os verbos manuais são formados pela incorporação, Ferreira (2013) diz que é pela derivação que ocorre a formação dos verbos manuais.

4.2 Descrição de aspectos morfológicos da libras : Xavier e Neves (2016)

Xavier e Neves (2016) afirmam em seu trabalho que a morfologia da libras é um campo ainda pouco explorado pelos linguistas e, à luz de Basílio (1987), os autores buscam compreender os aspectos morfológicos da libras. Os autores iniciam o trabalho explicando o processo de *flexão* (BASÍLIO, 1987 *apud* XAVIER e NEVES, 2016), em que uma palavra pode assumir diferentes formas. Ainda por conta desse processo, ocorre um reaproveitamento de palavras existentes para designar novos conceitos e esse fenômeno se dá pela derivação. Segundo Johnston e Schembri (2007 *apud* Xavier e Neves, 2016), a modificação de sinais é um processo que não gera novos sinais, e sim, diferentes formas de uma mesma palavra. Neves e Xavier (2016) afirmam que algumas modificações de sinais na libras se assemelham à flexão nas línguas orais pelo fato de não resultarem em uma nova palavra:

> Na verdade, geram-se [...] diferentes formas de um mesmo sinal por meio das quais se expressam certos significados gramaticais. Na libras, observam-se entre esses casos aqueles em que a forma do sinal é modificado quando incorpora quantidade, negação, argumento e intensidade. (XAVIER e NEVES, 2016, p. 131)

Xavier e Neves (2016) apresentam alguns tipos de incorporação: numeral, de negação, de localização, de intensidade e de formato do objeto. Para a nossa pesquisa,

destacaremos a incorporação de formato do objeto. Pode-se dizer que a incorporação numeral ocorre com um grupo de sinais relacionados semanticamente a tempo, dinheiro e sequência. Esse tipo de incorporação se dá ao modificar a CM de um sinal por uma configuração de número da libras para expressar as quantidades de algo.

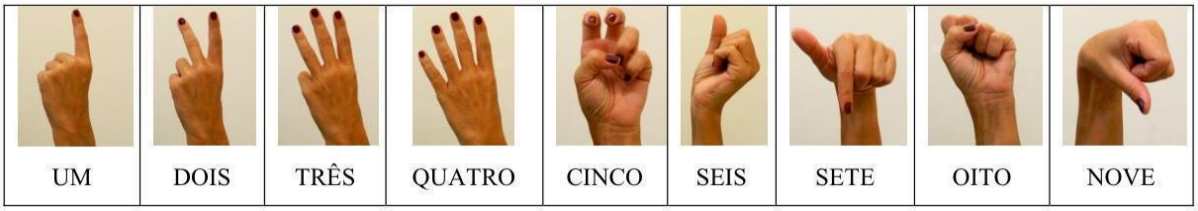


Figura 78: números na libras (XAVIER e NEVES, 2016, p. 132)

Figura 79: exemplos de sinais com incorporação numeral (XAVIER e NEVES, 2016, p. 132)

Figura 80: exemplos de sinais com incorporação numeral (XAVIER e NEVES, 2016, p. 133)

Os autores ainda afirmam que em alguns desses sinais a incorporação nominal ocorre apenas até o número quatro, enquanto outros autores dizem que ela acontece até o cinco, etc. Quando não ocorre a incorporação, o sinalizador realiza o numeral separadamente.

Nas formas plurais dos pronomes pessoais, também ocorre a incorporação numeral, como poder ser visto nos exemplos a seguir:

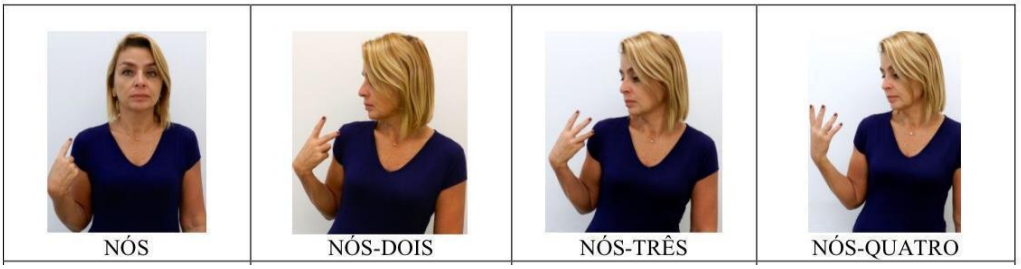


Figura 81: Incorporação numeral em pronomes pessoais (XAVIER e NEVES, 2016, p. 133)

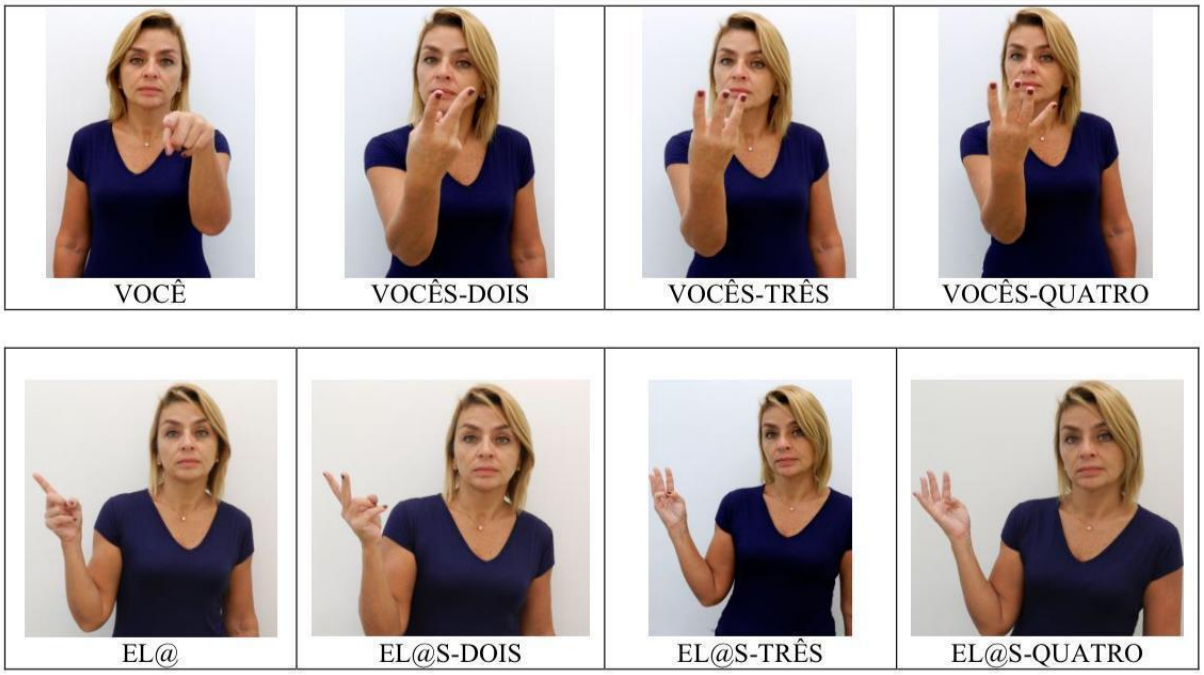


Figura 82: Incorporação numeral em pronomes pessoais (XAVIER e NEVES, 2016, p. 134)

Na incorporação de negação ocorre uma mudança na orientação da mão e/ou acréscimo de marcações não-manuais, por exemplo, balançar a cabeça, como pode ser visto nos exemplos adiantes

Figura 83: Incorporação de negação (XAVIER e NEVES, 2016, p. 134)

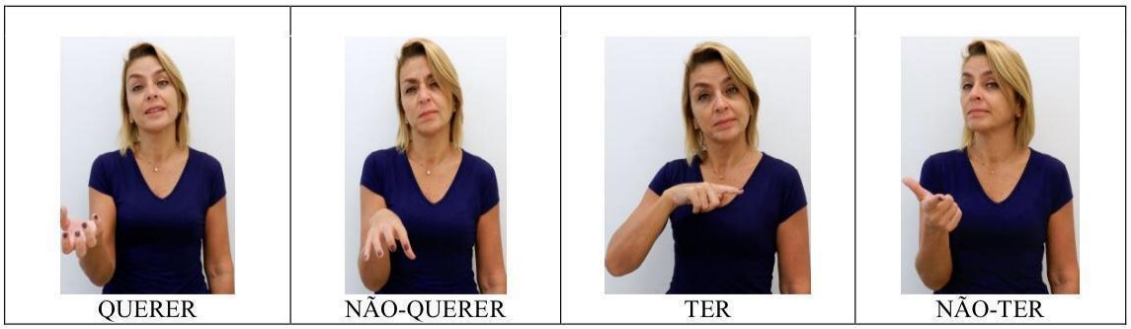


Figura 84: sinais com incorporação de negação (XAVIER e NEVES, 2016, p. 135)

A incorporação de intensidade na libras é expressada através da mudança de CM como no sinal PACIÊNCIA, ou na extensão do M, como em EXPERIÊNCIA, e até mesmo da duplicação da mão na realização do sinal como em NÃO-TER.

Figura 85: exemplos de sinais com incorporação de intensidade (XAVIER e NEVES, 2016, p. 140)

Os autores afirmam que as mudanças nos sinais citados não parecem ser regulares, assim como na incorporação de numeral e de negação. Eles ainda afirmam que devido à baixa ocorrência e produtividade com itens lexicais específicos "assemelham tal processo aos casos de derivação nas línguas orais e não aos de flexão." (XAVIER e NEVES, 2016, p. 141).

Outro tipo de incorporação é a incorporação de localização, na qual a forma do sinal acaba se modificando ao incorporar a localização das entidades que fazem referência, segundo os autores. Eles ainda explicam que os sinais que incorporam localização são os verbos direcionais e os sinais locativos, sendo que o primeiro incorporará a localização associada ao seu argumento, e o segundo incorporará a localização que se associa à entidade a que ele faz referência, um dos exemplos apresentado é o sinal CORTAR:

Figura 86: CORTAR-COM-TESOURA sinal locativo (XAVIER e NEVES, 2016, p. 138)

De acordo com Xavier e Neves (2016: 139), mesmo que a incorporação de localização ocorra apenas com verbos direcionais e verbos locativos, essa propriedade é muito mais produtiva e regular se comparada à incorporação numeral e de negação.

Para explicar a incorporação do formato (do objeto), os linguistas apresentam os verbos de manuseio afirmando que é uma categoria de verbos que têm a propriedade de variar a CM dependendo do tamanho e do formato do objeto que funciona como seu complemento.

Figura 87: verbo PEGAR (XAVIER e NEVES, 2016, p. 139)

Sobre a produtividade desses casos na libras, os autores afirmam:

> Embora esses casos, assim como os de incorporação de localização, pareçam muito produtivos na Libras, não é claro se todos eles podem ser tratados como resultantes de um processo morfológico de incorporação. Casos como `pegar uma caixa´ e `pegar uma xícara´ diferem tanto do ponto de vista de sua forma que talvez até pudessem ser considerados itens lexicais separados e não formas diferentes de uma mesma palavra. (XAVIER e NEVES, 2016, p. 139)

Na libras, há pelo menos três processos de formação de sinais, de acordo com os autores: i) derivação por alteração de parâmetros do sinal primitivo; ii) composição e; iii) fusão.

Xavier e Neves (2016: 141) afirmam que a produtividade parece ser alta na formação de novas palavras na libras através do processo de derivação por alteração de parâmetros. Em

PESQUISAR, o sinal é realizado mais de uma vez e ele é derivado de PERGUNTAR, segundo os autores.

Figura 88: exemplo de sinal derivado ((XAVIER e NEVES, 2016, p. 141)

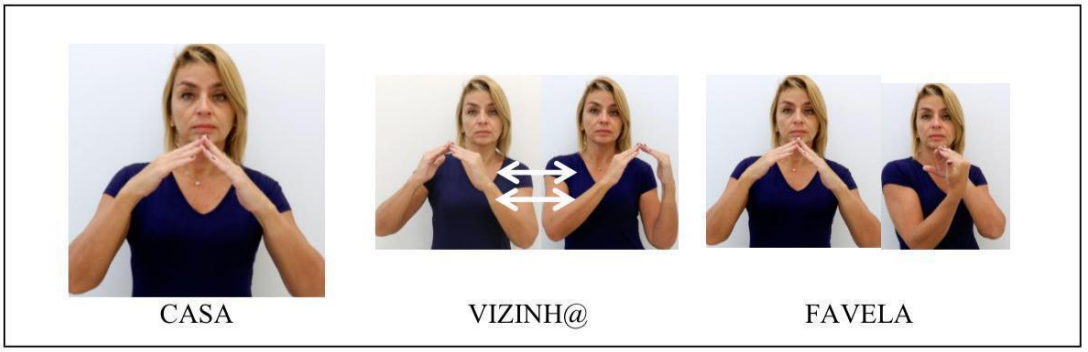


Figura 89: Exemplo de sinal derivado pela mudança no M (XAVIER e NEVES, 2016, p. 142)

É pela motivação semântica que ocorre mudança no sinal CASA, como pode ser visto na figura acima. No sinal VIZINH@ ocorre um M para os lados repetidamente, enquanto em FAVELA, o pulso faz um M levemente contorcido, que indica más condições dos barracos.

Quanto à formação de palavras a partir da composição, Xavier e Neves (2016: 146) citam o trabalho de Rodero-Takahira (2015) afirmando que a partir de dois sinais na libras, forma-se um outro sinal que é o caso de IGREJA (CASA+CRUZ) e ESCOLA (CASA+ESTUDAR). Os autores ainda afirmam que em um sinal composto ocorre uma alteração na forma das palavras originais, que é o caso de ESCOLA, em que ocorre a perda da repetição do M de ESTUDAR.:

Figura 90: ESCOLA é um exemplo de sinal composto (XAVIER e NEVES, 2016, p. 146)

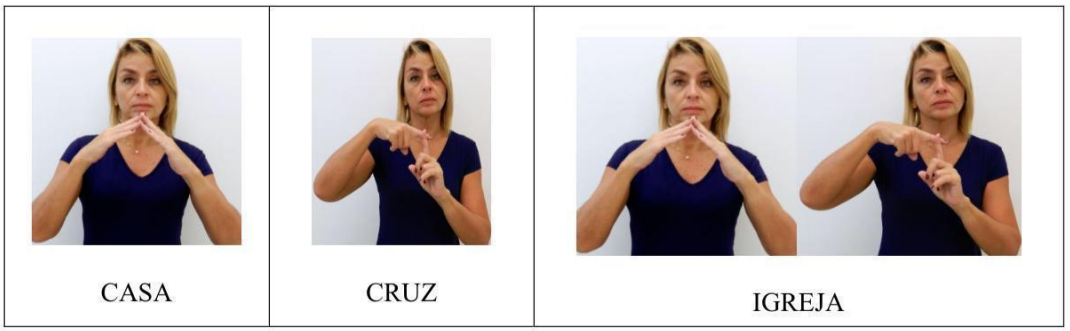


Figura 91: IGREJA é um exemplo de sinal composto (XAVIER e NEVES, 2016, p. 147)

O terceiro processo é o da Fusão e é parecido com o processo *portmanteau* que cria palavras como "sapatênis", "chafé" e "namorido", mas Xavier e Neves (2016: 147) optam pelo termo "fusão". Diferentemente da composição em que há uma junção de duas palavras inteiras para formar outra, na fusão uma nova palavra surge a partir da união de um pedaço de duas palavras primitivas, alguns exemplos são LETRAS-LIBRAS, LETRAS-LIBRAS-BACHARELADO-EM TRADUÇÃO e LETRAS-LIBRAS-LICENCIATURA:

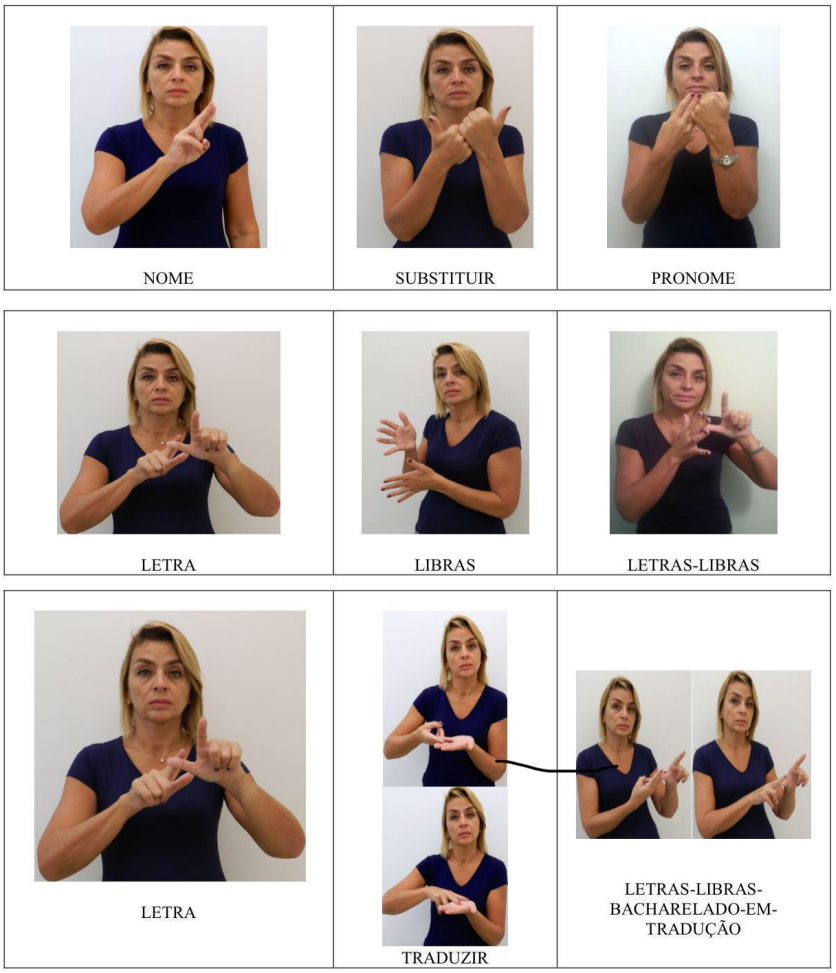


Figura 92: Exemplos de fusão (XAVIER e NEVES, 2016, p. 148)

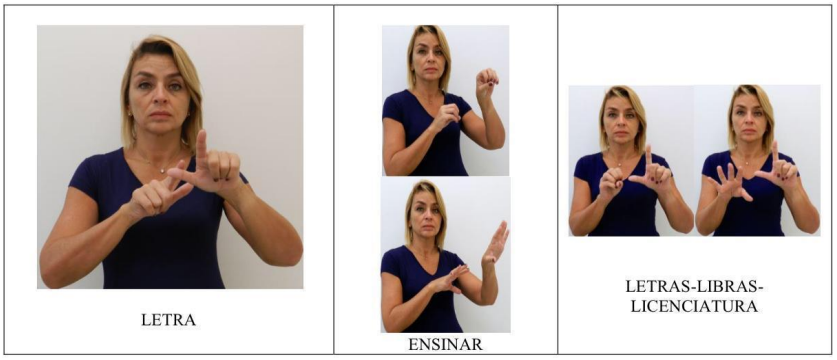


Figura 93: Exemplos de fusão (XAVIER e NEVES, 2016, p. 149)

4.3 Verbos manuais em libras: uma análise sob a perspectiva da incorporação (LOURENÇO e SILVA, 2015).

Lourenço e Silva (2015) têm como objetivo fazer um estudo de construções com verbos manuais na libras e, para isso, utilizam a perspectiva de Hale e Keyser (1993, 2002 *apud* LOURENÇO e SILVA 2015), os quais defendem que os verbos possuem uma estrutura

bipartida: v-VP e a formação dos verbos acontece pelo processo sintático. Por ser um estudo posterior ao de Ferreira (2013), os autores citam a autora, mas afirmam que possuem uma perspectiva um pouco diferente do estudo anterior. Enquanto alguns trabalhos como, por exemplo, o de Ferreira (2013) e Ferreira e Naves (2014) acreditam que os verbos manuais são formados pelo processo de derivação morfológica, Lourenço e Silva (2015) discordam e afirmam que os verbos manuais são formados pela incorporação.

Os autores começam explicando que a libras possui um sistema verbal rico e diversificado, logo, possui diferentes tipos de verbos que podem ser classificados em verbos simples, verbos com concordância e as suas subcategorias, verbos manuais e classificadores. Em seguida, os verbos manuais são descritos, de acordo com Schick (1990, p. 28 *apud* LOURENÇO e SILVA, 2015, p. 1717) como "uma configuração de mão que mimetiza uma mão segurando um objeto". Os autores dizem que também é necessário analisar cada um dos componentes numa sentença, ou seja, é preciso ficar atento ao comportamento sintático em que há verbos manuais. Segundo eles, enquanto as sentenças básicas da libras apresentam a ordem SVO (sujeito, verbo e objeto), nos verbos manuais a ordem é SOV (sujeito, objeto e verbo), então, a mudança de ordem numa frase deve ser levada em conta na análise dos verbos manuais. Para exemplificar, os autores trazem o dado de Quadros (2004: 299) *apud* Lourenço e Silva (2015):

(12) <JOÃO> TOP <PAREDE> TOP PINTAR-ROLO
'João pinta a parede com um rolo.'

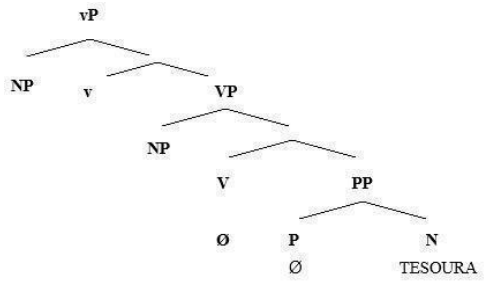
Após explicar a ordem dos componentes em uma sentença na libras, eles descrevem o trabalho de Ferreira (2013) e Ferreira e Naves (2014), dizendo que apresentam um estudo afirmando a derivação no processo de formação de verbos manuais, conforme apresentamos anteriormente.

Lourenço e Silva (2015: 1719) utilizam o conceito de Baker (1988), afirmando que ele é um dos autores mais influentes no trabalho de movimento de núcleo na Teoria Gerativa. De acordo com Baker (1988*, apud* LOURENÇO e SILVA, 2015, p. 1719) palavras complexas são formadas a partir do processo de incorporação que seria um movimento de um núcleo para outro núcleo. Então, é possível realizar um movimento de um N ou um P para um núcleo verbal, mas deve-se obedecer à restrição de movimento de núcleo. Com a

incorporação, o resultado é um núcleo complexo, mas ainda assim as mesmas propriedades dos núcleos são mantidas. A ideia de *conflation* é específica da incorporação e é um movimento de uma matriz fonológica para um núcleo vazio em que não há realização morfológica, resultando em uma palavra, tudo isso de acordo com Hale e Keyser (1993, 2002 *apud* LOURENÇO E SILVA, 2015, p. 1719). Os autores apresentam esses conceitos, pois acreditam que é interessante analisar os verbos manuais pensando em uma fusão de um núcleo com outro não realizado foneticamente.

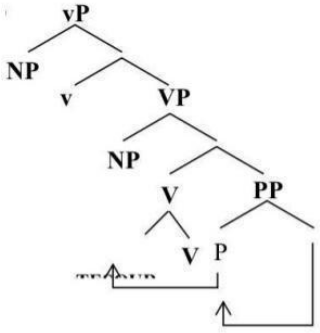
Lourenço e Silva (2015) têm como objetivo analisar duas características dos verbos manuais: a ordem SOV e a interpretação instrumental. Eles acreditam que os mecanismos sintáticos têm um grande papel na formação de verbos manuais na libras e utilizam a ideia de *conflation*, no qual há uma possibilidade de incorporação do instrumento a um núcleo vazio. Os autores analisam a sentença "JOÃO PAPEL CORTAR-TESOURA" e a partir de Larson (1988 *apud* LOURENÇO E SILVA, 2015, p. 1721), apresentam a seguinte estrutura arbórea:

(13)



Lourenço e Silva (2015: 1721) explicam que o argumento instrumental TESOURA é o complemento de um P nulo que interpreta TESOURA como instrumento e V não faz realização morfológica e precisa receber material fonológico para se realizar, mas ainda assim possui traços semânticos que são decisivos na leitura eventiva da sentença. Eles ainda explicam que TESOURA deve ser movida para o núcleo de P e, então, para o núcleo de V, a partir do princípio de estrita complementação que resulta em:

(14)



Como pode ser visto na representação arbórea, o VP torna-se um núcleo complexo constituído por um instrumento e pelo V sem material fonológico. A formação do núcleo complexo só ocorre após a operação *conflation*. Isso resulta, segundo os autores, num verbo manual com apenas o material fonológico do instrumento. Por isso, Ferreira (2013) acredita que a formação não se dá pela incorporação. Entretanto, os autores afirmam que essas evidências são um argumento a favor da operação *conflation*.

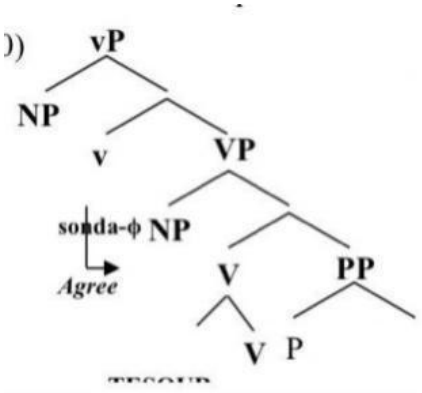
Quanto à ordem dos componentes na sentença, Lourenço e Silva (2015) não notam ocorrências de topicalização, que na teoria acarretaria numa ordem SOV, pois mesmo sem a topicalização, essa ordem se mantém. A teoria dos autores é a de que essa ordem se dá pelo fato de o núcleo verbal não se mover para o núcleo de vP e o núcleo verbal também incorporar o instrumento.

Lourenço e Silva (2015) afirmam que os verbos manuais apresentam concordância com o objeto da sentença, pois o verbo será sinalizado no mesmo *locus* em que objeto sintático for sinalizado. Os autores dizem que na libras há dois tipos de concordância: (i) verbos com concordância dupla, no qual há concordância com o sujeito e objeto da sentença, (ii) verbos com concordância única que ocorre com o objeto sintático. Para explicar a concordância nos verbos manuais, os autores trazem a seguinte proposta de Souza (2014 *apud* LOURENÇO E SILVA, 2015, p. 1723):

> (...) a concordância em Libras se dá por meio de uma relação Agree entre as sondas -ϕ presentes em T e em v e os traços -ϕ presentes nos nominais. Assim, a sonda -ϕ em T é responsável pela concordância com o sujeito e a sonda -ϕ em v é responsável pela concordância com o objeto.[...] Nesse sentido, nas sentenças com verbos manuais, v possui uma sonda-ϕ que entra em uma relação Agree com o objeto da sentença, emergindo, então, a concordância com o objeto. (Lourenço e Silva, 2015, p. 1723 e 1724)

Para explicar a concordância, a seguinte estrutura arbórea é apresentada:

(15)



Lourenço e Silva (2015) finalizam o trabalho afirmando que, de acordo com as evidências apresentadas em seu trabalho, os estudos baseados na derivação realizados por Ferreira (2013), Ferreira e Naves (2014) e os de topicalização (QUADROS e KARNOPP, 2004) e focalização (QUADROS e KARNOPP, 2004) deixam a desejar quanto ao comportamento sintático dos verbos manuais na libras. Para isso, Lourenço e Silva (2015) trouxeram uma análise baseada na operação *conflation*, em que há a incorporação do instrumento para dentro da raiz verbal, além de dar conta da ordem SOV das sentenças com verbos manuais na libras. Apesar de seguir uma proposta um pouco diferente da nossa, concordamos que o trabalho de Lourenço e Silva (2015) analisa de maneira mais profunda os verbos manuais na libras.

5. Descrição e análise dos dados

Neste capítulo, apresentaremos a descrição e análise dos dados de verbos manuais na Libras. Em primeiro lugar, traremos a metodologia de seleção do corpus e, posteriormente, a coleta dos dados. Depois, passaremos para a descrição dos sinais de acordo com três principais textos: Ferreira (2013), Minussi e Rodero-Takahira (2013) e Xavier e Neves (2016). Por fim, mostraremos a análise dos verbos, com suas possíveis estruturas, tendo como base o processo de formação envolvido na formação dos verbos manuais selecionados.

5.1 Seleção e coleta de Corpus

Para a análise dos verbos manuais da libras, selecionamos oito verbos e suas variações que totalizam 37 entradas lexicais no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (2017). São eles: ABRIR, ACENDER, BALANÇAR, BATER, CAIR, ESCOVAR, FECHAR e PINTAR. O corpus foi selecionado a partir da definição de que "Os verbos manuais envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando um objeto na mão" (QUADROS e KARNOPP, p. 204, 2004) e da afirmação de Xavier e Neves (p.139, 2016) que explicam que os verbos manuais têm como propriedade a variação da CM, dependendo do tamanho e do formato do objeto.

A coleta de dados foi feita através da edição mais recente do *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas mãos* (Capovilla *et al*. 2017). Este dicionário surgiu a partir de inúmeras pesquisas em lexicografia da libras e cognição dos surdos do Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental da Universidade de São Paulo (LANCE-USP), e o dicionário atual é um desdobramento de obras anteriores como: *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas* (Capovilla, Raphael e Mauricio, 2012a, 2012b), o *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (Capovilla e Raphael, 2006b, 2006c), *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira, sistemas de comunicação em rede para surdos* (Capovilla, Raphael e Macedo, 1998).

Utilizaremos o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas mãos* (Capovilla *et al*. 2017) por ser uma referência para a comunidade surda, de acordo com o

próprio Capovilla *et al* (2017). A obra é dividida em três volumes e cada entrada lexical apresenta de dez a doze elementos: (1) soletração digital do verbete, conhecida como "datilologia" pelos estudantes de libras; (2) ilustrações do significado do sinal correlacionados ao português e/ou inglês; (3) ilustração precisa da forma do sinal com a ordem e setas de como realizar o movimento da sinalização; (4) escrita do sinal em *SignWriting*; (5) verbete do português e inglês, possibilitando a tradução da libras para o português; (6) sinal utilizado em diferentes estados do país; (7) classificação gramatical do verbete em português; (8) definição do significado; (9) exemplos de uso do verbete; (10) descrição de forma detalhada e sistemática do sinal; (11) etimologia do sinal e; (12) descrição de iconicidade do sinal. Na imagem a seguir, as doze características foram apresentadas em diferentes cores para exemplificá-las:

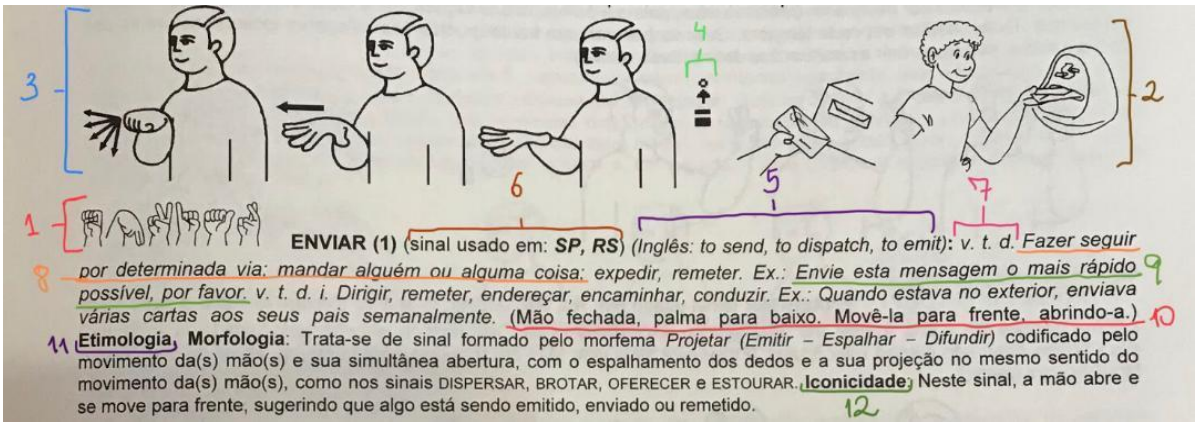


Figura 94: verbo ENVIAR (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 1107)

O Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas mãos (CAPOVILLA *ET AL*, 2017) foi a nossa fonte principal para a coleta do *corpus* devido a todos os fatores que foram apresentados na seção anterior. Para mostrar os dados do nosso trabalho, fotografamos os verbos que foram previamente selecionados e os organizamos em quatro classes manuais que mostraremos mais adiante.

5.2 Apresentação dos dados

Para nossa análise, adotaremos a divisão proposta por Faria-Nascimento e Correia (2011 *apud* FERREIRA, p.46, 2013). Conforme apresentamos no capítulo 4, as autoras afirmam que os verbos manuais são divididos em três categorias:

a) verbos locativos: aqueles que possuem um afixo locativo, como COLOCAR, IR e CHEGAR.
b) verbos classificadores de entidade, que expressam o deslocamento de entidade. Em outras palavras, aqueles que apresentam incorporação da CM de CL de entidade que estão representando, como em ANDAR.
c) verbos classificadores de instrumento, que são aqueles em que a CM representa a maneira como seguramos o objeto para produzir a ação. Por exemplo: CORTAR-COM-TESOURA, PINTAR-COM-PINCEL, PASSAR-A-FERRO.

Com isso, vamos categorizar oito verbos manuais dentro dessa divisão tripartida apresentada por Faria-Nascimento (2011 *apud* FERREIRA, 2013, p.46).

A princípio, as três categorias parecem dar conta de agrupar todos os verbos manuais da libras, entretanto, ao organizar e classificar nosso corpus de acordo com as três categorias, notamos que parte deles não se encaixa nas propriedades elencadas pelo autor. Os verbos ABRIR PORTA, ABRIR JANELA (1), ACENDER A LUZ, BALANÇAR NA GANGORRA, BALANÇAR NA REDE, BATER PALMAS, BATER PORTA e FECHAR A PORTA (1) e (2) não apresentam afixo locativo, portanto, não se encaixam na categoria de verbos locativos. Esses verbos, também não utilizam nenhum classificador de entidade em sua realização, diferentemente de CAIR PESSOA (1) e (2) em que notamos o uso do classificador de entidade que representa humanos. Logo, esses verbos também não se encaixam na classe de verbos classificadores de entidade.

Inserimos, inicialmente, os verbos citados na categoria de verbos classificadores de instrumento. Contudo, ao retomarmos a afirmação de Faria-Nacimento (2011 *apud* FERREIRA, p.47, 2013) de que os verbos dessa classe possuem uma CM que representa a forma de segurar o instrumento na produção da ação, verificamos que ABRIR PORTA, ABRIR JANELA (1), ACENDER A LUZ, BALANÇAR NA GANGORRA, BALANÇAR NA REDE, BATER PALMAS, BATER PORTA, FECHAR A PORTA (1) e (2) não apresentam o uso de instrumento para produzir a ação e, portanto, não possuem uma CM que representa o instrumento. Diferentemente de PINTAR AS UNHAS (1) e (2), ABRIR GARRAFA, ABRIR JANELA (2) e ESCOVAR que possuem CM que exprime a forma de segurar o instrumento para realizar o sinal. Assim, notamos que, mesmo sendo verbos

manuais, alguns dos verbos do nosso corpus não possuem afixos locativos ou uma CM que representa uma entidade ou CM que remete a maneira como seguramos o objeto para a produção de uma ação, ou seja, não apresentam as características das classes dos verbos locativos, verbos classificadores de entidade e verbos classificadores de instrumento.

Concordamos com Faria-Nascimento (2011 *apud* FERREIRA, 2013, p.46) sobre as três classes já existentes dos verbos manuais. Entretanto, tendo em vista que parte do nosso *corpus* não pode ser inserido nas categorias presentes por não apresentarem as devidas características de cada um dos grupos e, sabendo que existem diversos outros verbos manuais com o mesmo comportamento que os verbos de nosso corpus, propomos uma quarta categoria de classes para os verbos manuais, a saber, verbos manuais com a configuração de mão classificadora.

Os verbos classificadores de entidade são utilizados tanto para seres animados quanto para seres inanimados, por se referirem a entidades com pernas como pessoas, animais ou mobília (CADEIRA), as quais serão representadas pelo dedo distendido. Esta nova classe para os verbos manuais que estamos propondo, intitulada *verbos com a configuração de mão classificadora*, tem como uma das principais propriedades a utilização de um dos classificadores do tipo SASSes (SUPALLA, 1986) em sua realização. Conforme apresentamos anteriormente, esses classificadores possuem uma CM e, às vezes, até o antebraço que representa o formato e/ou o tamanho do objeto e são divididos em duas categorias:

i. classificadores estáticos - são aqueles em que a CM remete ao formato e/ou ao tamanho do objeto;
ii. classificadores de traço - são aqueles que realizam um movimento no espaço enquanto a mão traça o tamanho ou o formato do objeto.

Assumimos, portanto, que esta é uma classe restrita a entidades inanimadas, logo, não se aplica a seres animados, diferentemente dos verbos classificadores de entidade que podem ter seres animados ou inanimados. Além disso, é uma classe que não utiliza um instrumento em sua realização, diferente dos verbos classificadores de instrumento que são realizados com um instrumento. Portanto, essa nova classe se distingue das demais por não significar

lugar, não utilizar um instrumento para a realização do verbo manual e não é utilizada também para objetos animados.

Ainda no capítulo anterior, mostramos que há três processos de formações de sinais na libras, segundo Xavier e Neves (2016):

a) derivação, em que ocorre a mudança de um dos cinco parâmetros da libras;
b) composição, onde há a justaposição de dois sinais;
c) fusão, que é a junção de partes de duas palavras primitivas.

Em nossos dados, não identificamos nenhum verbo que apresente a mudança de um dos cinco parâmetros do sinal primitivo. Portanto, não constatamos a formação de nenhum verbo manual a partir do processo de derivação, mas sim de verbos manuais oriundos da composição e da fusão, que serão os processos descritos a seguir.

De acordo com Rodero-Takahira (2015), a composição é um fenômeno altamente produtivo nas línguas de sinais. Assumimos como composição a concatenação de dois ou mais sinais, que em libras podem ser sinalizados tanto simultaneamente quanto sequencialmente. Minussi e Rodero-Takahira (2013) consideram que os compostos na libras são constituídos a partir de raízes neutras e não a partir de verbos, como pode ser visto no composto IGREJA, em que o sinal é composto pela justaposição de CASA + CRUZ e não MORAR + CRUZ, uma vez que o primeiro elemento não possui o traço de [+movimento]. Seguiremos a linha de que há, pelo menos, dois tipos de compostos: sequenciais e simultâneos. Na primeira classe, compostos sequenciais, temos sinais que são justapostos a fim de formarem outro sinal, como nos exemplos abaixo:

(16) a) CASA^ESTUDAR [escola]
b) ÁGUA^CAMINHO [rio]
c) LOJA$_{CL}$^PIZZA [pizzaria]

Ao olharmos para os verbos do nosso corpus, o único sinal que se enquadra nessa classificação é o sinal RISCAR-FÓSFORO^VELA [acender a vela], ou seja, há uma justaposição de dois sinais diferentes que resultam em um único significado: acender a vela.

Já os sinais compostos simultâneos, são aqueles em que há a concatenação de dois sinais, mas eles são performados ao mesmo tempo, como nos exemplos abaixo, propostos por Minussi e Rodero-Takahira (2013, p. 222):

(17) a) SEXO^VIAJAR [lua-de-mel]
b) LADRÃO^ATRAIR [ganhar o público]
c) PÉ^PÉCL [chinelo]

Segundo Brennan (1990 *apud* RODERO-TAKAHIRA, 2014, p. 104) os compostos simultâneos apresentam cinco mudanças previsíveis:

(18) a) A maioria dos compostos simultâneos é realizado com uma mão não dominante que funciona como base ou localização para a realização de outro sinal com a mão dominante. As mãos não precisam se tocar;
b) Um sinal que é realizado com as duas mãos pode ser feito com apenas uma mão, pois a outra mão fará outro sinal;
c) Um sinal que geralmente é realizado com a mão direita passa a ser realizado com a mão esquerda;
d) O M do sinal que seria feito com a mão esquerda geralmente é eliminado;
e) O posicionamento de um ou dos dois sinais será alterado.

A partir das observações de Brennan (1990) e Rodero-Takahira (2015), podemos afirmar que a principal diferença entre os sinais compostos sequenciais e simultâneos está na forma em que eles são performados, sendo o primeiro performado separadamente e o segundo performado ao mesmo tempo. Em nossos dados, observamos o primeiro critério em: BALANÇAR-SE, BATER (COLIDIR), BATER-NA-PORTA (CL), CAIR-PESSOA (1) E (2), ESCOVAR, FECHAR-À-CHAVE (1), FECHAR-COM-TAMPA, PINTAR, PINTAR-AS UNHAS (1) E (2), ABRIR-A-PORTA, BATER-PORTA, CAIR-COPO, CAIR-PAPEL, FECHAR-A-PORTA. As características (17) b, c, d não foram observadas em nossos dados, mas não descartamos a possibilidade de que elas apareçam em outros verbos manuais que não fazem parte do nosso corpus. Em relação a característica (17 e), se tomarmos posicionamento como PA, podemos dizer que alguns verbos manuais, uma vez que há incorporação do objeto,

dependendo do objeto, pode existir uma mudança de posicionamento, como em ESCOVAR e ESCOVAR-OS-DENTES.

Por sua vez, vamos considerar como fusão o que a literatura especializada chama de *blend*. Os *blends* se definem como um processo morfológico em que ocorre a fusão de duas palavras fontes (MINUSSI e NÓBREGA, 2014), em que há perda fonológica de uma ou de ambas as palavras que compõem o *blend*. São alguns exemplos de *blends* no português:

(19) a) chafé < chá +café
b) lixeratura < lixo +literatura
c) boacumba < boa + macumba
d) cartomente < cartomante + mente

(MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 163)

Esse processo de formação de palavras ocorre em diversas línguas no mundo. Nos trabalhos sobre o tema, a principal propriedade explorada no fenômeno de *blending* é a sobreposição ou apagamento de segmentos fonológicos, como podemos observar em dados como *chafé*, em que o segmento *ca* /ka/ de café é apagado. Para muitos estudiosos, a motivação para que ocorra o processo de *blending* é fonológica. Segmentos semelhantes, ou que possuem algum traço fonológico, ou suprasegmental em comum, são apagados ou sobrepostos. Contudo, para Minussi e Nóbrega (2014), a principal motivação da sobreposição de segmentos não é fonológica, mas, em vez disso, semântica, a qual segundo os autores "viabiliza os efeitos estilísticos" de jocosidade e humor encontrados nessas formações.

Outra questão importante ao se tratar dos *blends* é sua estrutura. Para alguns autores como Sandmann (1990, 1991), os *blends* podem ser tratados como compostos. Entre os aspectos levados em consideração para essa afirmação estão:

20) a) *Blends* são formados por dois elementos com conteúdo semântico;
b) *Blends* permitem as mesmas relações gramaticais expressas nos compostos, por exemplo: subordinação, atribuição e coordenação;
c) *Blends* combinam as mesmas categorias gramaticais que um composto a fim de formar uma nova palavra, por exemplo: N+N *ator-diretor*/*prostiputa*

<*prostituta* + *puta*; V+V *bate-volta* /*bebemorar* <*beber* + *comemorar*; N+A *ano novo* /*gayúcho* <gay + gaúcho, etc.

(MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 165)

Para outros autores como Gonçalves (2003, 2006), os *blends* possuem características que os distanciam dos compostos. Entre essas características estão:

(21) a) *Blends* são diferentes de compostos, pois os primeiros são um caso claro de morfologia não-concatenativa. A sequência linear estrita das bases frequentemente quebrada pela sobreposição de segmentos, por exemplo: *sacolé* < *sa**co*** + *pi**co**lé*;

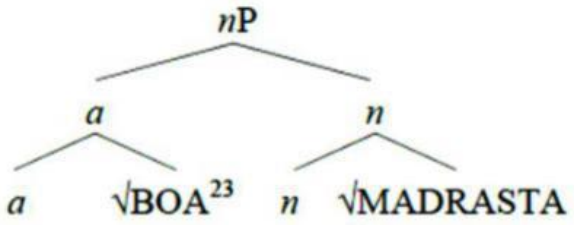
b) *Blends* são caracterizados pela intersecção de bases (e não pelo encadeamento de bases);

c) Compostos preservam a ordem linear de seus elementos constituintes, de modo que o segundo constituinte começa exatamente no ponto em que o primeiro elemento termina (e.g., *baba-ovo*), mesmo quando algum segmento é apagado por crase (e.g., *agu**a**rdente* < *águ**a*** + ***a**rdente*), elisão (e.g., *planalto* < *plan**o*** + ***a**lto*) ou haplologia (e.g., *dedurar* < *de**do*** + ***du**ro*)

(MINUSSI; NÓBREGA, 2014, p. 166)

Tanto *blends* quanto compostos parecem ocorrer na libras. Para nós, a diferença principal entre esses dois processos de formação na libras pode estar ligada ao próprio sistema da libras que permite que haja simultaneidade na realização de um sinal, promovendo a sobreposição de elementos. Minussi e Nóbrega (2014) acabam sugerindo que os *blends* possuem uma estrutura sintagmática encurtada, apesar de a estrutura proposta pelos autores ser semelhante a uma estrutura de composição, uma vez que há a concatenação de duas palavras, duas raízes já categorizadas que, devido a uma interferência da Lista 3, sofrerá apagamento, sobreposição, ou uma reanálise semântica dos segmentos. Vejamos a estrutura em Minussi e Nóbrega (2014, p. 177) para o *blend boadrasta*.

(22)



A simultaneidade na realização dos sinais, para nós, é o fator principal que diferencia os *blends* dos compostos na libras. A simultaneidade da realização dos sinais pode ser consequência da possibilidade de cada mão realizar um sinal, ou seja, algo ligado ao sistema viso-gestual, ou de características mais internas, como a possibilidade de um sinal não ser composto por dois sinais, mas ser composto por um sinal e um classificador, ou um sinal e uma configuração de mão, por exemplo. Quando há na libras um sinal composto por um sinal convencional e uma configuração de mão e ou classificador, por exemplo, é mais provável que ocorra a perda de algum parâmetro ou sobreposição desses traços de CM, ou de qualquer outro parâmetro. Vejamos um exemplo que pode ser considerado *blend* na libras:

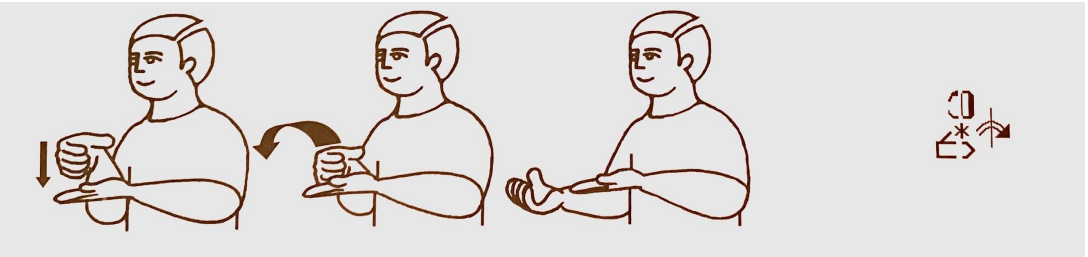


Figura 95: CAIR COPO (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 508)

Em nossos dados, identificamos sinais com sobreposição de segmentos fonológicos, CM no M, em ABRIR-PORTA, ABRIR-JANELA (1), ACENDER-A-LUZ, BATER-PALMAS, BATER-PORTA, CANETA-CAIR, COPO-CAIR, PAPEL-CAIR, FECHAR-A-PORTA (1) e (2). Ou seja, os sinais da classe dos verbos manuais com configuração de mão classificadora. Gonçalves (2003a, 2003b,) assume que os *blends* possuem características diferentes dos compostos, como, por exemplo, o fato de os compostos manterem a ordem linear dos elementos constituintes de forma que o segundo constituinte começará no ponto exato em que o primeiro elemento termina. Afirmamos que os exemplos citados são *blends*, pois esses sinais são exemplos claros de fusão estrutural,

justamente por não podermos determinar o início e o final de cada um deles, uma vez que acontece a justaposição entre eles.

Xavier e Neves (2016) afirmam que alguns verbos na libras sofrem um processo de modificação e uma das formas é através da Incorporação. Para os verbos de manuseio, os autores afirmam que ocorre a incorporação do formato do objeto, no qual a CM varia de acordo com o tamanho e o formato do objeto. Contudo, acreditamos que nem todos os verbos manuais apresentam incorporação, apenas uma classe específica deles como apresentaremos ainda neste capítulo.

Os autores ainda afirmam que a incorporação da localização pode ser feita pela classe dos verbos direcionais e os sinais locativos. No primeiro caso, há a incorporação da localização associada ao argumento do verbo, já nos sinais locativos, é a localização associada à entidade a que se refere que é incorporada. Os autores explicam que a forma desses sinais pode variar, porque esses sinais são realizados no lugar associado aos seus referentes e, para exemplificar, eles apresentam o sinal CORTAR:

Figura 96: exemplo de sinal locativo (XAVIER e NEVES, p.138, 2016)

Num primeiro momento havíamos postulado que os verbos PINTAR e ESCOVAR também incorporam local, já que a forma desses sinais varia de acordo com o local do referente, conforme pode ser visto nas representações de PINTAR-A-UNHA, PINTAR-QUADROS, ESCOVAR e ESCOVAR-OS-DENTES. Entretanto, acreditamos que não há incorporação em nenhum desses casos, mas sim que esses sinais formam compostos. No caso de CORTAR, o verbo pode ser interpretado ou como um locativo, em que há a realização de TESOURA em diferentes locais que, nos exemplos, pode ser CABELO, BRAÇO ou BOCHECHA, ou pode ser interpretado como um verbo classificador de

instrumento, que possui uma estrutura semelhante à dos verbos locativos, como mostraremos um pouco mais adiante.

Nas próximas seções, faremos uma descrição dos dados do nosso corpus com base na classificação de Faria-Nascimento (2011 *apud* FERREIRA, 2013, p.46) e Xavier e Neves (2016). Nessa descrição, daremos destaque aos tipos de classificadores presentes em cada formação e analisaremos os processos de formação para cada um dos grupos de verbos manuais.

5.3 Verbos Manuais locativos

Em nosso corpus identificamos e classificamos os seguintes verbos como verbos locativos: BALANÇAR/ BALANÇAR-SE (CL), BALANÇAR-NA-GANGORRA, BALANÇAR-NA-REDE, BATER (COLIDIR), BATER-NA-PORTA, por conta da maneira como foram descritos por Capovilla et al (2017).

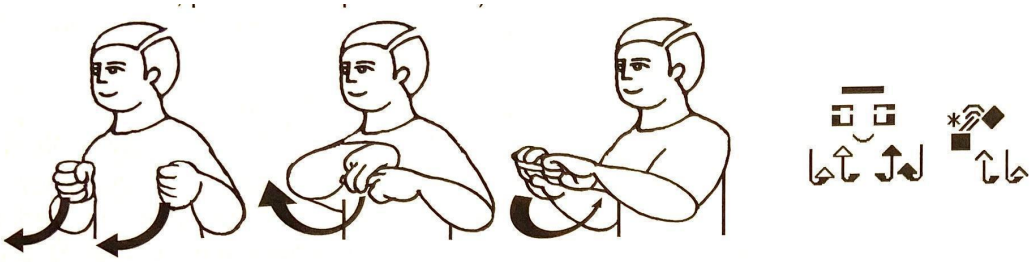
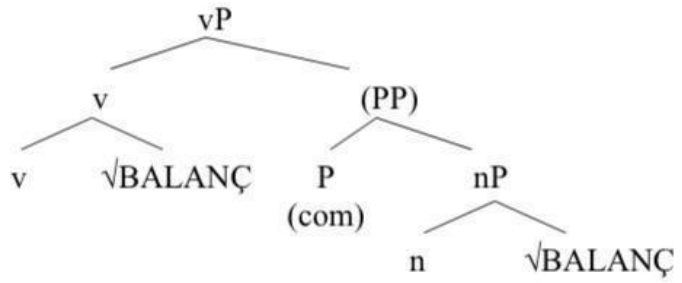


Figura 97: BALANÇAR, BALANÇAR-SE (CL) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.358)

Em BALANÇAR-SE ocorre, primeiramente, um M de balanço para a frente com a CM em S. Em seguida, é realizado o sinal de SENTAR com a CM em U para as duas mãos, ou seja, [+dual], as quais estão com as duas palmas para baixo, finalizando com um M para frente e para trás que remete ao balanço. A CM inicial em BALANÇAR-SE, indica que o sinalizador segura a corrente do balanço para a ação e, em seguida, o sinal de SENTAR é realizado. Sugerimos que a estrutura desse verbo engloba um lugar, o qual é introduzido por meio de uma preposição. A interpretação que ocorre em BALANÇAR-SE é "Balançar com balanço", uma vez que observamos que a mão do sinalizador está segurando a "corrente do balanço". Assim sendo, sugerimos a estrutura em (23). Nota-se na estrutura que o Pº introduz um nP que é formado com a mesma raiz de BALANÇAR.

(23)



Para BALANÇAR-NA-GANGORRA e BALANÇAR-NA-REDE, o PA é o mesmo para os dois sinais, que é o espaço neutro em frente ao corpo do sinalizador. Nos dois sinais a CM é em N, ou seja, [+radial] e a única diferença entre eles é o M. Em BALANÇAR-NA-GANGORRA o M é para cima e para baixo, que remete ao balanço da gangorra, já em BALANÇAR-NA-REDE o M é para frente e para trás, que lembra ao movimento da rede. Para o ato de BALANÇAR-NA-REDE ou na GANGORRA, é necessário uma CM em U que representa ou a REDE ou a GANGORRA ocorrendo simultaneamente com o M do balanço. A estrutura desse sinal é semelhante à estrutura que postulamos anteriormente em (23), em que o verbo toma um PP locativo, NA-GANGORRA ou NA-REDE, que pode estar subjacente no sinal, mas que vai interferir diretamente na CM e no tipo de M que serão realizados.

Figura 98: BALANÇAR, BALANÇAR-SE (NA GANGORRA) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.358)

Figura 99: BALANÇAR, BALANÇAR-SE (NA REDE) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.358)

O próximo sinal analisado é o BATER, o qual é realizado com as duas mãos no espaço neutro. A mão direita apresenta uma CM em S, ou seja, [+compacta], e se movimenta em direção à mão esquerda, que está aberta e na vertical que parece representar uma parede [+aberta] e [+cheia]. A mão direita deve bater com força na mão esquerda.

Figura 100: BATER (COLIDIR) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.389)

Por sua vez, BATER-NA-PORTA é sinalizado com as duas mãos no espaço neutro em frente ao corpo do sinalizador. A mão esquerda apresenta uma CM [+aberta] e [+cheia] e representa a porta, enquanto a mão direita tem a CM em A que é [+compacta] e deve bater com o dorso dos dedos na palma da mão esquerda, duas vezes.

Figura 101: BATER NA PORTA CL (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.389)

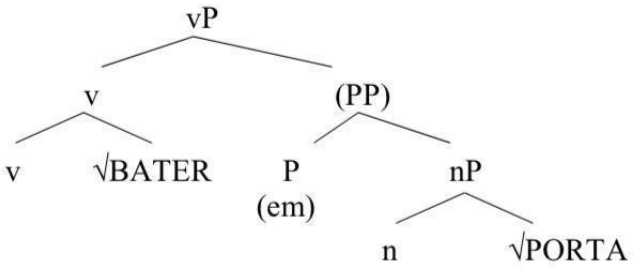
A representação de BATER (COLIDIR) e BATER-NA-PORTA nos faz seguir a intuição de que há algum local para ocorrer a batida. Nesses casos, o local pode ser

representado pela parede ou pela PORTA, que são representadas pela mão esquerda do sinalizador.

O verbo BALANÇAR e as suas variações foram inseridos nessa categoria, pois o ato de BALANÇAR-NA, ocorre em um local: BALANÇO, GANGORRA e/ou REDE, devido à preposição utilizada (NA em+a) e, dependendo dela, podemos ter ou lugar (NA GANGORRA) ou instrumento (BALANÇAR-COM). Capovilla *et al* (2017) parecem se basear no PB para descrever esses sinais, o que pode ser temerário, pois na libras não há preposições do tipo 'no', 'em' ou 'com', e dependendo dessa preposição, podemos ter a interpretação de lugar ou instrumento no PB. Postulamos que o falante de libras não fará esse tipo de reflexão de que, a diferenciação de lugar e instrumento se dão por meio de uma preposição 'em' ou 'com'. Isso significa que se mudarmos a preposição, podemos trocar a semântica do sinal, uma vez que a libras não tem.

Acreditamos que os verbos locativos devem ter uma estrutura diferente das outras classes, em que o verbo não toma um NP, mas, sim, um PP que é nulo na libras. Desta forma, este P nulo gera diferentes interpretações, que podem ser ou 'em' ou 'com', de modo que poderemos ter diferentes interpretações de acordo com a preposição, como em BALANÇAR-NA-REDE ou BALANÇAR-COM-A-REDE. Tendo isso em vista, os verbos dessa categoria possuem uma estrutura semelhante a BATER-NA-PORTA:

(24)



5.4 Verbos manuais classificadores de entidade

Verificamos que CAIR-PESSOA (1) e (2) são as únicas representações que estão dentro da categoria de verbos classificadores de entidade, conforme pode ser visto a seguir:

Figura 102: CAIR PESSOA 1 (caindo ao solo) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.509)

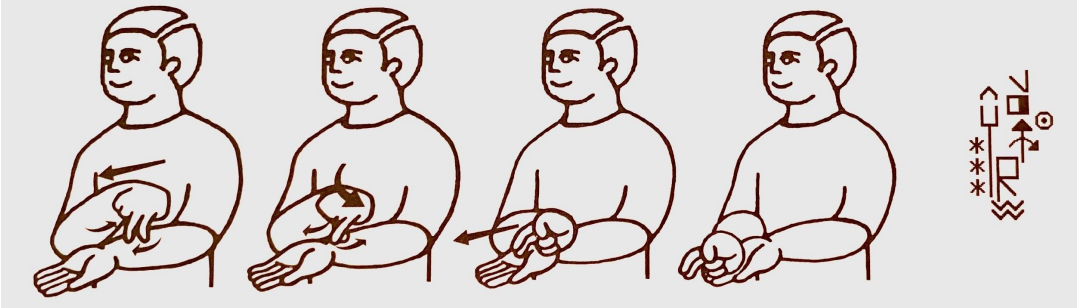


Figura 103: CAIR PESSOA 2 (escorregar e cair) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.509)

CAIR-PESSOA 1 e 2 apresentam um morfema CL que é um CL semântico, uma vez que a CM deste sinal refere-se a uma entidade (pessoa) com perna. Tanto 1, quanto 2 usam as duas mãos para a sinalização, a diferença entre eles está no M: no primeiro, há um movimento inicial com um arco, seguido de um M retilíneo para baixo. Em 2, o M ocorre apenas no plano horizontal. Além disso, outra diferença aparente estaria no conteúdo semântico.

CAIR-PESSOA 1 é sinalizado com as duas mãos. Uma das mãos, geralmente a mão não-dominante do sinalizador, servirá como mão de apoio e a outra mão é a principal e realiza o movimento da queda, além de apresentar o CL semântico que representa a entidade. A mão principal fará um M inicial em arco e depois há um M para baixo, simulando a queda de uma pessoa, como pode ser visto no desenho e nas flechas da representação de Capovilla et al (2017: 509). Entendemos que CAIR-PESSOA 2 é mais utilizado no sentido de escorregar e cair, enquanto CAIR-PESSOA 1 representa as demais formas de uma pessoa caindo. Diferentemente das outras variações CAIR que se enquadram na categoria de verbos classificadores de instrumento, CAIR-PESSOA (1) e (2) são verbos classificadores de entidade, pois há o deslocamento de uma pessoa e o CL utilizado é o de entidade. É interessante notar que nas duas formas, o CL de entidade com pernas é realizado antes do movimento de queda, portanto, temos PESSOA-CAIR e não CAIR-PESSOA.

5.5 Verbos manuais classificadores de instrumento

Nos dados selecionados para a nossa pesquisa, seguindo o pressuposto de que verbos classificadores de instrumento possuem uma CM que remetem à maneira como seguramos o instrumento para realizar a ação ou remetem o próprio instrumento (um abridor de garrafa, por exemplo), identificamos que ABRIR-GARRAFA, ABRIR-JANELA (2), ABRIR-TAMPA, ACENDER-A-VELA (CL), ESCOVAR (CL, ESCOVAR-OS-DENTES (1) e (2), FECHAR-À-CHAVE (1) e (2), FECHAR-COM-TAMPA, PINTAR, PINTAR-AS-UNHAS (1) e (2), PINTAR-QUADROS (CL) e, por fim, PINTAR-O-ROSTO/ PINTAR-SE se encaixam dentro desta categoria. Nesta classe de verbos, entendemos que há a possibilidade do uso de classificadores do tipo SASS, como apresentaremos a seguir:

Figura 104: ABRIR GARRAFA (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 67)

O sinal de ABRIR-GARRAFA é realizado com ambas as mãos. A mão não dominante representará a garrafa e observamos a realização de um CL do tipo SASS estático de terceiro nível, com a palma para o lado. Já a mão dominante também apresenta um CL instrumental e representará o abridor. A mão esquerda (não dominante) encosta nos dedos da mão direita (dominante) que faz um único movimento para cima. Com isso, entendemos que há dois usos de CLs: um SASS estático (garrafa) e um instrumental (abridor). A estrutura que subjaz o sinal pode ser descrita como "abrir garrafa com abridor", por isso podemos considerar um verbo com classificador instrumental. Além disso, este é um sinal que pode ser considerado um composto, uma vez que não parece haver uma sobreposição de sinais, ou segmentos, de modo que há uma linearidade em que primeiro é realizado GARRAFA e depois ABRIR, superficializando a ordem GARRAFA-ABRIR e não ABRIR-GARRAFA, como está na figura do dicionário.

Figura 105: ABRIR JANELA (2) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 67)

Em ABRIR-JANELA (2), Capovilla et al (2017:67) mostram um outro tipo de janela, portanto, outra maneira de realizar ABRIR-JANELA. Neste sinal, observamos que também ocorre o uso de um CL instrumental como se o sinalizador estivesse segurando os dois puxadores da janela, juntamente com o movimento para as laterais opostas, como se estivesse abrindo uma janela. Esse sinal pode ser classificado como um composto, porque, novamente, não parece haver sobreposição de partes e, assim como ocorre em GARRAFA-ABRIR, a ordem parece ser JANELA-ABRIR e não ABRIR-JANELA como está no dicionário. A paráfrase que corresponde à estrutura pode ser descrita como "abrir janela com puxador", sendo o puxador o instrumento.

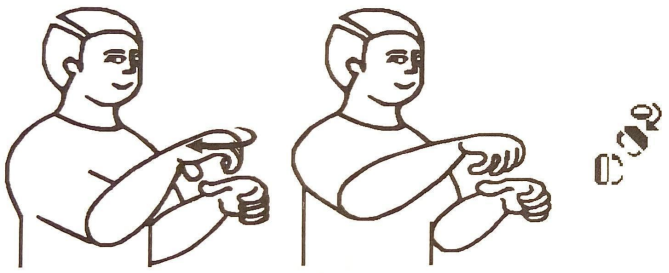


Figura 106: ABRIR TAMPA (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 67)

ABRIR-TAMPA é sinalizado no espaço neutro do sinalizante, com as duas mãos. A mão não dominante é voltada para o lado e representa o pote e, para isso, utiliza um CL instrumental. A mão principal apresenta a palma voltada para baixo para representar a tampa do pote. Com a mão esquerda (não dominante) na horizontal e a mão direita em cima da mão esquerda, o sinalizador deve fazer um movimento como se estivesse girando a tampa do pote para abri-lo. Podemos perceber neste sinal, que a estrutura subjacente pode ser parafraseada como "abrir X com tampa", ou seja, abrir um pote ou um vidro que tenha tampa. Por isso a interpretação de que TAMPA funciona como um instrumento.

Figura 107: ACENDER A VELA (CL) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.80)

ACENDER-A-VELA é registrado como um sinal CL por Capovilla et al (2017). Os autores descrevem o sinal com uma CM em D na horizontal, para a mão esquerda, no espaço neutro. A mão direita possui uma CM [+compacta], o polegar e o indicador estarão unidos pela ponta. Há um ligeiro movimento da mão direita no indicador da mão esquerda que remete ao ato de riscar um fósforo, então entendemos que é um verbo classificador de instrumento. Em seguida, ocorre a realização do sinal VELA em que a mão esquerda estará na CM do número 1, ou seja, [+indicadora], enquanto a mão direita estará com a palma aberta e voltada para cima, com os dedos levemente curvados e por cima da mão esquerda representando o fogo. Ao realizar o acender seguido de uma CM que remete ao fogo da vela, percebemos que há uma linearidade na realização dos sinais, de modo que podemos considerar que o sinal é formado por composição. Contudo, ressalta-se que a estrutura do sinal pode ser descrita como " acender a vela, com fósforo", ou "acender a vela, riscando um fósforo", uma estrutura complexa que é composta com um instrumento, o fósforo, que é utilizado para acendê-la.

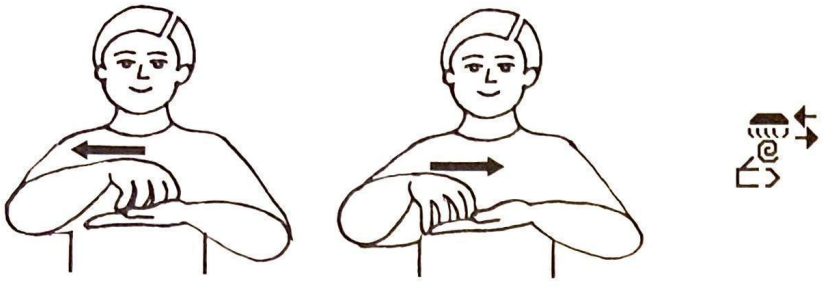


Figura 108: ESCOVAR CL (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.1130)

Neste sinal, o PA é o espaço neutro em frente ao corpo do sinalizador e é realizado com as duas mãos. A mão esquerda deve ficar na horizontal com a palma para cima e a mão direita com a palma para baixo e dedos levemente curvados, ou seja, [+côncava]. As pontas dos dedos da mão direita devem tocar a palma da mão esquerda fazendo um movimento em direção aos dedos e depois em direção aos pulsos. ESCOVAR é um verbo classificador de instrumento, porque em sua estrutura fica implícito que, para escovar, deve-se utilizar algo. Nesse caso, é a escova de dentes, de modo que podemos parafrasear essa estrutura como "escovar X com escova".

Figura 109: ESCOVAR OS DENTES (1) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.1130)

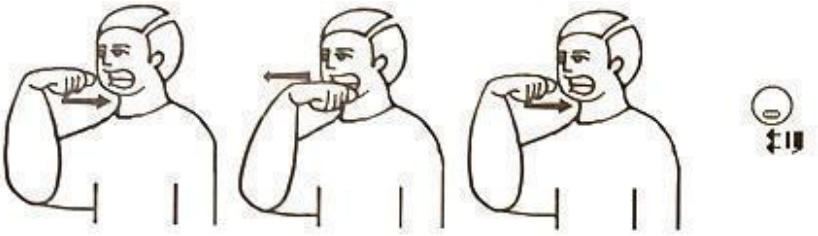


Figura 110: ESCOVAR OS DENTES (2) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.1130)

ESCOVAR-OS-DENTES (1) e (2) se diferenciam apenas pela CM. Em (1), a CM é mais indicadora, enquanto em (2) a CM é em A que é [+compacta]. Os dois sinais são realizados na cabeça, próximo à boca com um M repetido para a esquerda e para a direita, representando o ato de ESCOVAR-OS-DENTES. Além disso, ambos são classificadores de instrumento, pois a CM representa a forma de segurar o objeto para a ação. Assim, novamente, temos uma estrutura que pode ser parafraseada como "escovar os dentes com escova" em que "com a escova" é identificada pela CM.

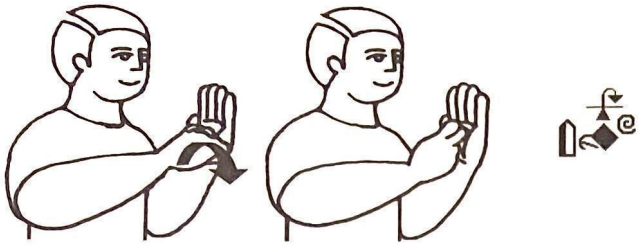


Figura 111: FECHAR À CHAVE (1) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.1274)

FECHAR-À-CHAVE (1) é realizado com as duas mãos no espaço neutro em frente ao corpo do sinalizador. A mão esquerda representa uma porta e a CM é [+aberta] e [+cheia] com a palma voltada para a direita. A mão esquerda possui a CM em A que é [+compacta] e toca a mão direita fazendo um M no sentido horário que remete à ação de girar uma chave. Desse modo, a estrutura desse verbo prevê a utilização de um instrumento, a chave, para fechar. Essa estrutura pode ser parafraseada como "fechar/trancar a porta com chave", em que "com chave", o instrumento, é representada pela CM.

Figura 112: FECHAR À CHAVE (2) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.1274)

FECHAR-À-CHAVE (2) é realizado com apenas uma mão no espaço neutro. A mão dominante representará a chave e deve estar com a CM em A [+compacta]. A mão deve girar para a esquerda e para cima. Nas duas variações de FECHAR-À-CHAVE, a CM representa a forma de segurar o objeto chave. Neste caso, FECHAR-À-CHAVE possui uma estrutura que pode ser descrita como "fechar X com chave", uma vez que o objeto não está presente no sinal, apenas o instrumento "com chave".

Figura 113: FECHAR COM TAMPA (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.1275)

Este sinal é realizado no espaço neutro em frente ao corpo do sinalizador, com as duas mãos. A mão esquerda é estática e representa um recipiente e a CM é [-compacta] e [-cheia]. A mão direita encontra-se na horizontal e com a palma voltada para a esquerda, realizando um M para baixo tocando a mão esquerda. Este sinal parece ser uma versão do ABRIR-TAMPA, apesar de o dicionário descrevê-lo de modo diferente. No caso de FECHAR-COM-TAMPA, o PP instrumento é descrito com a preposição "com". Os dois sinais, em nossa análise, possuem estruturas semelhantes.

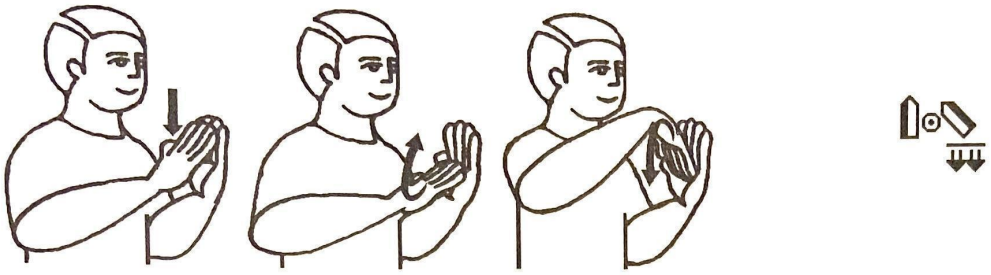


Figura 114: PINTAR (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.2189)

Este sinal é realizado com as duas mãos no espaço neutro em frente ao corpo. As mãos apresentam a CM [+aberta] e [+cheia]. A mão esquerda é estática, representando uma parede, enquanto a mão direita toca com os dorsos do dedo a mão esquerda, fazendo um M para cima e para baixo, representando um pincel. Podemos observar que a estrutura deste sinal também é complexa e pode ser descrita como "pintar X/parede com pincel", de modo que "com pincel" está implícito no sinal e serve como instrumento, por isso PINTAR pode ser classificado como um verbo manual classificador de instrumento.

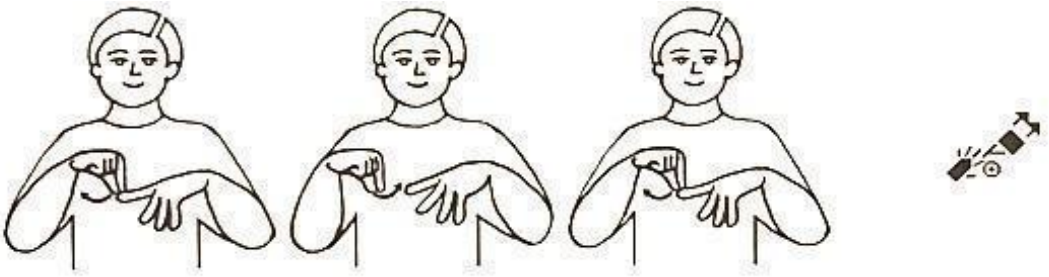


Figura 115: PINTAR AS UNHAS (1) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.2189)

O sinal PINTAR-AS-UNHAS (1) é realizado no espaço neutro, com as duas mãos. A mão esquerda permanece com a palma para baixo e é aberta. Já a mão direita é fechada e os dedos indicador e polegar são distendidos e unidos pela ponta como se o sinalizador estivesse segurando um pincel, ou seja, a CM é [+toque]. Em seguida ocorre um M do polegar e indicador direito em cima de uma das unhas da mão esquerda. Neste caso, a estrutura é a mesma de PINTAR, ou seja, leva em consideração um instrumento (pincel, agora um pincel de unhas), enquanto o complemento é unhas. Assim temos uma estrutura complexa tal como "pintar as unhas com pincel".

Figura 116: PINTAR AS UNHAS (2) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.2189)

Neste sinal, as duas mãos estão abertas e com a CM [+cheia], com as palmas voltadas para baixo. As pontas do dedo direito passam rapidamente por cima das unhas da mão esquerda, simulando o M de um pincel. De modo semelhante a PINTAR-AS-UNHAS (1), este sinal também possui uma estrutura complexa do tipo "pintar as unhas com pincel", no entanto, a CM que representa "com pincel" é diferente.

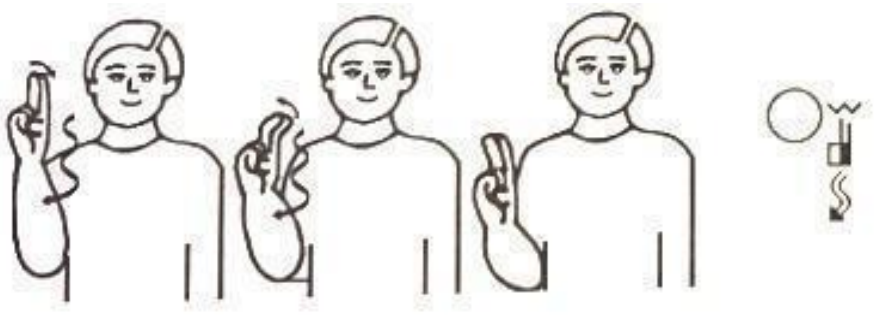


Figura 117: PINTAR QUADROS CL (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.2190)

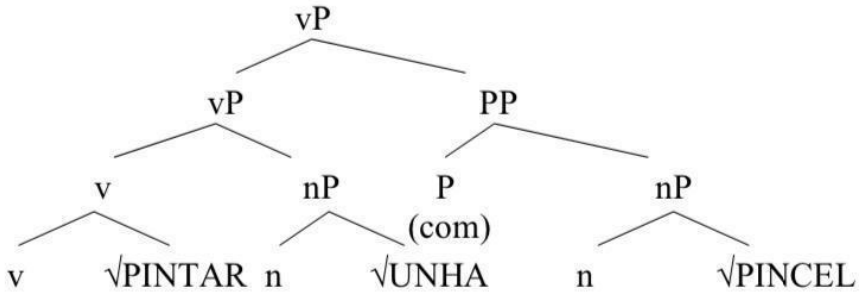
Capovilla *et al* (2017) descrevem PINTAR QUADROS como um sinal realizado no espaço neutro na altura do rosto, e ele é realizado com apenas uma das mãos e a CM é em U que é [+dual]. A mão deve se mover para baixo, fazendo M sinuosos. Semelhante aos sinais de PINTAR anteriores, a CM assume a representação do instrumento "com pincel", aproximando-se do formato de um pincel de quadros. O quadro, por sua vez, parece orbitar no espaço em que o movimento é realizado.

Figura 118: PINTAR O ROSTO / PINTAR-SE (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.2190)

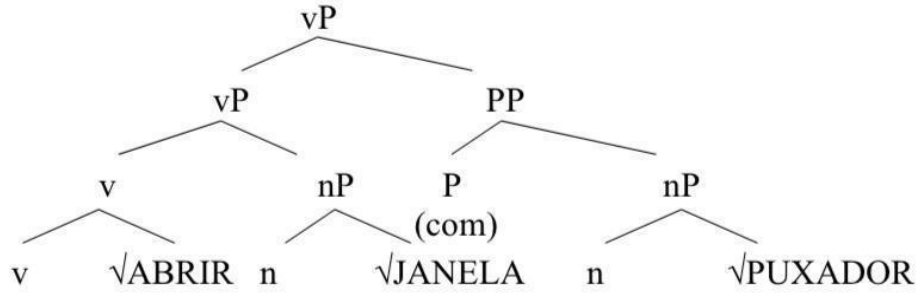
PINTAR-O-ROSTO é realizado no rosto, com as duas mãos com a palma para trás e na CM [+aberta] e [+cheia], os dedos devem passar em diferentes lugares da bochecha de forma alternada. Este parece ser um caso em que o lugar "rosto", assume a posição de complemento de pintar. As duas mãos realizam o mesmo movimento, no mesmo lugar e possuem uma CM, que representa, mais uma vez, o instrumento.

Resumindo, em todas as cinco variações de PINTAR, PINTAR-O-ROSTO, PINTAR-A-UNHA (1) e (2) PINTAR-QUADROS CL ocorre o uso da mão classificadora que representa um pincel durante a ação de PINTAR. Com isso, afirmamos que PINTAR e suas variações estão de fato na categoria de verbos classificadores de instrumento, conforme apresentado por Ferreira (2013). Propomos que os verbos manuais classificadores de instrumento apresentam uma estrutura como a de PINTAR-AS-UNHAS e ABRIR-JANELA:

(25)



(26)



5.6 Verbos com configuração de mão classificadora

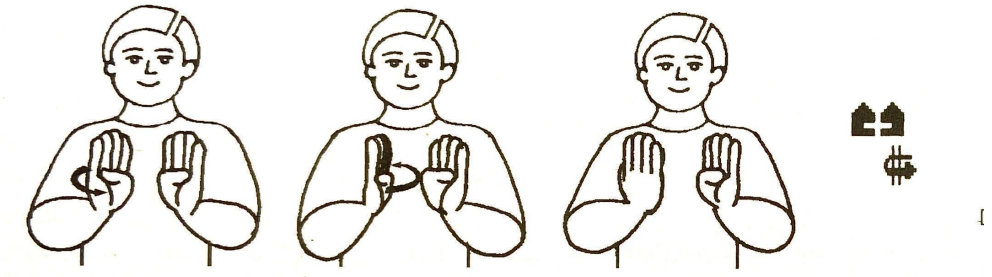


Figura 119: ABRIR PORTA (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 67)

ABRIR-PORTA tem a realização semelhante a ABRIR-JANELA (1), pois as CM são semelhantes e são sinalizadas com as duas mãos lado a lado no início, que representam a porta. Ao analisar a CM, entendemos que é utilizado um CL para representar a porta se abrindo e a mão não dominante é um CL SASS estático de terceiro nível. A mão principal faz um movimento em arco lateral, simulando a abertura de uma porta. Ao observarmos a realização deste sinal, podemos perceber que o sinal PORTA é realizado antes de ABRIR.

Essa ordem é fruto da incorporação que ocorre, quando PORTA se incorpora ao verbo ABRIR , criando uma estrutura complexa “PORTA-ABRIR”. A representação arbórea, depois da incorporação pode ser observada em (27):

(27)

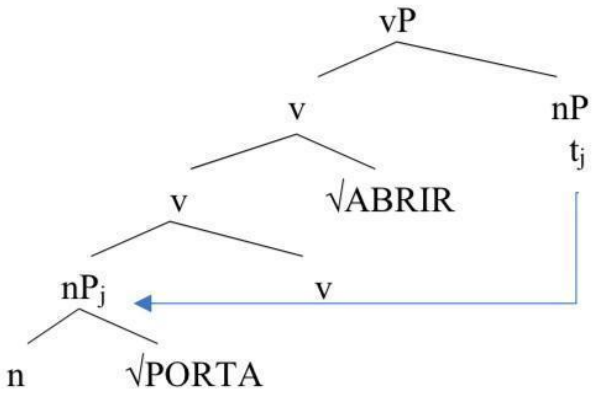


Figura 120: ABRIR JANELA (1) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 67)

O dicionário de libras apresenta duas maneiras para representar ABRIR-JANELA que estão ligadas ao tipo de janela. Nas duas representações, o sinal é realizado com as duas mãos e há o uso de um CL, com diferentes CMs e M. Em (1), há a representação de uma janela de duas folhas pivotantes se abrindo e cada uma das mãos representa uma folha, com as palmas da mão voltadas para a frente e as laterais dos dedos indicadores encostados. Capovilla *et al* (2017: 67) indica que, no início do sinal, os dedos indicadores estão encostados e deve ocorrer o afastamento das mãos para lados opostos, virando a palma para trás.

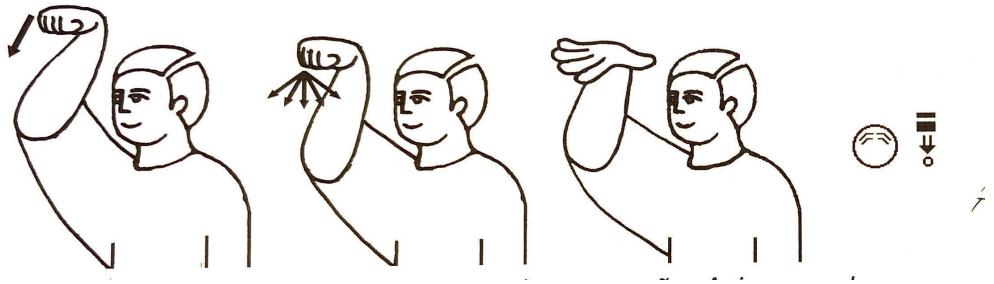


Figura 121: ACENDER A LUZ (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.79)

Em ACENDER-A-LUZ, a mão representa uma lâmpada. O sinal é realizado no espaço neutro próximo à altura da cabeça, com a CM em S e a palma da mão voltada para baixo, a qual é [+compacta] e [-cheia]. Em seguida, há um leve movimento da mão para baixo, distendendo os dedos, o que nos remete à luz acesa, logo, há uma transformação da CM para [+aberta] e [+cheia], para representar a luz acesa. Entendemos que ACENDER-A-LUZ apresenta uma CM classificadora, pois remete a uma lâmpada. Além disso, o PA e o M são realizados pela mão ao indicar o ato de acender a luz.

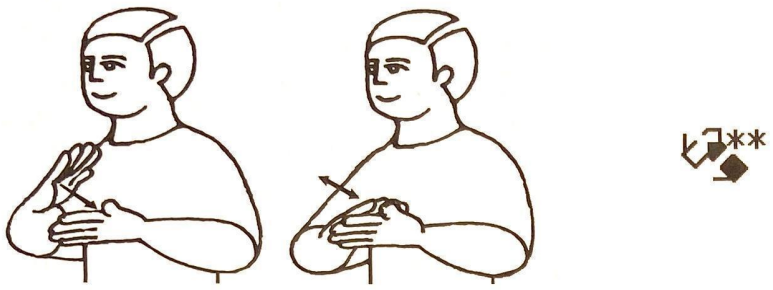


Figura 122: BATER PALMAS (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.390)

BATER-PALMAS é realizado no espaço neutro em frente ao corpo do sinalizador e com as duas mãos na CM [+aberta] e [+cheia] com M repetidos das palmas batendo.

Figura 123: BATER PORTA (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.390)

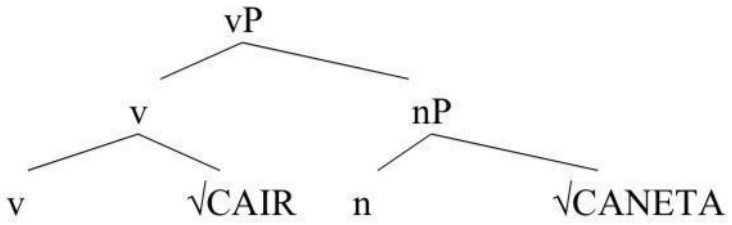
BATER-PORTA apresenta a CM em B que é [+aberta] e [+cheia]. O sinal é realizado com as duas mãos no espaço neutro, em que a mão esquerda é voltada para a frente e a mão direita para o lado que se movimenta em direção a outra mão, batendo no indicador da mão esquerda e deve ser realizado um estalo com a boca representando a batida da porta.

Os dados levantados para a nossa pesquisa mostram que o objeto/complemento de CAIR é realizado antes do sinal de CAIR propriamente dito, o qual é representado pelo M. Assim, temos CANETA-CAIR, PAPEL-CAIR, COPO-CAIR, PESSOA-CAIR (1) e (2). Essa ordem ocorre devido à incorporação do objeto, que estava na posição de complemento do verbo CAIR. Podemos ver em (28) e (29) a estrutura antes da incorporação e depois da incorporação. As estruturas CANETA-CAIR, PAPEL-CAIR etc., as quais são estruturas complexas, podem ser tomadas como formadas por uma processo de composição, nos quais a incorporação está presente.

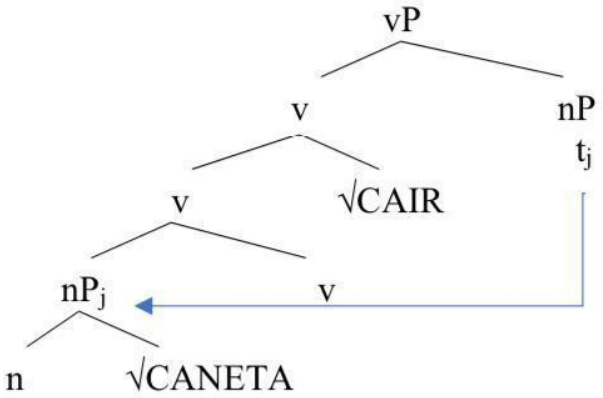
Figura 124: CAIR CANETA (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 508)

CAIR-CANETA utiliza um CL do tipo SASS estático e é realizado com apenas uma das mãos ocorrendo da seguinte maneira: o sinal se inicia no ponto neutro próximo ao ombro com a realização do sinal convencionado CANETA que, neste caso, remete à caneta do tipo retrátil, com a palma para trás, quando a mão está representando a caneta. Após isso, o sinalizador abre a mão e faz um movimento reto para baixo que acaba mudando a CM para um CL SASS estático de segundo nível e finaliza a sinalização perto da barriga e a palma deve estar voltada para cima. Então, em CAIR-CANETA temos as CMs iniciais [+radial], [+compacta] e [-cheia] que se transformam em um CL SASS estático de segundo nível no momento da queda.

(28)



(29)



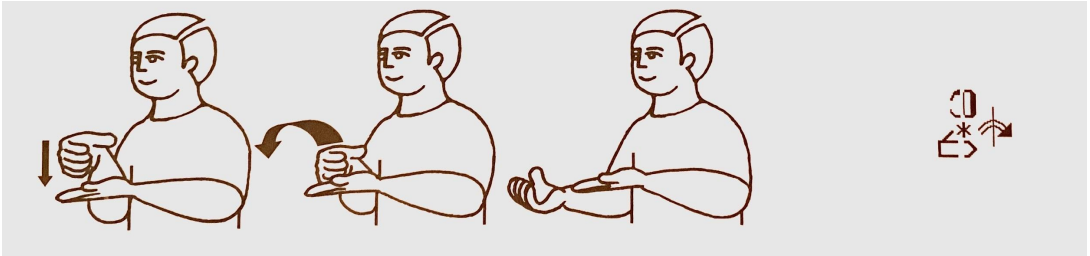


Figura 125: CAIR COPO (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 508)

CAIR-COPO é realizado com as duas mãos. Em geral, a mão não dominante será a mão de apoio e, nesse caso, ela é estática e tem CM 5 [5]. A mão dominante fará o sinal do copo e, como pode ser visto acima, exibe um CL SASS estático, do tipo round SASS e de segundo nível, de acordo com a tabela de Supalla (1986). No esquema apresentado por Capovilla *et al* (2017: 508), a mão de apoio estará com a palma voltada para cima e a mão principal estará em cima dela, com a palma voltada para o lado e, então, ocorrerá um M inicial em arco seguido de um M retilíneo para baixo.

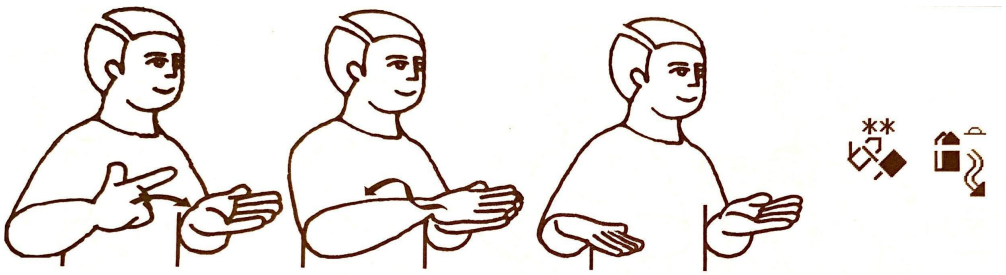


Figura 126: CAIR PAPEL (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.509)

CAIR-PAPEL é realizado com as duas mãos, uma delas é utilizada como mão de apoio e a outra representa o papel. Conforme pode ser visto na figura acima, a mão principal está numa configuração em L e com a palma da mão para baixo tocando a mão de apoio duas vezes. Capovilla *et al* (2017: 509) afirmam que ocorre a abertura da mão principal, seguido de um M ondulatório para baixo que remete a uma folha de papel caindo. O que notamos de interessante neste sinal é o fato de iniciar com o sinal convencionado de PAPEL e, depois, no momento da queda, a configuração toma a forma de um CL SASSes do tipo estático, pois a CM se assemelha ao tamanho e/ou ao formato do objeto. CAIR-FOLHA apresentaria, então, uma CM inicial [+indicadora] e [+radial] no momento em que cai, a CM muda para um CL SASSes estático do segundo nível (SUPPALA, 1985: 215).

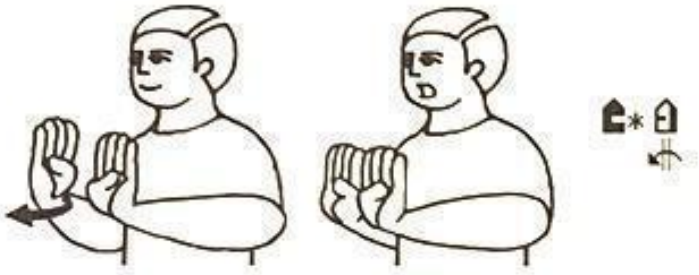


Figura 127: FECHAR A PORTA (1) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.1274)

Figura 128: FECHAR A PORTA (2) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p.1274)

Os sinais FECHAR-A-PORTA (1) e (2) são realizados no espaço neutro e com as duas mãos na CM em B, ou seja, [+aberta] e [+cheia]. Contudo, os dois sinais apresentam uma pequena diferença. Em (1), a mão esquerda é estática e voltada para a frente, enquanto a mão direita tem a palma voltada para a esquerda e faz um M em direção a outra mão, virando a palma para frente, batendo no dedo indicador. Já em (2) é utilizado para representar uma porta dupla, em que as mãos devem estar afastadas e com a palma para trás e realizam um M para a frente, tocando as mãos pelos dedos indicadores.

5.7 Expressões idiomáticas

Em alguns dados de nosso pequeno corpus, notamos a presença de expressões idiomáticas formadas a partir de verbos manuais. Nossa hipótese é a de que essas expressões idiomáticas também são compostos, mas apresentam uma semântica não composicional como, "chutar o balde", em que há a possibilidade de interpretação composicional, o chamado sentido literal de chutar o balde, mas há também a interpretação não composicional com o sentido de desistir. De acordo com a MD, é na lista 3, Enciclopédia, que as expressões idiomáticas receberão uma nova significação, por meio de uma listagens de significados especiais que as raízes, em determinados contextos estruturais, podem possuir.

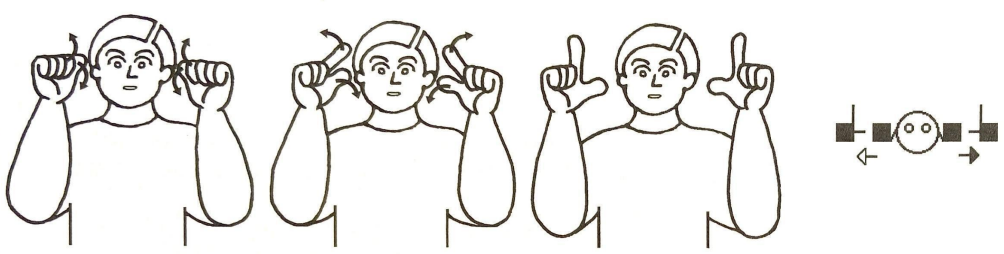


Figura 129: ABRIR OS OLHOS (1) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 68)

Capovilla *et al* (2017: 68) afirma que este sinal é uma expressão idiomática utilizada com o sentido de "tomar cuidado". ABRIR-OS-OLHOS é realizado com as duas mãos na altura dos olhos, próximo ao rosto do sinalizante. Apesar de ser altamente icônico, entendemos que não há uso CL nesse sinal. A CM é em A no início da sinalização, ou seja, [+compacta] e [-cheia]. Em seguida, ocorre um M de afastamento das mãos em direções

opostas e, durante o M, as mãos se abrem em configuração de L que é [-compacta], [+radial] e [+indicadora].

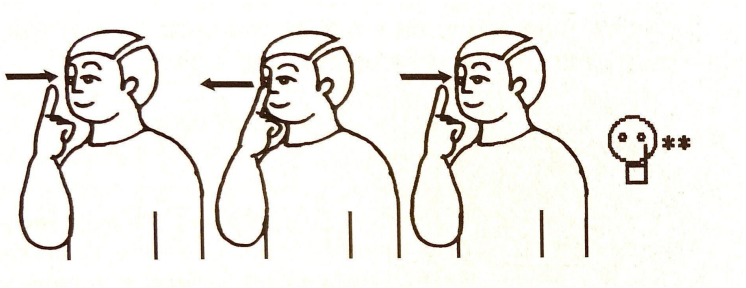


Figura 130: ABRIR OS OLHOS (2) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 68)

ABRIR-OS-OLHOS (2) é utilizado no sentido de 'ter/prestar" atenção. Ele é sinalizado com apenas uma das mãos, geralmente a dominante, com a palma da mão para trás, próxima ao rosto do sinalizador, na altura dos olhos. Assim como em (1), (2) não apresenta o uso de CL, a CM será [+indicadora].

Figura 131: CAIR A CARA (Expressão idiomática) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 508)

CAIR-A-CARA é uma expressão idiomática utilizada não só no PB, como também, na libras. Capovilla *et al* (2017) descreve CAIR-A-CARA com o sentido de "ficar sem graça/envergonhado" que é semelhante ao PB ("fiquei com a cara no chão"). Observamos que CAIR-A-CARA não utiliza um CL. O sinal é realizado na CM [+côncavo] e [+aberta] com as duas mãos verticais tocando levemente em cada lado do rosto. Em seguida, há um movimento em arco, das duas mãos, para frente e para baixo, de acordo com Capovilla et al (2017: 508). Basicamente, o sinal, então, tem a localização inicial na cabeça que faz um movimento de arco com as mãos e, vai em direção para baixo, próximo ao ponto peito, ou seja, o ponto neutro do sinalizante. Portanto, o sinal apresenta a CM [+côncavo] e [+aberta].

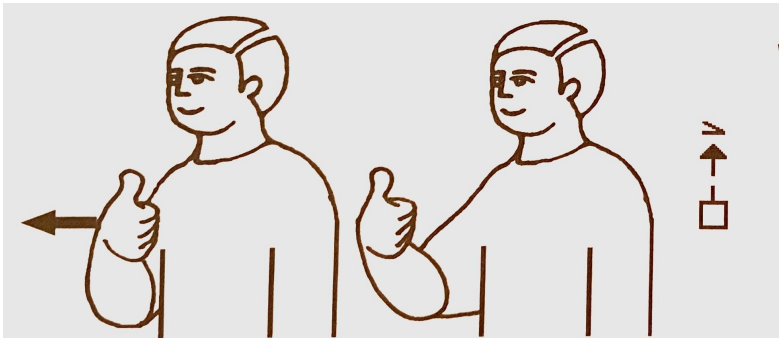


Figura 132: CAIR BEM (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 508)

Este sinal é uma expressão idiomática que também está presente no PB e é utilizado para dizer que algo veste bem. Assim como as duas expressões idiomáticas anteriores, CAIR-BEM não apresenta um CL. O sinal é realizado com apenas uma das mãos no sentido horizontal, com a palma da mão voltada para trás e o polegar deve estar para cima, o que seria uma CM [+compacta] e [-cheia], de acordo com o quadro de CMs mais frequentes na libras (Ferreira-Brito, 1990). O sinal é articulado próximo ao ombro direito do sinalizador e, no plano horizontal, ocorre um único M retilíneo para frente.

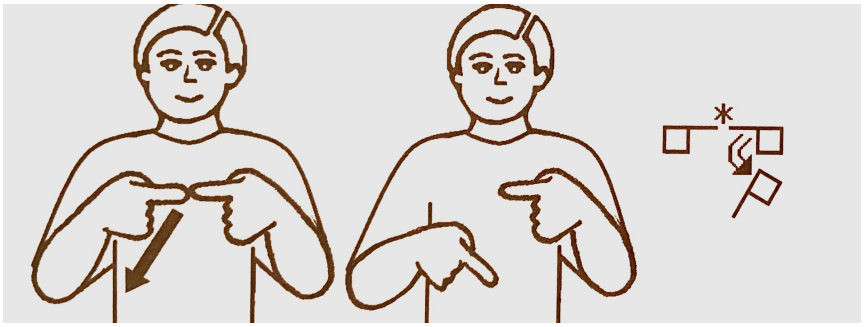


Figura 133: CAIR A LINHA (Expressão idiomática) (CAPOVILLA *ET AL*, 2017, p. 508)

O sinal CAIR-A-LINHA possui o mesmo sentido na libras e no PB que é utilizado quando ocorre uma interrupção numa ligação telefônica. Assim como em CAIR-A-CARA, CAIR-A-LINHA não utiliza um CL. A realização deste sinal é com as duas mãos na horizontal, que representam a linha/ligação e elas apresentam a CM [-compacta] e [-aberta], com as palmas voltadas para dentro e o dedos indicadores devem estar em contato no início da sinalização, então, há [+toque inicial]. Depois, dentro do plano vertical, no ponto neutro próximo ao peito e com a mão de apoio estática na mesma CM, o sinalizante fará um movimento retilíneo e para baixo com a mão dominante, e o indicador deve estar apontado para baixo no final da sinalização, representando a queda na ligação.

5.8 À guisa de conclusão

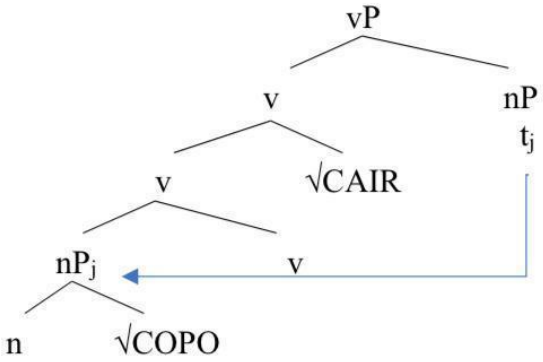
Ao descrever e analisar o comportamento dos verbos de nosso corpus, percebemos que um mesmo verbo pode aparecer em grupos diferentes, pois eles são classificados de acordo com a maneira como são realizados e não pelo tipo de verbo. Essa classificação levou em conta o tipo de complemento, se CM, se classificador, se entidade, se objeto e se havia uma estrutura mais complexa com um classificador instrumento.

Entendemos que não há incorporação nos verbos locativos e nem nos verbos classificadores de instrumento, uma vez que a estrutura desses verbos parece possuir uma estrutura mais complexa que leva em conta um PP, que está lá implicitamente na estrutura verbal, mas que é imprescindível para a realização do sinal[7]. Os verbos classificadores de instrumento apresentam uma estrutura semelhante à classe dos verbos locativos, pois há um P (COM) em sua realização. Da mesma forma que os verbos de instrumento, também não há incorporação. Mais uma vez, parece que a estrutura complexa impede que a incorporação se realize.

Em nossos dados, notamos que a incorporação ocorre com os verbos classificadores de entidade e com os verbos com a configuração de mão classificadora. Nessas duas classes, as representações mostram que temos a combinação de uma raiz nominal e uma raiz verbal, sem nenhum tipo de adjunto, que formam um verbo complexo. Além disso, eles estão se referindo a uma classe genérica que é uma das características da incorporação sintática:

[7] Em outra versão para essa estrutura, podemos pensar que o PP instrumento ocorre entre o verbo e o complemento, impedindo que a incorporação ocorra. Nesta versão teríamos a ordem ABRIR (com abridor) a Garrafa, por exemplo. Há que se realizar testes com falantes nativos de libras a fim de verificar essas hipóteses.

(30)



6 Considerações finais

Esta dissertação teve como objetivo descrever a formação de sinais na libras, mais especificamente, analisamos os verbos manuais a partir da Morfologia Distribuída postulada por Halle e Marantz (1993) e Marantz (1997).

Para a realização desta pesquisa, analisamos os verbos ABRIR, ACENDER, BALANÇAR, BATER, CAIR, ESCOVAR, FECHAR, PINTAR e suas variações, totalizando 37 entradas lexicais que foram levantadas utilizando o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA ET AL, 2017).

Para compreender e analisar os verbos manuais da libras, verificamos as três categorias propostas por Faria-Nascimento (2011 *apud* FERREIRA, 2013, p.46): verbos locativos, verbos classificadores de entidade e verbos classificadores de instrumento. Classificamos o nosso corpus dentro das categorias propostas, contudo, notamos que alguns de nossos dados não se enquadraram em nenhuma das três categorias propostas pela autora. Com isso, propusemos uma nova categoria de verbos manuais, além das três já existentes, chamada de verbos com configuração de mão classificadora. Esse novo grupo se diferencia das demais categorias por não ser utilizado para expressar local, por ocorrer apenas com objetos inanimados e por não apresentar instrumento em sua realização. Os verbos se caracterizam, então, da seguinte maneira:

Verbos locativos	**Verbos classificadores de entidade**	**verbos classificadores de instrumento**	**verbos com configuração de mão classificadora**
+localização	+animados +classificadores de entidade	+instrumento +classificadores do tipo SASS.	+inanimado

Em nossas investigações, concluímos que nem todos os verbos manuais sofrem incorporação, conforme sugerido por Lourenço e Silva (2015). Nos nossos dados, a incorporação ocorreu apenas com verbos classificadores de entidade e com os verbos com a configuração de mão classificadora. Nessas duas classes, temos a combinação de uma raiz nominal e uma raiz verbal que formam um verbo complexo, não havendo nenhum tipo de

adjunto. Além disso, esses dois tipos de verbos fazem referência a uma classe genérica, característica da incorporação sintática.

A partir da discussão trazida em Xavier e Neves (2016), verificamos por qual processo os verbos manuais são formados e ao verificar os nossos dados, não identificamos nenhum verbo do nosso corpus formado pelo processo de derivação, como postulado por Ferreira (2013), em que a autora afirma que verbos como CORTAR, PENTEAR, ESCOVAR, ABRIR, PASSAR e PINTAR são formados por este processo.

Em nossa análise, verificamos que a maioria dos verbos manuais é formada pelo processo de composição simultânea, mas eles não apresentam necessariamente todas as características previstas por Brennan (1990). Quanto ao último processo apresentado por Xavier e Neves (2016: 147), fusão, optamos por utilizar a mesma nomenclatura que Minussi e Nóbrega (2014) adotam em seu trabalho, ou seja, *blend*. Identificamos este processo apenas nos verbos da nova classe proposta em nossa pesquisa: a dos verbos manuais com a configuração de mão classificadora, pois eles são os únicos que apresentam a sobreposição de elementos fonológicos que, nos casos analisados, é a CM no M.

Ao analisarmos as classes propostas por Ferreira-Nascimento (2011) e os tipos de formações presentes na libras, notamos também que um mesmo verbo pode ser inserido em mais de uma classe de verbos manuais e não necessariamente apresentará o mesmo processo de formação que as outras variações do mesmo verbo, conforme pode ser visto em ABRIR-GARRAFA, que é um verbo classificador de instrumento formado por composição simultânea, e ABRIR-PORTA que é um verbo com configuração de mão classificadora e formado por *blend*, ou seja, um mesmo verbo pode apresentar diferentes processos de formação e estar inserido em diferentes classes.

Tendo em vista a análise desenvolvida aqui, acreditamos que nossa pesquisa contribui para a compreensão da formação de sinais na libras, em especial nos verbos manuais, e entendemos que é um campo que ainda precisa ser mais explorado, pois podem haver características mais específicas para cada uma das classes e, até mesmo, outras categorias de verbos que podem surgir com novas pesquisas, contribuindo ainda mais para descrições e esclarecimentos da gramática da libras.

Referências

BAKER, MARK C. **Incorporation: A Theory Of Grammatical Function Changing**. Chicago: University Of Chicago Press, 1988.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BASSANI, I. S. **Uma abordagem localista para morfologia e estrutura argumental dos verbos complexos (parassintéticos) do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. In: **Sign Language Studies**. Washington DC: Gallaudet University Press, 1974. p. 1-19, v. 5.

BATTISON, R. Analysing signs. In: **Lexical borrowing in American Sign Language.** (2001c) Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978, p. 19-58.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **ReVEL**. v. 10, n. 19, 2012, ISSN 1678-8931. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: jun. 2019.

CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W. D. TEMOTEO, J.G., MARTINS, A.C. **Dicionário da língua de sinais brasileira: A libras em suas mãos – Libras**. v. I, II e III. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado, 2017.

DI DONATO, Adriana; DINIZ, Sandra. **Libras I**. Material didático desenvolvido na Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/libras/wp-content/uploads/2017/02/Libras-I.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.

FELIPE, Tanya A; SOUZA, Felipe. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor**.Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 6a. Edição 448, 2006.

FELIPE, Tanya Amara. **Os processos de formação de palavras na LIBRAS**. Campinas: ETD – Educação Temática Digital. v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

FELIPE, Tanya. Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. In: **Congresso Internacional do INES**. Rio de Janeiro: Anais do Congresso Internacional do INES, v. 1, 2002.

FELIPE, Tanya. **A relação sintático-semântica dos verbos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. v. I e II, 1998.

FERREIRA, G. A. **Um Estudo sobre os Verbos Manuais da Língua de Sinais Brasileira.** 2013. 101 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FERREIRA, G. A.; NAVES, R. R. Um estudo dos verbos manuais da Língua Brasileira de Sinais. Juiz de Fora: **Revista Veredas de Estudos Linguísticos**, 2014. v. 18 (1), ISSN 1982-2243.

FERREIRA BRITO, L. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. **Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES**. Rio de Janeiro, v. 1, no 1, p.20-43, 1990, ISSN 1990-2019.

GESSER, A. LIBRAS. **Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth Locke; KEYSER, Samuel Jay (Eds.). **The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. p. 111-176.

LAZZARINI-CYRINO; João Paulo; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai; MINUSSI, Rafael Dias. Sobre o conhecimento enciclopédico de gênero. Rio de Janeiro: **Cadernos do NEMP**, 2013, p. 105-117, v.4, ISSN 2236-9325.

LIDDELL S.; R. JOHNSON. **ASL — The Phonological Base. manuscript**. Published in 1989, Sign Language Studies 64:195–278, 1989.

LOURENÇO, G. SILVA, G. M. Verbos manuais em Libras: uma análise sob a perspectiva da incorporação (Handling verbs in Libras: an incorporation analysis). Belém: **Anais do IX Congresso Internacional da Abralin**, 2015. v. 3. p. 1716-1727. ISSN 2179-7145.

MEIR, Irit; PADDEN, Carol; ARONOFF, Mark; SANDLER, Wendy. Re-thinking sign language verb classes: the body as subject. In: QUADROS, Ronice Müller de. **Theoretical Issues in Sign Language Research 9**. Petrópolis: Editora Azul, 2008. p. 365-387.

MINUSSI, Rafael Dias; TAKAHIRA, Aline Garcia Rodero. Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais. Rio de Janeiro: **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. 2013. v. 9, n.1, ISSN 1808-835X 1.

PADDEN,C. **Interaction of morphology and Syntax in American Sign Language**. Doctor of Philosophy in Linguistics. Dissertation. San Diego: University of California, 1983.

PADDEN, Carol. **Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language**. Outstanding Dissertations in Linguistics, Series IV. New York: Garland Press, 1988.

QUADROS, R; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: UFSC, 2009a.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: UFSC, 2009b.

QUADROS, R.M.; PIZZIO, A. L e REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão (CCE) Centro de Educação (CED). Licenciatura em Letras/Libras na Modalidade a Distância, 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf>

RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia. **Compostos nas língua de sinais brasileira**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

SANDMANN, A. J. Morfologia Lexical. São Paulo: Contexto, 1990. In:_____. **Morfologia Geral**. São Paulo: Contexto, 1991.

SARAIVA, M. E. F. **O SN NU Objeto em português: um caso de incorporação semântica e sintática**. Tese (Doutorado em Letras). UFMG, Minas Gerais, 1996.

SEIFART, F. **The structure and use of shape-based noun classes in Miraña**. Tese (Doutorado em Letras). Radboud University Nijmegen, North West Amazon, 2005.

SILVA, Thaís Cristófaro. (1999) **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 254.

SOUZA, Guilherme Lourenço De; DUARTE, Fábio Bonfim. Caso e concordância em Língua de Sinais Brasileira: Investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, v. 18, n. 1, 2014. ISSN 1982-2243.

SOUZA, Guilherme Lourenço de. **Concordância, caso e ergatividade em língua de sinais brasileira: uma proposta minimalista**. PPGEL- UFMG: Minas Gerais, 2014. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-9KPPP4.

SUPALLA, Ted. **Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language**. Unpublished doctoral dissertation, University of California, San Diego, 1982.

SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette. (Ed.) **Typological studies in language: noun classes and categorization**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986. p. 181-214.

VELOSO, B. S. **Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

XAVIER, A; NEVES, S. Descrição de aspectos morfológicos da LIBRAS. **Revista Sinalizar**, v.1, n.2, p. 130-151, jul./dez.2016. ISSN 2448-0797.

ZWITSERLOOD, Inge. Word formation below and above little x: evidence from Sign Language of the Netherlands. In: DAHL, Anne; BENTZEN, Kristine; SVENONIUS, Peter. (Eds.). **Proceedings of the 19th Scandinavian Conference of Linguistics**. Working papers on language and linguistics. Noruega: Nordlys Tromsø University, 2003. v. 31.2 p. 488-502.